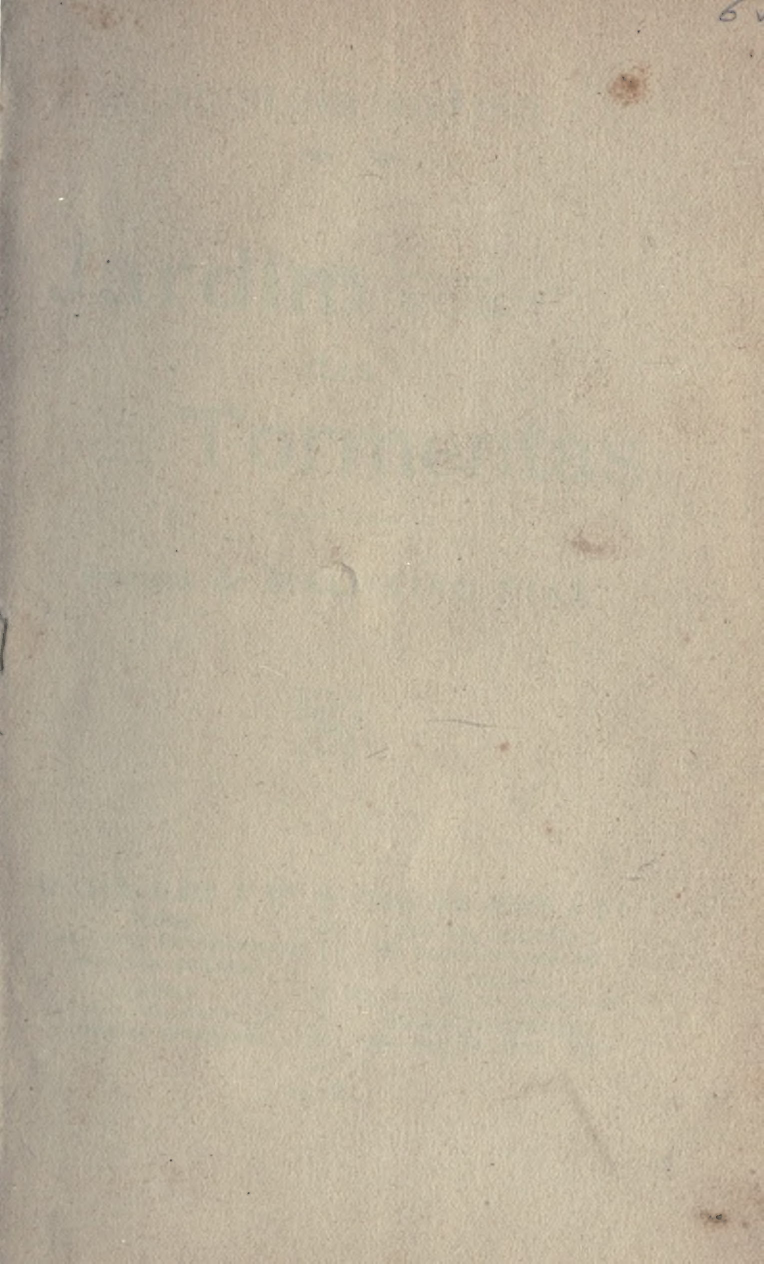

UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01442231 5



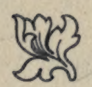




AQUILINO RIBEIRO

Jardim das Tormentas

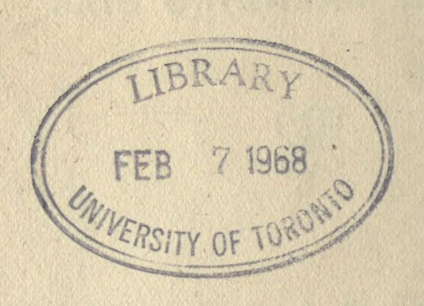
Prefacio de MALHEIRO DIAS



AILLAUD, ALVES & C^ia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

FRANCISCO ALVES & C^ia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

1913


LIBRARY
FEB 7 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Frau Dr. Tiedemann,
Fräulein Grete Tiedemann,
Herrn Dr. Tiedemann

in herzlicher Zuneigung — der Verfasser.

PREFACIO

Ao sr. Aquilino Ribeiro.

Acabo de voltar, lentamente, a ultima pagina do seu livro, como se me despedisse com saudade de alguem. Conservo ainda vivas as intellectuaes emoções que a sua arte me provocou. Esta ruma de paginas, humidas do prelo, considero-a como um organismo animado pelos seus pensamentos e apparatosamente vestido pela luxuosa belleza da sua arte. Um livro que se leu assim é quasi como uma mulher que se possuiu, em cujas temporas e em cujo peito, sob os nossos labios, sentimos palpitar as arterias e arfar os pulmões. Posso dizer-lhe de memoria os sitios mais bellos da sua obra, onde meus olhos se demoraram com mais regozijo, como um amante sabe lembrar-se das mais harmoniosas curvas, dos mais dôces beijos, das mais inebriantes caricias, entrevistas, sorvidos e partilhadas em um lindo corpo desejado.

Depois, porém, que desde a folha primeira á derradeira folha, os meus olhos indagadores, acompanhados pelo meu espirito enlevado, percorreram estas trezentas paginas onde mil sabores diversos se misturam, uma idéa, sobre todas as

minhas sensações de leitura, me obsidia. Ella é de que o leitor do seu livro se importará bem menos de saber o que penso das suas superiores aptidões de litterato, do que de conhecer os motivos que puderam conduzil'o a solicitar-me este prefacio dispensavel, concedendo-me a honra de o trazer pela minha mão obscura ao proscenio das lettras. Evidentemente, não foi a aura de um nome consagrado — tanto mais que o jacto electrico da celebridade hoje só illumina no tablado os Cagliostros e os Fra-Diavolos da politica... — que em mim procurou para adorno do seu livro, que de tal enfeite não carecia, tão sumptuosamente o trajou de estylo a sua arte eximia de esculptor de pensamentos.

Então, porque?

Porque, entre os tantos que na sua estima convivem, me escolheu a mim, esquecido novellista romantico, para que as minhas palavras coubessem no mesmo livro perto das suas? Porque havemos nós dois de nos darmos as mãos no atrio deste volume? Porque accidentados, sinuosos caminhos andou a sua sympathia atrás de mim para me encontrar neste isolamento agreste em que vivo? Que houve, que ha, que haverá de commum entre os nossos destinos, apparentemente contradictorios, para que assim tenhamos de apparecer juntos, numa alliança inverosimil, perante os que o affagam e me injuriam, diante dos que o louvam e me aggridem, em face dos que o exalçam e me deprimem? Como vae ser possivel explicar á intolerancia dos meus detractores — que são os seus apologistas, — este enxerto hybrido do prefacio

de um sobrevivente do passado no livro de um primogenito do futuro? E, se esquecermos a escandalisada platéa em borborinho, onde avultam os convertidos S. Paulos do regimen, e perante a qual comparecemos, para só a nós proprios nos interrogarmos, como haveremos, ambos exigentes como somos de verdades admissiveis, de justificar esta approximação ilogica?

Dir-se-ia, a um primeiro e superficial exame, que as nossas existencias, por seguirem trajectorias diversissimas, nunca se encontrariam. E comtudo, eis-nos aqui, fraternalmente juntos — e esta fraternidade não é a de Abel e Caim. — Porque? Nenhum de nós fez ás suas opiniões o minimo sacrificio em beneficio desta camaradagem. Eu me conservo fiel ás convicções em que se educou o meu espirito, e nellas venéro um patrimonio familiar. O sr. Aquilino Ribeiro não necessita de que eu venha servir de fiador á constancia inquebrantavel da sua fé de revolucionario. Hoje, como quando ha doze annos, ainda vibrando á decepção dolorosa que a minha juvenil iniciação na politica me custára, escrevia *Os Telles d'Albergaria*, — tudo o que em mim raciocina encara as revoluções feitas de baixo para cima como modos iniquos de subverter o que não se sabe corrigir. Fiquei sendo, irreductivelmente, um partidario da força consciente da intelligencia contra a intelligencia cega da força. Debalde tenho procurado, nas minhas pesquizas de Historia, constatar a pseudo-verdade de que os beneficios derivantes das revoluções compensam as calamidades que originam. As revoluções, mesmo as

mais pacificas, apparecem-me pululando de uma fauna moral aterradora. Para as féras que ellas geram, acaba sempre por ser preciso que a Providencia crie um belluario... pois que já não descem á terra os Orpheus.

Isto lhe não venho dizer para provocar, no vestibulo de uma obra litteraria, que eu deveria engalanar de loiros, myrtos e rosas, uma altercação politica, mas apenas para patentear a fundamental divergencia que, embora fazendo de nós antagonistas (nesta hora dominada, até á exhaustão de todos os restantes interesses sociaes, pela politica,) nos permitte a cordealidade indispensavel á reunião, aqui, dos nossos nomes.

Justamente, é esta circumstancia que dá excepcional e opportuna significação ao meu apparecimento na sua obra. Sem que seja preciso attribuir o seu convite a esse secreto empenho de dar um publico e salutar exemplo de tolerancia a uma sociedade concentrada e retrahida nas suas paixões, o facto de demonstrarmos ser possivel a dois adversarios politicos o darem-se cordealmente as mãos basta para desbanalisar este prefacio, que eu nunca saberia afinar pelas bellezas capitosas da sua obra de artista. E eu lhe quero, por isso mesmo, não só testemunhar o meu reconhecimento por haver arrancado da obscuridade o meu nome, dando-lhe um logar de immerecida evidencia no seu livro, mas tambem declarar-lhe que nelle me sinto á vontade, sem o mais leve constrangimento. É que nós somos, muito mais do que á primeira vista parece, semelhantes. Ambos pertencemos á familia, cada vez mais reduzida, dos que teem a

coragem das suas opiniões, dos que sabem sacrificar-se pelas suas crenças, dos que sabem viver e morrer com a sua fé. Esta identidade de caracter, que nos permitte, a si revolucionario, a mim conservador (e o meu conservantismo véla piedosamente a obra revolucionaria de meus avós,) entendermo-nos, explica melhor do que as mais engenhosas e subtis dissertações, esta attracção de sympathias.

Em uma carta escripta a uma fidalga sua parenta, narrando uma entrevista que tivera na sala dos carcereiros com um anarquista, a presa do Aljube, D. Constança Telles da Gama — que triumpho para os Javerts militares da republica uma tal captura! — escrevia estas profundas palavras : « *Afinal, elle é no fundo um pobre idealista como eu. Entre um anarquista e um carmelita ha apenas a differença de uma linha. Mas essa linha cobre um abysmo.* » Esta reflexão da neta de Vasco da Gama, que dorme numa dura enxerga, sob os mesmos tectos que abrigam as ladras e as mulheres perdidas, expiando o delicto indeffensavel de haver pretendido suavisar as inominaveis barbaridades da justiça politica, eu a posso applicar, quasi com propriedade, ao nosso caso.

Ambos nós sendo constituidos do mesmo ephemero e fragil barro humano, e ambos soffrendo dessa nobre enfermidade da alma, que é a sensibilidade artistica, ambos professando o mesmo religioso culto pela Belleza e tendo educado a nossa intelligencia na contemplação e na meditação das mesmas obras de arte, na leitura dos mesmos poetas e dos mesmos philosophos, como seria possivel

que a nossa visão de harmonia social resultasse diversa? Positivamente, aspiramos — o antigo e heroico preso da esquadra do Caminho Novo, e o antigo e laborioso chefe de gabinete de um ministro, — a finalidades identicas. Os nossos itinerarios variam. A nossa marcha differe. Eis tudo. Emquanto um de nós, na ancia de chegar mais depressa, fustiga os corseis da sua rheda de bronze e vae, como um furacão, derrubando o que encontra na passagem, o outro — e este sou eu, — caminha com cautela, para não esmagar as formigas e não assustar as abelhas.

Eu não acredito no dogma democratico, ou, para melhor me exprimir, não acredito que a democracia brote de uma simples formula de jurisprudencia politica. Vejo na Historia que de todas as vezes que um regimen se implantou para fazer, designadamente, democracia, sempre produziu demagogia. Foram, porventura, egualdade, fraternidade e liberdade que resultaram da revolução portentosa de França? Ah! que não! Foi uma modalidade diversa do despotismo. Creio, contrariamente, que a democracia, a unica não theorica, demonstrada pela egualdade de todos os cidadãos perante a lei, pela liberdade amplissima de opinião e pelo exercicio authentico da soberania popular, só pode derivar de uma organisação social a que presida a disciplina, sob todos os seus aspectos externos e intimos, de harmonia e de hierarchia. Como os exercitos, os povos sem organisação e sem chefes, onde sejam os soldados a mandar, esboroam-se na lucta. Não ha nada menos democratico do que a revolução. A revolução é a tyran-

nia voltada do avêsso. Se eu, braviamente cioso da minha independencia, como sou, tivesse de optar entre o jugo das aristocracias e o da plebe, sem hesitar preferiria aquelle. Concebo que de uma aristocracia, como na Grecia e em Roma, se possa fazer uma democracia. Mas que uma obra harmoniosa possa sahir das confusões plebéas, não!

Estas cousas não as comprehenderá o nosso infeliz, desvairado irmão jacobino. Mas o pensador insigne que, depois de em plena crise de exhuberancia juvenil, ter ajudado a carrear os materiaes para a revolução, se impr gna da coragem mental para escrever essas vinte e duas paginas que delimitam o *Jardim das Tormentas* (1), esse me comprehenderá... E eu lhe digo parecer-me que, se essa obra de vacuidade e de instabilidade, cuja confusa, asymetrica *charpente* continuamente vejo em riscos de desmoronar-se (e a que ambiciosamente se chama a democracia portuguesa), tem ainda probabilidade de equilibrar-se, essa consiste no appoio que venham a dar-lhe os aristocratas da intelligencia. É para essa aristocracia que terá de apellar a nossa incongruente republica de escaravelhos. Só as *élites* são productoras de obras perduraveis. Um edificio feito de escorias não se aguenta. Eu sempre sorri, com altivo despreso, para as ameaças da ignorancia. Só o talento governa o mundo. Essa omnipotencia tem, ás vezes, os seus eclypses. Sobre ella projectam, ás

---

(1) O conto « A Revolução », a pag. 293 do volume.

vezes, as suas sombras, a irracionalidade e o delirio. Mas a mobilidade é a propria natureza das sombras. Ellas passarão...

O sr. Aquilino Ribeiro é, essencialmente, estructuralmente, um aristocrata. Para o affirmar com esta segurança não me é preciso consultar a sua arvore genealogica. A sua aristocracia não é uma aristocracia physiologica, pois parece que ha d'isso... Mas porque é uma nobreza de mentalidade e de sensibilidade, ella representa um *valor social* influente. E' com esses valores que a democracia poderá, depurando-se, enobrecendo-se, civilisando-se, emancipando-se das luctas atrophiadoras do fanatismo revolucionario, desembaraçar-se da sua tunica de Nessus.

Lendo o seu livro, como ao meu espirito acudirá ao espirito do leitor a famosa sentença aphoristica : *Ceci tuera cela* — pois, como eu, elle ha de recusar-se a acreditar que esse, ao mesmo tempo delicado e poderoso organismo de sensibilidade intellectual, que é o seu cerebro, possa admittir como interpretação de uma felicidade social, embora humilima, o que até hoje produziu a revolução.

A republica está necessitada de uma *élite* dirigente, que a civilise, que a traga das suas abstracções furibundas ás realidades humanitarias; e por todos os motivos a sua distincta intelligencia e o seu tirocinio de civilização naturalmente o indicam para ser nessa classe — e porque não nessa casta? — uma figura de insinuantissimo relevo.

Este livro o testemunha.

Poucos, talvez, tenham a admiração mais pro-

diga do que eu; mas ninguem tem a lisonja mais avara. Admirar é um dos predilectos recreios do meu espirito. Lisongear é um dos irreprimiveis aborrecimentos do meu caracter. E posto isto, eu lhe quero declarar, sem mais formalidades, sem cuidar em pensar se estes dizeres o sensibilisam ou ensoberbecem, que esta linguagem vibratil, nervosissima, onde ha cordas sonoras que vibram ás ondulações mais imperceptiveis, dos seus contos, sôa aos meus ouvidos como a linguagem de um Cellini da prosa, e quem a escreveu na sua edade juvenil é, desde agora, um dos grandes *virtuoses* do estylo.

Mas são bem, na verdade, contos todos os seus contos? Não se melindrará a sua presumpção, se eu lhe disser que como taes a alguns não considero? Os seus entrechos revelam-se tão frageis que se quebram antes de chegarem ao fim. Pulverisam-se. Lembram-me repuchos de crystallina agua, que no cume do jacto se desfazem numa humida e irizada poeira. A sua acção, como o jorro d'agua, eleva-se impetuosa, mas logo, mal as illuminações dos seus pensamentos a toucaram e a matizaram, dilue-se num nevoeiro radiante. As suas acções são, por vezes, méros themas symphonicos para desenvolvimento de motivos orchestraes. Assim, no conto *O Satyro*, a narrativa da noite com seus trillos de aves, os seus suspiros de rouxinóes, os seus sussurros maviosos d'aguas e as suas aragens balsamicas de floresta e de jardim, a narrativa do auto de fé e a de D. Mafalda no leito me apparecem como pinturas litterarias da mais esplendida inspiração,

quer na originalidade primorosa da composição syntaxica, como na vibração emocional que as electrisa. Pelo arranjo e cadencia do estylo, esse seu conto me lembra o do *Enforcado*, do Eça. E já que este nome prestigioso do grande artista, a cujo cadaver mãos profanadoras empalmaram a herança que o seu genio legára á viuva e á filha, desceu a esta epistola, eu lhe quero mais dizer que outro escriptor ainda em Portugal como o sr. Aquilino Ribeiro não conseguiu surprehender e applicar os segredos da sua esbelta e fina prosodia e da sua adjectivação elegantissima á sonora linguagem portuguesa. Com a sua imponderavel a imanente lição de arte, Paris parece adextrar as pennas dos homens de lettras por via de uma suggestão imperiosa...

O que a civilisação fez em tão breve tempo de si, meu amigo! De certo, para que toda a orchestra dos seus sentidos assim attingisse este gráu de afinação, é que os instrumentos eram excellentes. O sr. Aquilino Ribeiro tinha em si estradivarios... E elles começam soando maviosamente, exhalando notas que extasiam! Mas, para quem imagina estar escrevendo as suas sábias symphonias de palavras? Porventura acredita que exi tam na republica duas duzias de sensorios organismos que o entendam? Ha, para exemplo, no seu conto irregular, se bem que prodigioso, a que chamou *Inversão Sentimental*, harpejos de pensamentos penetrantes, no estylo dos de Anatole France no *Lys Rouge*, que sendo do melhor que a sua argucia produziu, hão de sempre ficar para os seus leitores portugueses incomprehensiveis. Nessas pagi-

nas deixou, pelo contraste entre a *Surflamme* e a nacarada *Ninette*, a mais surprehendente, subtil anotação do instincto voluptuoso da mulher, que de ha muito meus olhos de leitor teem encontrado em tantos livros folheados, percorridos com tedio ou com deleite. Viu por dentro, com o espéculo, todo o mysterio do sexo inimigo. Ter uma mulher, possuir uma mulher de temperamento libidinoso, integralmente, desde o mais imperceptivel arripio da carne ao mais volatil pensamento do cerebro — eis aqui uma ambição que só ainda o homem prehistorico, que é o português, pode abrigar, e que só elle talvez possa obter de alguma *Ninette* da provincia. Quanto mais avança no espaço social e no tempo, mais a mulher se intensifica em sensitiva, á qual se não adaptam já as obsoletas regras da analyse masculina... Tenho eu um amigo, especie de Musset fundido em arabe, que amou até ao delirio uma dessas mulheres sensitivas, que o adorava e mentalmente lhe era infiel a cada instante. « Tira-me d'aqui — dizia-lhe uma noite, num *cabaret* de Montmartre, essa amante escrupulosa. — Pois tu não sentes que sem deixar de amar-te, os meus sentidos te atraiçoam a cada perfume que passa, a cada caricia que surprehendo, a cada olhar de vicio que descubro? » E este homem feliz, que possuia esta feminina *avis rara*, era infeliz como um pobre tôlo... Na aspiração da sua *Surflamme* de ter mil almas... para dar quinhentas ao seu amante, guardando as restantes quinhentas para dissipar á tôa, o sr. Aquilino Ribeiro desenhou toda a mulher na contextura mais intima da alma. Não

tento sequer a empresa árdua de refazer, com variantes de palavras, nesta prolixa referencia, as suas subtilezas analyticas. Desejo apenas entremostrar-lhe que as entendi e saboriei.

Tão pouco me atrevo a revistar e inventariar os encantos e as intenções de cada uma das doze peças litterarias que constituem o seu livro.

Se me atrevesse a entrar nesse labyrinto de belleza, só depois de demorada excursão conseguiria encontrar a sahida. A sua obra não é das que necessitem de um cicerone e a mim se me afigura impertinente pedantismo apregoar como num leilão as joias do seu estylo e applicar-lhes a lupa de uma enfatuada analyse para quaesquer avaliações estimativas. O escriptor que trás á litteratura portuguesa esses quatro contos que são *A Hora de Vésperas*, *A Péle do Bombo*, *Tu não furlarás* e *O Remorso*, fica-lhe desde esta hora devendo um romance regional onde formigue, reanimada pela vida do seu talento, toda a comparsaria rustica da Beira, pois me é preciso ascender até ao Dostoiewsky dos *Irmãos Karamasoff* para encontrar, na videncia genial que dos humildes possuia o espantoso slavo, um termo de comparação para algumas das suas pinturas vehementes de almas. Por menos que se affeiçoem ás minhas predileções de impenitente idealista os assumptos em que de preferencia se exercitam as suas curiosidades inexoraveis de analysta, e embora deplorando vêl'o desperdiçar um thesouro opulentissimo de imagens com um velho thema como o da satyriase sacrilega do arcebispo de Cordova, que a sua mocidade aproveitou para entoar um hymno

glorificador á sensualidade, o sortilegio da sua frase permanentemente me enleva. Paginas como a da descripção da cathedral, nesse citado conto; quasi todas as que compoem o *Voluptuoso Milagre*, de uma tão atilada philosophia, vertida numa prosa sonora em que se cuidam ouvir reminiscencias auditivas do rythmo magestoso de Flaubert; e as desse elegante *Solar de Montalvo*, cuja acção, tão magistralmente conduzida, lembra a do *Barba-Azul*, são veridicas obras-primas.

As lettras portuguesas possuem hoje mais um admiravel artista, que se incorpora na dynastia dos grandes escriptores. Eu me considero feliz, sr. Aquilino Ribeiro, de admiral'o e de estimal'o, pois são para mim ineffaveis prazeres — e tão raros vão sendo, — o poder admirar e o saber estimar.

CARLOS MALHEIRO DIAS.



A CATEDRAL DE CORDOVA

A CATEDRAL DE CORDOVA

Nessa manhã, Rafael de la Ronda pôs-se mais cedo, que de costume, a caminho da catedral. Não se deitára o clerigo, entretido com uns negociantes de cavalos no regabofe da *Chica Menuda*, o mais afamado alfôbre de mulheres d'Andalusia. Apetite sentia Rafael de entrar em sua pousada, mas receava aquele somno que ás vezes o atava na cama como um morto na tumba. E era protesto seu não dar mais aso á cólera do arcebispo que, farto de censurar-lhe os habitos de tresnoitado, frascario e calaceiro, ameaçava destitui-lo das funções que desempenhava na catedral. Ainda que abatido e tropego de somno, Rafael, querendo recuperar por sobejos de zelo a confiança que perdera com relaxado desleixo, antecipava-se naquele dia de duas boas horas.

Estava uma manhã clara e branda, como se o ar fôsse um vapor translucido de alvaiade. Os saloios das cercanias vinham, de burros carregados, sortir a praça. As portas descer-

ravam-se lentamente e raparigas, em fralda, apareciam nas soleiras a sondar a manhã.

Aos tropeções pela rua matinal, Rafael remoia a censura que o arcebispo lhe infligira na véspera, satisfeito no entanto por naquele dia ser cumpridor de seus deveres :

« — Rafael — disséra-lhe monsenhor — a catedral é delicada de mais para tuas mãos. Aqui exigem-se mãos de homem, que sejam finas e buliçosas como mãos de mulher. Tu não és desageitado, mas és indolente e pouco pontual. Chegas tarde, a caír de somno, e tua bôca rescende á aguardente e ao pecado como a porta duma taverna. Eu sei a vida de perdição que lévas, Rafael. Tu jogas os dados, galanteas as mulheres de má vida, e dás-te á embriaguez e *vinum memoriæ mors*. Tu desmazelas a casa do Senhor, os altares sam arranjados sem arte, as flôres murcham nos vasos; tu não apáras sequer a monca dos cirios. Ha dias o fogo pegou num retabulo do divino Cespedes por culpa tua, Rafael. Deus não me perdoaria se fechasse os olhos a tanta incuria. Escuta : se a partir de amanhã não tiveres emenda outro virá ocupar o logar. A's 8 horas as portas da catedral querem-se abertas de par em par; ás 9, hora a que vêem os conegos dizer missa, as galhetas devem

estar cheias e as luzes acesas; não quero ver um grão de poeira, é preciso que a casa do Senhor esteja sempre limpa e espelhada como um prato antes de se comer. Comprehendes, Rafael? Serei inexoravel, porque bem sabes *homine imperito nunquam quequam injustius*.

Rafael tremera pela primeira vez deante da figura amarela e esqueletica do arcebispo D. Bazilio Luna y Manrique, que, como uma tocha d'altar, via a olhos vistos derreter-se, minguar e correr para o apagamento. E protestára dali em deante ser exacto, cuidar da casa de Deus com esmero de dôna e ter bem escarolados os altares, sobretudo a capela de Santa Catalina, a virgem predilecta de monsenhor.

As razões do arcebispo calaram no animo do clerigo; mas se o coração era docil os sentidos andavam relapsos. E, passando á bôca da noite em fronte das gelozias da *Chica Menuda*, sua vontade não pôde resistir ao convite que castanholas e pandeiretas lhe lançavam de dentro.

Depois que entrára ao serviço da catedral Rafael mudára de proceder como os lobos trocam a côr do pêlo segundo a côr do mato. Até os trinta annos, edade em que o mui

sabio e virtuoso arcebispo o investira no cargo de bedel, nunca um apetite menos casto toldára seu corpo casto. Conhecia o mal do mundo porque a santa escritura lhe falava da fornicação dos patriarcas, dos adulterios de David, e dos roubos ao pobre; mas em seu espirito não havia curiosidade, nem em sua carne o apetite de provar o engodativo travôr do pecado. A legenda doirada dos santos fortalecia-o no desapêgo mundano, despertando ás vezes de seu scismar em longinquo jardim, bemaventurado entre os bemaventurados. Mas nem esta presunção era pecaminosa porque sua alma era diafana como a hostia dos sacrarios. A santidade de seus costumes rescendia mais que um campo de lirios; seus labios abendiçoavam o justo e intercediam apaixonadamente pelo pecador.

Se lhe diziam: Rafael, os conegos da catedral vivem na mais desenfreada luxuria, com mancebas e filhos á beira, ele respondia: « não murmureis, que o demonio põe ás vezes á virtude a mascara do pecado e ao pecado a mascara da virtude. Ele anda para confundir os homens, tendo na mão a manta que duma ponta cobre doutra descobre. E onde está o justo que possa jogar-lhes a primeira pedra?»

Suas virtudes fragrantes e a graça com que

enfeitava os Presepios valeram-lhe o logar de bedel no dia em que o antecessor falecera de surda e estiolante molestia aos 40 annos de edade.

Na floresta inebriante dos marmores Rafael sentiu-se logo de principio desgarrado, muito longe das sagradas letras e de si. Um murmurio suavissimo, que nem era da terra nem do céo, errava no ar morno, levantando um echo dolente em seus sentidos. O jogo tenaz das linhas, sempre renovadas e sempre fugitivas, alucinava-o; as perspectivas a perder de vista faziam-lhe esquecer que era um numero movendo-se no espaço. E as formas, na combinação infinita da eliptica á horizontal, azoratavam-no em seu bailado sem fim.

Rafael, nas horas de crise, procurava o abrigo de Christo, apaziguador e dorido; mas o Christo na capela gothica, talhada em plena floresta arabe, tinha o ar confuso e azougado dum santo na casa duma cortezã. Para lhe elevarem o altar sessenta columnas haviam sido derribadas. Mas a traição luxuriosa da floresta sussurrava em volta, em toda a esbelta sensibilidade das palmeiras, em miragens de luz, num torvelinho de emoções indecifraveis. A voz austéra do evangelho

era abafada pelo cicio lento e extenso da floresta. E Rafael, envergonhado, não se fazia ouvir do Christo envergonhado.

Depois á medida que se introduziu na intimidade do templo a transfiguração operou-se : seus sentidos falaram. A catedral era grande como uma veiga mas delicada e voluptuosa como uma rapariga. Ela encantava com o sorriso das tintas e a rima sonora das columnas para melhor descer ao sentimento.

Os arabescos e o entrelaçado dos arcos eram o artificio que tresloucando a imaginação a conduziam ao sonho. E sonhar nela era cair no redemoinho carnal e sôfrego da vida.

A catedral, lentamente apoderava-se dele como a teia d'aranha da môsca. Figurava-se a Rafael que as mil columnas de veias verdes e violetas não eram apenas frageis emparos de marmore; que eram mil braços de mulheres que se haviam enterrado no solo ao peso dum gôso, gemendo uma lêda harmonia; que os capiteis eram as mãos crispadas num mavioso côro de suplicas; que os desenhos, que cobriam os muros, eram a poeira luminosa de seus beijos, irradiando em mil centelhas orquestraes. Por toda a parte, da fraqueza amorosa dum detalhe ao galope aereo dos arcos em ferradura, a enfiteiçada musica zumbia.

Rafael via-se arrastado por mão misteriosa num mar desconhecido, onde vágas de gôso brandamente soluçavam. Os olhos do Christo não o chamavam. Tremia mesmo no fragil esquife gothico, Ele que passeava sobre as ondas. A ideia christã apagava-se, medrosa, na catedral como um laparo num covil de serpentes.

Os sentidos de Rafael um dia trasbordaram com o impeto selvagem duma força reprimida e acumulada. No repululamento infinito dos fustes de porfiro e jaspe, dos arabescos torturados, do tropel dos arcos, descobriu as formas esbeltas das mulheres que dansavam nos jardins de Sevilha. As piscinas, onde dormia a agua-benta dos esconjuros, revelaram-lhe inquietantes curvas de volupia; nas urnas a linha cheia e quente das elipses — a vigorosa sinuosidade dos troncos virginaes. A mulher deparava-se-lhe nos mil reflexos do templo. Ao começo satisfazia-o o exercicio voluptuoso da fantasia. A catedral era a amante, que lhe entretinha os devaneios e a febre. Depois, vorazmente, Rafael desceu a saborear o deleite, o vinho, a hora desenfasteada. E convertera-se deste modo no mau servo, arrepelado de luxuria, comido de vicios.

Voltando á primeira condição, Rafael implorava o Eterno :

— Senhor porque me abandonastes? Meu coração era simples e um altar de perene inocencia á Vossa Gloria ! !

Porém o Christo, d'olhar embaciado, não o inflamava na sede morigerante de contrição.

Assim, apezar dos protestos de emenda, acabava de amanhecer no meio das gitanas da *Chica Menuda.*

Para o alto a luz distendia-se, invadindo a opacidade lilaz da serra e as torres mutiladas; as muralhas e o minarete de S. Nicolás recortavam-se na brancura fluida do ar. No rio os moinhos moiros espadanavam a agua febrilmente.

Rafael cortava a direito nas ruas, onde um gerico de quando em quando passava tangido por um garôto, toc, toc, carregado e veloz. San Nicolás erguia já alerta sobre o rebanho baixo das casas o campanario esguio. Num pateo um ferrador ferrava um macho, cantando :

Ribera de Duerro arriba
Cavalgan dos zamoranos...
. . . .
Ai ! cavalgan dos zamoranos...

A torre de Malmuerta despediu seis horas, muito cristalinas e muito lepidas no ar immovel. E como uma palavra ouvida de passe os sinos nostalgicos de San Pedro el Real, de San Pablo, da Colegiata, atropeladamente responderam. As casas, a gente, a luz, ergueram-se no banho despertador das ondas sonóras; Cordova persignava-se.

Quando Rafael chegou ao Pateo das Laranjeiras a purpura creadora do dia estalava no oriente. A catedral tinha ainda um ar de somno, de janelas extintas e pilastras serrilhadas envoltas em sombras. Muito alta, a torre christã invejosa bebia o primeiro sôrvo de sol.

Com a chave que sempre trazia consigo abriu a porta da sachristia e entrou. Havia dentro uma paz morta e suave, que nem os olhos abrazados dos paineis de Cespedes, nem o luar das patenas e calices d'oiro perturbavam. A passos mansos e religiosos penetrou Rafael na vegetação luxuriosa das naves. A poesia enfeitiçadora da catedral era mais penetrante áquela hora matinal dos repousos. Havia ali a luxuria carregada dos palmeiraes antes de serem devassados pela bôca da manhã. As arquivoltas e as columnatas, mais emmaranhadas, assumiam formas trans-

cendentes de éden. Os azulejos rolavam-se e desenrolavam-se como paixão opressa que gira sobre si, afasta-se por veredas que parece conduzirem longe e não saíram do centro. Como uma molháda de lirios os marmores suavam um leite incolor, fundido.

Rafael ficou numa das naves, perplexo; em frente do tabernaculo de prata, na capela christã, a lampada ardia á eterna gloria — mas era uma luz apagada e fatua semelhante a pirilampo em selva espessa.

Rafael ia caminhar para lá a passo resoluto, quando lhe pareceu ouvir o sôpro estrangulado dum suspiro. Suspendeu-se, d'ouvido á escuta, alarmado. E uma brisa mansa de beijos e gemidos chegou até ele, perfidamente conduzida no reflexo acustico das abobadas. De vagarinho, rodeou a capela gothica do Sacramento; o esforço arquitectural arabe, desdobrando-se em largura, dilatava o bosque de marmore a perder de vista. As capelas lateraes sossobravam na sombra, mal luzindo a toalha dos altares e as rendas despenhadas em bategas finas dos muros esculpidos. Para lá da capela do *Señor de Valenzuela* o ruido, subitamente, tornou-se lucido. Era bem a queixa rendida dum namorado. Descalçando-se e esmagando o arfar do sangue,

Rafael marchou a passos cautelosos entre os pilares e na sombra dos arcos. E para a esquerda da *Puerta del Pardon*, numa capela que uma fresta banhava, a scena desenrolou-se a seus olhos, clara e abominavel.

Trepado sobre o altar, D. Bazilio Luna y Manrique, o prelado, gemia contra o corpo palido e amoroso de Santa Catalina. E era todo um abraço lubrico, cheio de fogo e de estimulos, áquele seio sensual da Renascença. Cingia-a, afagava-a, desesperando-se a animar com beijos e soluços o marmore frio, incorruptivel e incorrespondente. E sua dôr, como um vendaval, estorcegava-se contra a imagem, que o cobria dum olhar enigmatico e radioso.

Rafael, arquejante, palpitava daquele calôr lascivo que devia penetrar a pedra. E, empolgado, ficou a gosar daquela voluptuosidade sangrenta, em que havia toda a luxuria da posse e todo o ardôr contra o inapoderavel. Pela primeira vez sentiu a beleza inquieta de Santa Catalina, de linhas veladas mas perceptiveis, de rosto candido mas estranhamente acariciador, de ondulações que escondiam a carne e desafiavam a vida. E, evocando todo o influxo da catedral em sua alma, comprehendeu aquela estatua

do seculo XV e a mão divina que a cinzelára. Como ele, o artista fóra penetrado do espirito voluptuoso e humano da catedral. Vibrára aos acórdes languidos das naves e á linguagem imaginativa dos arabescos. Sentira os braços femininos estacados contra o céo e a cavalgada louca dos sentidos impressa no galgar dos arcos. Sua alma infiltrada dos simbolos creára a estatua; e ela não era a santa que vinha do céo e entretinha os homens com o céo, era o genio da catedral, o verbo feito carne. A estatua fôra feita para o templo e por isso era dele uma emanação, um suave harpejo na sinfonia dos marmores.

Nos braços de Santa Catalina o arcebispo continuava a chorar lagrimas mansas que lhe corriam em fio sobre as faces, secas como a tampa duma tumba, e dahí sobre o seio da virgem. Nas orbitas as meninas dos olhos luziam-lhe como de corvos esfaimados. E beijou-lhe o peito, aquele peito que arfava por Deus e continha tredos filtros de morrer; os labios, linha subtil de sibila, que tanto prometiam como negavam; a fronte, em que reunia á paixão o enigma da verdade moral. Agradecia-lhe assim ter-se rendido e te-lo consolado em acção e pensamento.

Rafael decifrava agóra o misterio profundo da vida do arcebispo. Via-o consumir-se dia a dia como um cirio do altar; sua carne derretia-se e seus musculos estalavam como guita pôdre; quando passava, curvado e esqueletico por entre os marmores e os tumulos, dir-se-hia um cadaver ambulante a procurar o seu tumulo; a fraqueza que revelava para com a barganteria de Rafael era a fraqueza da cumplicidade; a preferencia pela capela de Santa Catalina a incendida febre dum amor sacrilego. O arcebispo era o escravo obediente e alucinado duma paixão inhumana.

Repentinamente, sobre a crise d'extase, as naves iluminaram-se. Um raio de sol veio pela janela banhar o grupo voluptuoso do prelado e da divina amante. E aquele raio de sol foi como que uma apoteose á eterna beleza, um apoio tacito ao fremito angustioso da carne pecadora. Sob o oiro da luz a tez palida da santa coloriu-se, as pregas do manto desembrulharam-se numa assumpção de vida e de fôgo. E os labios da virgem suspiraram sob os labios do padre, juntamente entoaram com o côro mitico dos marmores um hossana altissimo. O milagre operava-se : a imagem incarnava contra a alma abrazada do homem.

Rafael deitou a fugir, a tremer todo como um palacio incendiado, havendo-lhe caído as escamas dos olhos. Surprehendera o segredo do templo e ia dizê-lo aos homens: era preciso arrasar a catedral, o monstro ebrio de sangue e de voluptuosidades. Ela prevertia e esmagava as flôres mais cheirosas da seára christã. Lentamente bebia-lhes com a fé em Deus o sangue das veias. Enfeitiçava-os para melhor os devorar.

Sobre a fuga, a floresta dos marmores murmurou-lhe :

— Rafael, é a vingança ! Aqui era o jardim da beleza e á força tornaram-no em templo de Christo. Que ergam altares christãos no nosso seio, que esmigalhem nossas linhas voluptuosas sob a argamassa, que nos façam em pó, nós cantaremos até a eternidade a alegria de viver e de amar. E' a nossa vingança, Rafael, quebrar as almas grosseiras dos sacerdotes; é a vingança da Beleza, é a vingança da Vida !!

Lá fôra o sol doirava tudo; no campanario christão da catedral os sinos chamavam as almas !!



VOLUPTUOSO MILAGRE

VOLUPTUOSO MILAGRE

Per manus autem apostolorum fiebant signa et prodigia multa in plebe.
(*Actos* — cap. V, v. 12.)

A' borda do mar de Genesareth, um bom pedaço antes de Tiberiade, vivia uma velha muita velha, que fôra noutros tempos a serva dum levita. Era ali um sitio descampado onde não havia beira nem ramo d'oliveira. A curva fugidia do lago estendia-se para uma banda, para outra o deserto onde as quadrilhas da Samaria passavam a galope, acossadas pelos galileus. Fóra disto apenas um ou outro caçador de gazelas transitava por ali.

A boa mulher vivia numa cabana abandonada por leproso ou profeta ha tanto tempo que tinha já a forma adormecida e eterna das rochas á beira dos caminhos. Mirrada, aérea, quasi não a viam os ladrões da Samaria e é natural que a morte pas-

sasse por lá sem a ver. Ao pé de casa, entre duas penhas, havia uma horta onde as couves emmagreciam. Mas eram uns tristes palmos de terra, sem a guarda religiosa duma palmeira nem a voluptuosa meditação dum poço. O sol e a geada, alternadamente, caiam lá e calcavam tudo como patas de cavalos. Nas tardes serenas subia do lago o rumor da faina, farrapos de vozes, e toda a immovel melancolia do deserto palpitava.

Pelas visinhanças do Pentecostes e da Pascoa, a velha espreitava da soleira da porta as nuvens de pó nas estradas distantes. Nessa epoca as caravanas atravessavam por ali, pesadas e imponentes de mil alforges de mercadores e de corcundas de camelos. Os pobres das aldeias saíam-lhes ao encontro e punham-se a marchar atraz da vaga farta, prodiga de vitualhas, com o faro na esmola expiatoria que os ricos iam largar a Jerusalem.

A velha de Tiberiade aproveitava a primeira caravana que passasse e lá ia na cauda, entre enxames das moscas, para a Cidade Santa. Oito dias e oito noites, á porta do Templo, a sua mão estendida gastava a beatitude talmudica dos barbaçudos armadores de Sidon e dos elegantes patricios de

Damasco. Cheios do Santo dos Santos eles apanhavam a tunica para não roçar a vaga immunda dos pedintes e com nojo lhes cuspiam o obolo. A turma enovelava-se, mordia-se para pilhar a execrada moeda romana. E uma feroz batalha se travava ante os olhos divertidos dos fariseus e dos legionarios, com grande ira dos vendilhões que expunham bugigangas de olaria nas escaleiras do Templo.

Ao fim das festas, quando as tendas de petiscos e de curiosidades levantavam, a velha subia a jornadas cautelosas o caminho da Galileia. Tinha as pernas moídas das refregas e o seu passo era indeciso e turtuoso, palpitantemente furtando ao palpite das quadrilhas sua laboriosa colheita. Com ela e as migalhas colhidas no pateo dos ricos rabinos enganava o passadio e pagava o imposto aos cães dos romanos. Estes batiam-lhe á porta nos fins do outomno, quando as cabras começavam a parir. Capacetes ferozes de bronze escoltavam o pergaminho do censo. Mesmo ali no deserto Cesar não se esquecia dela; ela porém só ás lançadas é que contava o tributo aos edis de Cesar.

Afóra o olho oficial ninguem dava tento nela, tam mofina de si e desprezivel das coi-

sas, que só na terra não seria mais sósinha. Corria a fama de que na sua vista havia as peçonhas perigosas que empecem o curso das horas afortunadas. Por este motivo se resguardavam dela como de leproso e a corriam á pedra para longe do povoado.

A velha, como estava habituada ás maldades do mundo, não sentia estes enxovalhos. A constancia com que se repetiam déralhe á alma esta inercia onde nada de fóra pode fazer móssega. Mas na soledade repassava como um rozario todas avarezas que a vida tivéra com ela. Fôra ela um destes corações simples que passam do berço á cova inapercebidamente. Os annos deslisam silenciosamente sobre eles, empoeirando-os apenas como aos livros veneraveis da Lei na estante dos doutores. Depois só lhes resta a grande melancolia de errar no vazio immenso do passado.

A velha de Tiberiades nunca conhecera as alegrias e dores selvagens que embalam a vida. Por uma passagem doce e subtil, como só ha nos sonhos, descera ao deusdará da indigencia. A sua historia podia ilustrar para um levita a profunda parabola dos abandonos : morria sem ter tentado viver.

Ás vezes perguntava seu entrançado scismar:

— Porque não fui eu rapariga?

Mas a sua simplicidade não lhe sabia tornar resposta.

Seus olhos porêm entráram um dia a debruçar-se sobre o misterio das energias creadoras. As aves, as arvores, as lagartas da horta lutavam até atingir o apogeu insaciavel de viver. Era para esse ponto uma corrida delirante e sanguinaria. E bebiam até as fezes a hora voluptuosa de seus destinos.

A vida era assim um ciclo fatal que algemava os seres mas de que eles eram sofregos e que eles aperfeiçoavam. E pareceu-lhe entam que é o homem que faz a vida, que faz os destinos, acima da ordem já estabelecida. E depois disto pensou suspirosamente :

— Ah ! se eu podesse ser outra vez moça !

* * *

Um dia ao anoitecer, caía o sol detraz dos montes, estava ela á porta desfiando seus cuidados. Dos horizontes religiosos de Cafarnaúm uma nuvem avançava cheia de negros guerreiros e armas negras. Sobre

Tiberiade o fumo das cosinhas adensava-se rescendente dos odores embalsamados dos cedros e dos tamarindos. Lago e estepe cruzavam um olhar de infinita tristeza. O crepusculo trazia todas as melancolias da terra e soltava-as sobre a alucinação do deserto.

Estava pois a velha acocorada na soleira da porta quando um mendigo se chegou a ela e lhe pediu dormida. Vinha arrimado a um bordão, a sua barba e os seus cabelos ruços eram de nazareno porque escorriam abandonadamente em fio.

Repetiu o santo-homem a cantilena e ela, vendo-o tam mesquinho, de suã abatida e uma doce cabeça de jumento, lhe concedeu pousada não obstante estar a almotolia na ultima gota e na arca não haver mais que meia tigela de farinha. Depois de cearem e renderem graças ao Senhor o pobre alapardou-se ao borralho e adormeceu. De madrugada, ainda a primeira gaivota não sulcára os ares, a velha acordou a umas pancadas que batiam no frontal.

— Santinha de Deus — disse o velho — aboletaste o mendigo e o mendigo quer deixar-te uma lembrança. Pede uma coisa que seja ela qual fôr te será concedida.

A mulher veio logo em fralda, estremunhada e, como a Galileia era a terra dos milagres, acreditou de boa fé.

— Pede — tornou ele — que não pedirás em vão.

Ela sorriu um sorriso engelhado de cincoenta annos e respondeu :

— Quero, quero ser rapariga.

Ficou o homem muito despeitado por ela não ter escolhido a salvação ou um pêlo da barba de Isaías, mas palavra dada não volta atraz.

— Bem; mas para isso preciso de te cortar em bocadinhos, moer, moer até ficares em borra e pôr-te ao lume a coser.

Cheia de medo a mulher ficou perplexa. Uma grande força opunha-se nela ao gelado misterio da morte. O advento das felicidades estava para lá duma hora de não ser. Porque lhe custava pois transpôr a ponte das existencias?

— E' o curso proprio de teus desejos, mulher, a cadeia que te prende — proferiu em voz paternal o velho, que parecia ler a descoberto nos corações. — E's o joguete do pensamento porque ele é o creador e o immortal. Escolhe segunda vez.

Mas visto que a vida lhe fôra revelada ela

queria exerce-la. A curiosidade de conduzir as energias creadoras inebriava-a. Afeiçoaria a vida na ancia de querer sorvendo até a derradeira gota a hora voluptuosa de seu destino. Levou tempo mas decidiu-se por fim a mulher. Ah! mas estaria muito tempo feita em postas?

— O tempo que fôr mistér — respondeu o velho de má cara, penetrando a vereda nova de seu pensamento.

A duvida e a evidente má vontade do homem atemorisavam-na. Lembrou-se porém duma palavra de seu amo, o sacerdote, e isso deu-lhe alento. Costumava ele dizer ante o espectaculo desgradante da Judeia e quando para engodar a sésta se debruçava sobre o livro das profecias: « o que tem de ser será; apenas se não realisam os sonhos em que não ha formosura. » Ela como tinha uma alta ideia do amo e de seus sonhos afoitou-se a obedecer ás determinações do homem.

Pediu ele uma vasilha em que a havia de ferver. Ela era avisada, trouxe-lhe um pote grande, barrigudo, e bem firme das pernas, em que caberia um serrabulho de trinta Goliaths e onde nem com a fervura se perderia a areiasinha dum osso. Mas ele pediu coisa mais geitosa e maneavel.

Apresentou entam a mulher uma anfora, o unico vaso mais que havia de portas a dentro. O homem pôs-se a contempla-la : era esbelta como a torre de David e delicada como uma palmeira nova. No bojo havia toda a doçura que têem as cisternas ao sequioso lance d'olhos dos peregrinos. As asas suspendiam o bocal ao alto, parecendo mãos a toucar uma fronte dum diadema; a curva era lenta, ampla, delirante e sumida como a linha das voluptuosidades. Toda ela dum talhe tam excelso, gargalo alto, fundo estreito e asas tam voadeiras que o susto da velha voltou. Era um milagre se a anfora não tombasse e se não perdesse por lá um dos pés ou uma das mamas.

Mas o homem despoticamente questionou.

— Bem, em que ficamos?

E ela entregou-se para percorrer de novo aquela estrada, de que só agora apercebia, como do pino d'alta montanha, os soes, os beijos, as mandragoras e o tropel das tormentas embuscadas num tenue goso.

* * *

Principiou o bruxo a faze-la em migalhas. Como era quasi diafana, os gritos não che-

garam ao caminho nem o cheiro do sangue desviou os corvos de vôo alto. A' maneira que ia partindo ia deitando para a anfora, esguia como um candelabro, de asas na postura dos profetas quando imploram o infinito. Ao cabo de minutos ela tinha perdido o sentimento e o homem pôde acabar a tarefa em paz e hora boa. Depois pô-la ao lume e durante um dia e uma noite a anfora ferveu que a carne da velha era churra como de gaviões de cem annos. Quando tudo se tornou numa massa virgem e rosada expô-la o velho ao sereno. Sobre a manhã, ao romper do sol dentre os cedros, começou a quebrar a anfora em redór, pedacinho a pedacinho, com todas as cautelas. E logo que tirou todos os cacos disse para a columna de barro de veias de fogo e linha sensual :

— Vive !

O barro viveu. Estremecendo, cantando um grito de pasmo a principio, viu-se logo numa mulher muito linda e lembrou-se. Fóra uma triste velha muito velha e os milagres da Galileia haviam passado em sua casa. E, como tinha guardado todo o sagaz instinto de mulher, disse par o velho, emquanto bamboleando-se, se mirava :

— Bem desfigurada me vejo de verdade.

Tam bem não remoçaria o melhor oleiro deste mundo uma faiança antiga. Não fôras tu muito rico da graça de Deus que não obráras assim um prodigio a trôco dumas colheres de papas.

— E' porque teu coração estava triste.

— Consolaste-me, sou a tua serva.

— Não, nada em ti me seduz. Rende louvores ao Inefavel.

— Eu tenho fé. Tua serva, ou tua concubina, porque me não levas contigo?

— Tu adoras em mim o poder oculto e não o homem. O homem morreu quando reconheci que a felicidade não está nos bens do deleite.

— Onde está entam?

— Onde se não busca.

— E onde é que se não busca?

— Na sciencia de saber ser infeliz.

Ela calou-se, comprehendendo que na palavra do velho todos os destinos se igualavam e que as galas da formosura não lhe trariam mais dita que sua desamparada velhice. Depois seu entendimento previdente tornou :

— Não sei como hei de agradecer-te...

— Inutil. As minhas mãos sam rotas a dar e a receber.

— Deixais-me entam só, senhor?

O velho franziu um sorriso mau, em que havia quasi o desprezo das ilusões humanas :

— Tu o desejaste.

— O que ficava bem á velha não fica bem á moça. Que hei de eu fazer? Meu coração deseja mas não sabe desejar.

— Poseste-te á margem da vida por teu belo gosto. Querias amar, sofrer, sentir toda a amplidão da vida julgando que não tinhas amado nem sofrido e tua alma estalava a amar e a sofrer. Cumprias o teu fadario mas não estavas contente. A dita é o contentamento de nosso destino. E verás, tu vais invejar vivendo a velha que se morria invejando.

E como tivesse um olhar inconfundivelmente ironico para ela que se julgava perfeita, nova e forte, a rapariga remirou-se minuciosamente dos pés á cabeça, as linhas veladas e os seios inquietos. E ao cabo do exame desatou a chorar em fonte :

Ai ! a cintura dela, meneando-se, parecia um anel suspenso ; o pescoço, em vez de prender a cabeça, levantava-a para o ceo, tam alto como se quizesse arranca-la ou oferece-la de pasto aos abutres. As pernas, ah ! as pernas que deviam correr os montes, eram tam delicadas que davam ideia de dois bam-

bús encostados que só não caíam porque nenhum deles queria cair primeiro :

— Zombaste de mim ! Com tuas malasartes deixaste-me mais formas de anfora que estatura de rapariga !

Chorou, chorou por muito tempo lagrimas que eram uma orvalhada de perolas :

— Não me queres levar contigo e fizeste-me um corpo inutil. Que ha de ser de mim ! Meus olhos sabem ver o passado mas não penetram no presente.

Tambem suspirava ela que o velho emmandingueiro pareceu enternecer-se. Que fazer desta creatura tam perfeita e subtil, algemada á condição da velha de Tiberiade ?

Em volta echoavam os gritos das gaivotas moirejando no lago. Como um velho general coruscante e orgulhoso o sol avançava. Uma caravana surgiu na estrada cheia de pó e patas de dromedarios.

As lagrimas da rapariga não cessavam de correr como as melancolias olorosas das divindades. S. Pedro — que outro não era o velho de boa cabeça de jumento — embebedou-se com elas. No fundo da sua alma atravessou entam uma prece ligeira :

— Perdôa, ó Deus, que da tua costela de

inefavel graça eu arranque a Eva da graça humana.

E estendendo a mão, sorridente, no gesto de quem comete uma tolice linda, creou a dansarina.



A INVERSÃO SENTIMENTAL

A INVERSAO SENTIMENTAL

« Creio que amei Helia; a esse tempo ainda eu não havia dissipado á força de experiencia a ilusão das coisas da vida; era quasi poeta e acreditava que ha momentos bons no mundo além da mulher, a mesa e o descalçar uma bota que nos aperta. Que saudades tenho dessa epoca em que eu, empiricamente credulo, era infinitamente sabio!

Não sei se adorei Helia com todas as véras da alma; seus vicios eram encantadores porque eram novos e suas virtudes detestaveis porque novas eram. Ela era uma destas tiges loiras do *faubourg*, frageis, egipcias, sem ancas e quasi sem seios. O grande chapéo derrubado dava-lhe um ar exacto de criptogamica, ou de guarda-sol com que seria comodo abrigar-se. Surprehendida em repouso era um focinho de nada, pintalgado, pódarrosado, *pot-au-feu*, um desafio enervante á virtude dos bons pais de familia.

Eu aprendi a amar, antes de as conhecer, estas silhuetas La Gandara que visitavam a

minha serra nas caixas de fósforos de vintem, e nos catalogos que minha irmã recebia das Galeries-Lafayette. As carnações robustas e vassoirudas do meio levavam-me a sonhar com elas por este amor ilogico do contraste.

Helia era ignorante como um abade, mas sua alma dir-se-hia uma especie de cisterna adormecida que vibrava a um écho e ondulava a um sôpro. Ela surprehendia as coisas e os seres por um lado por donde as minhas mãos as deixariam escorregar, ou que meus olhos não viam. Andei com ela pela Europa e descobriu-me coisas que M^me^ de Staël não advinharia.

Helia mentia com zelo e convicção e eu aprendi com ela a arte sumamente util de me deixar lograr pelos nescios e crêr no que nos dizem os sabios e as mulheres, o que não é facil. Enganou-me cem vezes e eu habituei-me a domesticar o riso e a amar as convenções despreziveis.

Com ela atingi a maxima intensidade do *eu* : não espalhar a minha felicidade e não entrar na zona da tormenta alheia. Encontrei-me assim em equilibrio com Paris e o meu tempo e essa vantagem devo-lh'a.

Helia era a emanação perfeita do nosso

seculo a vapor, a 100 á hora na terra, a 150 no céo. Encontramo-nos uma tarde no *metrô* e na tarde seguinte a minha *garçonnière* apoderava-se dela e ela da minha *garçonnière*. Sua ação batia asas nervosas para igualar seu pensamento; ainda lá não chegamos mas Helia será relativamente a esse estado o animal transitorio e precursor. É por isso que eu lhe chamava « *La Surflamme* ».

Ela não se conduzia em virtude dum destino para um fim; sua missão na terra era semear a voluptuosidade; seu prazer não era retirar gôso mas ser instrumento de gôso. O papel de Helia, ainda que instintivo, era eminentemente filantropico.

Dava-me a impressão destas estatuas que estam nos jardins para embelesar. Enternecia-me mais que o bom Samaritano. Paris tem destes infinitamente pequenos, cuja função é dar o prazer sem preço e que por lastimavel olvido ainda não fóram elevados á categoria de instituições como as *concierges* e os sabios da Academia.

Helia, quando no crepusculo do segundo dia em que nos conhecemos, tirou o chapéo, o espartilho e os sapatinhos sobre a minha cama, não me amava por mim; amava-me na voluptuosidade que me ia dar. Ela não

procurava a luxuria grosseira dos abraços; obedecia á tendencia de se dispersar, de cumprir a sua obrigação de jocunda.

Foi por isso que talvez a amasse; era o insconsciente e eu gostava de senti-lo trabalhar como o volante pequenino dum relogio de senhora. Todo ele era um jardim onde ainda havia Adão e Eva e animaes ferozes em liberdade. Descobri-lhe os segredos, e se adormeci nele, culpa foi minha em não estar vigilante.

Todos os seus movimentos, febres, nevroses eram vibrações harmoniosas desse inconsciente, cansado da vida refletida e matematica do nosso mundo. O circulo, que nos oprime, das horas, dos espaços e das necessidades trazia-a mais magoada que o espartilho. Lembro-me ainda das suas revoltas contra o immovel! e o impossivel! contra o dinheiro e a marcha lenta dos automoveis a 80 kilometros á hora! Contra esse espaço rigidamente rigoroso que separava a *Place Sainte-Geneviève* do *Pavillon Bleu de Saint-Cloud*. Ela exclamava: Porque havemos de ter este espaço a percorrer?!

Em mil anos as rapariguinhas, como Helia radiosas e magneticas, não terão esses espaços a percorrer; bastará querer para o

pensamento as conduzir ás paragens do desejo como hoje as leva lá em representação.

O pensamento das Helias do anno 3.000 será uma liteira vertiginosa e peregrina rolando fôfamente no éther suas tiges loiras do *faubourg*.

Essa sua voz barbara do insconsciente valeu-lhe a alcunha de *Surflamme*. Vaidosa, julgava-se a fada do fogo e era a chama do pensamento. Nietzsche creou o Superhomem eu encontrei já feita a *Surflamme*.

* * *

A minha casa ficava na esquina da *Place Sainte-Geneviève* contra uma rua ingreme e turtuosa, do tempo estreito dos prebostes. Dum lado havia assim todo o luxo esplendido dos seculos, do outro a sombria poeira que levantáram passando. Em face alcandorava-se a montanha apocalitica do *Panthéon* de cunhaes tôrvos e alta tiára de columnas; para as bandas a renda gothico-florentina de *Saint-Etienne-du-Mont*, a torre grave de Clovis, e a Biblioteca dos Genoveses de frontaria placidamente conventual.

Durante a noite a praça dormia em imponente silencio, raramente quebrantado. Pu-

nhamo-nos entam á janela, tocando de nossas cabeças a péle de fera, mosqueada em fogo, do céo noturno de Paris. Helia passava-me o braço tepido em torno do pescoço e sentia-me como que ancorado no seu inconsciente.

— Quando olho lá para baixo — dizia ela — e vejo tanta casa, tanta luz, tantas sombras, figura-se-me que estou num pincaro como aquele onde o Tentador conduziu Jesus-Christo. E tambem me sinto tentada.

— E quem é o tentador? Paris? eu?

— Mas ninguem. Sinto um não sei que me tortura e me leva para longe de mim. Mas o que é e para onde é, ignoro-o.

— Sam mil almas que crescem na tua, Helia.

Sorriu e beijando-me respondeu :

— Talvez. Como seria bom ter mil almas !

— Quantas me darias tu?

— Dava-te... dava-te quinhentas...

— E as outras?

— As outras iriam por Paris, pelo mundo...

— Que rebanho feroz !

— Não; iriam pelo mundo fazer coisas boas, ver, gosar; umas ficariam na aldeia entre as flores e as arvores, as outras visitariam a India, o Egipto, o Papa, eu sei lá. Não era lindo espalhar-se a gente?

— Sim; mas eu se tivesse mil almas fechava-as comigo á chave. Nem um instante uma só andaria fóra de mim.

— Ah!! E porque?

— Porque entam eu era tam forte, que a gloria desta praça ao pé de mim seria uma sombra fugaz.

Helia quedou-se a olhar-me e proferiu:

— Assim és ambicioso. Vale a pena sê-lo?

— Vale; o caminho das ambições está semeado de voluptuosidades! Imagina o que é marchar para um fim e ver-se a gente aproximar palmo a palmo. Mas esforçar-me-hia por nunca chegar ao cabo para que o encanto não fôsse desfeito... Só as ancias diférem, porque as condições, essas, valem-se.

— Eu não faria como tu... Que horror ser escravo dum destino!

— O sofrimento é a fonte mais pura do prazer.

— Oh! a minha dôr não é — como dizes tu? — não é metafisica.

Tornei-lhe os beijos que me déra e acrescentei:

— Sente-se entam tentada a minha creança, ouvindo resfolegar Paris?

— Sim, sim, mas não sei por quem! É isso que me transporta, essas coisas

grandes, o *Pantheon*, Paris encarado daqui como um só corpo e uma só cabeça... Os pequenos nadas tam lindos, Saint-Étienne... uma quiméra adormecida... Parece-me que não vivo em mim, mas fóra de mim em todas essas coisas, minusculas, grandiosas... Meu gosto seria amassar-me nelas.

— Fóra de nós não ha pequenos nem grandes. Ha ilusões.

— Ilusões que sentem e falam.

— Ilusões, antes, com quem sentimos e falamos.

— Existem elas?

— Existem; existem na necessidade que ha em crea-las.

— E quem creou essa necessidade?

— A vontade. Todas as coisas sam irradiações esparsas e harmoniosas desta força. A vontade creou a ilusão e repartiu-a em coisas como uma loba distribue intiligentemente as tetas pelos lobinhos.

— E a vontade o que é?

— O que é? Puf! Uma superilusão.

— Se tudo é ilusão para que desejas?

— A existencia dentro da ilusão é tam grande como dentro duma realidade pura. O que é preciso é iludir-se a gente na ilusão e não se abandonar ás ilações deste princi-

pio, escorregadio como um despenhadeiro lambido do mar.

Helia ficou pensativa d'olhos sobre as virgens e os evangelistas de *Saint-Etienne* que dormiam a somno solto na sombra diafana do portico. A alta torre medieval perdia-se na misteriosa escalada para o céo.

— Qual é pois a melhor vida? — perguntou-me.

— Todas as vidas se igualam em essencia, em face da grande ilusão. Onde elas se diferenciam é na forma, a forma que engana os olhos e os espiritos. Tu, minha amada, és o inconsciente; amas as coisas pelas coisas; eu amo-as por mim. Eu conheço a ilusão, iludo-me e iludo. Para ti tudo é verdade, e tu sentes o voluptuoso prazer de senti-la; para mim tudo é forma e eu sinto o tenue prazer de comprehende-la. Tu vives de dentro para fóra e eu de fóra para dentro.

Os campanarios batiam ás vezes a meia noite sobre o nosso devaneio. Era a voz que acordava Helia do torpôr, chamando-a á vida. Cinco campanarios falavam a linguagem variada das almas. As badaladas de *Saint-Etienne* eram como que um apelo de mulher ao goso, cristalinas, febris; nos *Bernardins* os sinos bradavam numa voz imperativa de pre-

gador; elas repetiam o *memento homo* das fragilidades terrestres. A sineta da Sorbonne ria como Democrito. A torre de Clovis falava ao presente com fastio.

O meu *eu*, retesado como um arco de flecha, amolecia; o espaço voava sempre e nós deixavamo-lo voar, não obstante as sentinelas dos campanarios que nos diziam : lá vai !

Ferida do gume da noite Helia chamava-me numa queixa de gatinha; eu enrolava-me nos seus braços, emquanto de fóra, o silencio colossal da praça e o céo feérico de Paris me gritavam :

— Homem, concentra toda a Fé, todo o Querer, toda a Ilusão. Dobra-te sobre ti mesmo e salta, dá entre os homens o salto brusco da onça !

* * *

Como o homem que procura num campo o tesouro escondido eu buscava a força, cultivando Paris. Ouvia com amor os cursos magistraes da Sorbonne e andava por antiquarios e museus em encantada peregrinação. Aprendi em Paris a arte de brincar com as ideias e fazer grossos alicerces sobre prin-

cipios ôcos como bexigas de boi. Nisto, se o meu *eu* perdeu, a minha experiencia lucrou.

Nos ferros-velhos e galerias d'arte contrahi o doce delirio da velharia. Helia e sua amiga Ninette agarravam-se-me ao braço e lá iamos todos tres, corrigindo elas pelo coração a secura de meu espirito, empapaçado de Fichte, Guyau e toda a patulea dos esthetas. Iamos á caça das egrejas veneraveis perdidas nas betesgas e das humildes imagens, adormecidas no cunhal dum palacio decadente. Vagueavamos sobretudo pelo Paris que não vem no Baedeker e onde o camartelo se ouve, demolindo a passo de carga.

Helia não era um amador incondicional do antigo como eu; o seu inconsciente preferia, punha de parte. A falange feroz das gorgonas nos flancos das catedraes nauseavam-na como a vista dos reptis nas estufas. Os florões e as flechas gothicas feriam-na; seus nervos não podiam ouvir esses gritos agudos no espaço.

Não comprehendia tam pouco a poesia estranha de *Saint-Julien-le-Pauvre*, egreja solitaria e recolhida que eu amava como a celula suave duma alma concentrada e dolorosa. Helia tinha a aversão dos tumulos e em *Saint-Julien* respirava-se a voluptuosi-

dade dos corações mortos para o mundo. Mas arfava como uma corsa em viçosa brenha no templo de *Saint-Severin*. Tudo ahi falava a linguagem das finuras sentimentaes da terra. Os arcos, as columnas frageis e longas como desejos, os capiteis emmaranhados, eram notas dispersas da vida, que não ascendiam ao céo. No cunhal roido do tempo descobriu Ninette uma quadra que era a confissão enigmatica da egreja. Resava assim a estela poída :

Passant, penses-tu passer par ce passage,
Où pensant j'ai passé ?
Si tu n'y penses pas, passant tu n'es pas sage,
Car en n'y pensant pas, tu t'y verras passé.

A velha egreja advinhára as Helias d'hoje e admoestava-as: passai, dispersai-vos mas sentindo a dispersão.

No *Quai*, em toda a linha que vai d'Austerlitz á Pont-de-Valmy e onde os *bouquinistes* desafiam o estrago do tempo como clepsidras, cansamos nós os olhos a ver e a rebuscar. Helia procurava uma *Peau de chagrin* que a atirasse ao louco turbilhão das possibilidades. Ahi me custou 75 francos um *Absconditorum Clavis*, velho alfarrabio latino que ostentava na primeira pagina Hermes e o

Diabo perseguindo-se sobre o sarilho vertiginoso da roda da fortuna, entre aspides e as lanças em riste duma esfinge mamaçuda. Aqui e ali adquirimos sombras preciosas do passado, virgens gothicas com ar aborrecido de esforço, Della Robias falsos como tendeiros, e laminas onde cantava a arrogancia castelhana : *No me saques sin razôn ni me entres sin honor.*

Helia queria possuir em casa a calvagada poeirenta dos seculos, mais pelo orgulho de ter que pelo amor de sentir. E eu arruinava-me sem empalidecer.

Em poucos mezes a minha casa, da sala de jantar ao quarto de dormir, estava convertida num orbesinho terraqueo, onde as civilisações mostravam a cauda, uma cauda peláda e equivoca. Helia namorava-se de tudo, dos chineses maliciosos esculpidos num dente de elefante, das faianças Directorio em que um Rabelais grosseiro e sensualão gravára as scenas da vida fisiologica. Quiz uma mumia e eu indignei-me pela primeira vez. A minha indignação não era por ter sob o meu tecto o ventre estripado duma peruana; era a revolta do morgado que vê uns dedos caprichosos de mulher a esfarripar-lhe felinamente o patrimonio

Mas Helia não comprehendeu e eu impunha-me uma elegancia que me cohibia de fazer-lh'o comprehender.

Chorou, chorou e eu bebendo-lhe as lagrimas, prometi-lhe um *souvenir* da venda Maurice Kann, anunciada numa galeria famosa.

Fômos a esse leilão onde toilettes da moda roçavam a samarra sóbria do judeu. Ao crepitar seco do martelinho os ciclos da belesa desfiláram deante de nós : a luxuria serena da Grécia, o medo religioso da Edade-Média, o germinal da Renascença. Palissys desvairados de côr emparelhavam com almofias hispano-maurescas ardentes de tonalidade. As diabruras gothicas familiarisavam com a arte de bronze do seculo XIV, punhos lavrados de punhais, salvas de Veneza, bahús de Portugal. A patulea dulcissima dos primitivos tocava na engimatica firmesa de Vinci. A arte passava ali como coisas engolidas e vomitadas por um naufragio.

Uma grave melancolia baixava da nudez delicada dos marfins e do pesado recolhimento dos evangelistas de pedra. Pareciam estes escutar as pancadas do martelo ordenando os transes de seu destino. E os seus olhos cegos esclareciam-se da maxima das resignações : *tudo vem do pó, tudo regressa ao pó.*

Uma filosofia de desanimo soprava-lhes sobre as frentes dobradas : tudo é poeira e a humanidade mais não é que uma hérpes sobre o planeta, bocado de lama na immarcessivel vida dos espaços. Passados mil anos onde estará a Galeria Georges Petit? Mais dois milenarios e que sombra envolverá esta capital orgulhosa e a sciencia e a fama dos Anatole France e Poincaré? Mais uns seculos de milenios e existirá de pé um reflexo do pensamento d'hoje, uma das verdades tidas como immanentes hoje, esta casca de materia infinitesimal nos mundos, onde choram e se matam os homens?

Helia tentava-se de tudo e batendo o pé me rogava a cada momento :

— Licita, licita agora *nom de Dieu!*

Eu não podia concorrer a Signorelli que atingiram 60:000 francos, nem mesmo a Daubigny entregues a 3.000. A minha bolsa era pobre e ouvia os gemidos de meus boieiros atraz dos bois.

Um desenho de Rembrandt subiu de preço como um foguete no ar, 5, 10, 18.000 francos. Um Craesbeeck surgiu do alto de 8.000 francos; um Mainardi ouviu uma voz esganiçada de velho = 50.000 francos. Uma taboa apagada da Umbria fez batalhar cem fortu-

nas e o preço duma virgem de Boticelli faria prostituir mil virgens.

Atraz do mar de cabeças eu ria da folia do dinheiro e Helia mordia os labios.

Desfiláram nas mãos dos leiloeiros Jesus saudaveis e pandegos da Flandres, matronas austeras, de fronte enciclopedica, de Colonia, missaes onde em nuvens de algodão em rama anjos voavam como borboletas.

Quando o leiloeiro apresentou uma clorotica de Henner, Helia não poude reprimir-se e licitou. Fazia-lhe frente um senhor de meia edade, de barba á Frederico. A luta foi desigual e curta; dum lado o sangue frio e o calculo, do outro todos os nervos da minha amante. Helia não elevou o preço gradualmente, escaleira a escaleira. Deu galões de poldra que pela primeira vez sofre o cavaleiro.

Cinco investidas de 1.000 a 5.000 francos e o martelo baixou-se para Helia. Eu não intervim, nem boli, levado no prazer da aventura. Helia deu o meu nome, a morada e a caução e eu perseverei imperturbavel.

Voltamos para casa silenciosos; sentia que Helia vibrava da minha impassibilidade. Logo que tirou o chapéo, sentou-se-me nos

joelhos, passaritou-me o rosto de beijos e arrojou-se a dizer :

— A'manhã é preciso pagar o Henner.

— Não pago nada.

E num discurso pontuado e lento demonstrei-lhe o *bluff* frances de Henner que um *marchand de tableaux* inventára para os americanos e as Helias que tinham um amante lôrpa e prodigo. E conclui :

— Não compro Henner; dinheiro dava eu para o não encontrar no caminho quando o desejo de ver me leva aos museus.

Helia arrepelou-se, chorou, quebrou-me um japones que sobre a escrevaninha me ensinava a rir dos patetas. E, como persistisse na minha resolução, cobriu o chapéo, pódarrosou a figura e pela porta entreaberta lançou-me :

— Eu tenho quem pague.

Saiu quebrantada de despeito; eu fiquei sereno desta vez com a minha algibeira.

* * *

Helia desencantou dinheiro não sei onde nem como e a figurinha linfatica de Henner foi recebida em casa. Era um retrato fruste

de rapariga dum verde de absinto. Nem vida, nem côr, apenas uma languidez picante de femea dum harem.

Helia instalou-a á cabeceira da cama; lembro-me ainda da minucia com que ela aprumou o quadro e estudou à simetria da parede! Um celebrante não pavesaria com mais disvelo o calice em que vai operar-se o grave misterio da transubstanciação — o vinho da pipa volver em sangue de Christo. Quasi que me enterneci. Por isso a minha surpresa foi grande quando a vi com o alfinete do chapéo cravar duas vezes a pobre téla. Maior estranhesa não me causaria o sacerdote que, após ter absorvido o vinho eucaristico, fizesse uma careta e cuspisse fóra d'avinagrado.

Na manhã seguinte com o sol e o movimento voltou-lhe todo aquele resplendor que semeava sua graça ligeira de cotovia.

Com Ninette fômos peripatétisar pelo Luxemburgo, perguntando ás princesas de França e Navarra, hirtas nos pedestaes, o que diziam seus olhos tam distantes no passado. O jardim, com o brilho dos marmores e a geometria rigorosa dos talhões, tinha uma delicadeza de bilhete postal ilustrado que muito aprazia a Helia. Ela gostava da parte onde estudantes, *rapins* e *mômes* chalreiam

a estalar os bofes. Ninette antepunha-lhe o *Bassin* com a explanada, os peixes d'oiro, e as muralhas floridas das *pelouses*. Eu preferia o outro extremo, onde ha mais arvores e a terna algazarra do guinhol e dos carrosseis á sombra do Capitel dos Beijos. Esse é o Luxembourg dos pequerruchos, das misses e dos saltos de corda e ver entreabrir um mundo interessava-me mais que ouvir *chanter fleurette*.

Helia precisava de encontrar almas onde vogar e olhos em que acender desejos e eu não lhe punha embargo. Fazia-se cortejar dos rapazes e tampouco isso me molestava. Era uma infidelidade mental, que comprehendia, filha daquela sua precisão de irradiar. Que me importava? seu corpo era escasso a dar luxurias, embora seus olhos fôssem prodigos a promete-las. Ela era uma harpa misteriosa que, para fazer vibrar, requeria um tacto fino e caprichoso. Por isso chamava aos nossos abraços vaporosos e inventivos « comentar Bergson ». Era a metafisica no amor o que esta prosopopea gentil significava.

Nós eramos gulosos de Bergson como as operarias do *faubourg* de batatas fritas em rodélas. E todas as sextas feiras moíamos

duas horas bem moídas para ganhar logar no *Collège de France*, no famoso curso sobre a Personalidade.

O filosofo cativava os delicados e desalterava os sequiosos de inedito. A sua cabeça era já por si um chamariz, escultura gothica em madeira, de bigode roido acima do labio num traço incisivo de malicia. De perfil, figurava-se-me um alquimista da Edade-Media emmagrecido sobre a negativa das retortas. Mas suas falas eram senhoriaes, melifluas, dum personagem da Curia. No todo o maximo equilibrio que pode haver na combinação do movel e do rigido.

Ele abateu o orgulho da razão e popularisou o pragmatismo, que vai mais longe que a sciencia, embora traga calçados os chinelos de Aristoteles. A sua filosofia é afilhada daquelles reis magos que foram até o presepio, guiados por uma estrela; ela vai até as entranhas dos enigmas, conduzida pela intuição.

Embora, deleitava-me a ouvir Bergson que ceifava nos sistemas, desleixadamente, como mãos de madama num canteiro de flôres. E Bergson aproveitou-me; graças a ele poude encontrar o optimismo filosofico de salão que embasbaca, e descobrir uma metáfora

galante que tinha o poder de me exaltar, dita por Helia num bocejo :

— Vamos ler Bergson, *petit?*

Helia era sujeita a impulsos contrarios como o fogo e como o mar. Umas vezes ficava na cama, languidamente, nas barbas do meio dia; outras vezes, partia de manhã, lepida e farfalhuda, para só regressar á noite, mole e aborrecida. Em certos dias mal tirava o chapéo corria a fazer mais um buraco na pobre téla de Henner. Eu não comprehendia ou receava enganar-me, divertido com a linfatica creaturinha que á força de golpes tomava um ar patetico de Virgem Dolorosa.

Uma das vezes que saí e Helia ficára a espenujar-se na cama, ao voltar encontrei-a em posição inequivoca com o meu amigo Merle. O demonio da minha filosofia pôde mais que o sentimento.

— Deixem-se estar, não se incomodem — proferi num sorriso.

Entrei no escritorio e fiz menção de me ocupar. Helia veio ahi ter comigo emquanto Merle abalava, confundido da aventura.

De punhos cerrados e olhos em lume gritou-me :

— *Sale mufle*, que tinhas que fazer cá em casa?

Soltei uma risada estrepitosa.

— E' indecente andar a espiar.

Ri outra vez e ela pôz-se a arrepelar os cabelos e a soluçar :

— *C'est dégoûtant!*

Comprehendi muito bem a pobre *Surflamme.* Queria ver-me a defender os meus direitos de macho e que eu me indignasse e lhe batesse talvez. Após isso ficaria satisfeita e rendida.

Porem eu não quiz dar-lhe o prazer de contrabalançar por uma violencia seu acto deselegante. Deixei-a assim em desequilibrio com ela e comigo, como um pobre farrapo agitado entre dois ventos. Ela gemia, arranhava-se, atirando-me os nomes hediondos do calão. E eu sentia una extrema voluptuosidade naquelas lagrimas, que minha força e não meu sentimento faziam derramar.

Quando a vi mais serena fui ao quarto e trouxe a triste téla massacrada.

— Não quer dar outra alfinetada? — disse eu d'ar meio serio.

Ela precipitou-se sobre o quadro e dilacerou-o. Depois, limpando o choro, proferiu :

— Não, não posso viver mais com um homem que me não ama. Seria o inferno.

Pus-me a assobiar : *Mariette, ma petite Ma-*

rielle! emquanto ela revolvia as comodas e arrancava para fóra a roupa branca que lhe pertencia.

De tempos a tempos ouvia o estribilho dum soluço :

— Não, não posso viver com um homem que me não ama !

Toda a tarde levou a *Surflamme* a esbandulhar malas e a fazer pacotes das calças de renda e das camisas de seda que meus habitos deleitosos conheciam. Ha uma vaga melancolia no *fazer as malas* e a casa estava cheia dessa melancolia. Sobre Spinosa resentia-me.

Aproximei-me entam de Helia e agarrando-lhe o braço sacudi-a vivamente. Ela teve apenas este suspiro de rendição :

— Deixa-me partir !

E caiu de bôrco a chorar o chôro voluptuoso e individualista da desfeita desejada.

* * *

Eu, entretanto, arruinava-me a sangue frio, sem que a brutal logica das cifras que meu caseiro me expedia todos os meses tivesse o poder de me cortar o caminho. A minha

vida com Helia proseguiu no mesmo curso, cheia dos mesmos apetites e das mesmas dispersões. Ninette vinha ver-nos a meudo e pareceu-me que ela tinha uma certa inclinação por mim. Um *béguin* filho talvez daquela deliciosa tára — que a *Surflamme* me revelou — de roubar os amigos ás amigas.

Ninette era, ao contrario de Helia, uma rapariga mimosa de carnes, fartas ancas e fartos seios, sensual duma sensualidade que eu vi agitar-se-lhe nas narinas ao cabo dum passeio fatigante. A's vezes, ao pé dela, sentia a vága formidavel dum desejo selvagem e adamitico trepar nas minhas carnes.

Helia tolerava-a porque não era loira e tinha um ar candido de colegial. Eu gostava dela porque me dava a exacta medida da tige fina e extrahumana de Helia e porque suas ancas fortes viviam na saudade que ás vezes se ateiava em mim dos troncos vassoirudos das serranas.

Ninette habitava em *faux ménage* com um secretario dos *Affaires Etrangères* e falava-me das potencias com o habito familiar com que aludia a *Josephine* ou a *Julie*.

Todavia nos raros apartes que tinhamos ela contava-me coisas monstruosas, e pretendeu certificar-me da significação brejeira

que tinham as alfinetadas na tela de Henner. E eu mais simpatisei com ela por esta duplicidade, este filão subterraneo que me mostrava a serpentesinha preversa e atilada atraz da ingenua rapariga de boas carnes.

A nossa vida seguia uma estrada monotona e regular com peregrinações pelos museus e pesquizas nas velhas catedraes. Helia era a sempre mesma *Surflamme*, apenas mais turbulento seu inconsciente contra a medida das coisas.

Nas noites compridas iamos por *cabarets*, onde se berra e ha cabeleiras intonsas, escutar a canção do dia. A minha amada ardia ao canto profetico de Xavier Privas e toda se derramava ás imprecações de Montehus. No *Caveau du Cercle*, caíu apaixonada do belo Alfred duma paixão que durou uma semana e de que ignoro os tramites.

Continuava a dar-se pelo prazer de se ver dada e em virtude do seu papel de semear a voluptuosidade. Ninette, que comprehendia o sentido de cada olhar dela, fitava-me com ar de dizer :

— Você sempre me saiu um *poule mouillée!*

Mas eu perdoava, porque o que é preciso é cumprir cada um dignamente o seu mister. Helia afadigava-se a cumprir o seu, que era

de distribuidôra de delicias. Que podia eu retorquir-lhe? Devia torcer sua signa?

Neste ponto Ninette era-lhe inferior, Ninette que representava mal de serpente disfarçada em querubim.

Numa das tardes suaves e gris do outomno, quando no Luxemburgo as folhas vôam, recebi a visita de Mme Pothier e de Mlle Pothier, respectivamente mãe e irmã de Helia.

Mme Pothier afivelára um ar de circunstancia que notei logo ao abrir da porta. Era uma boa matrona de 50 annos, rija, fisionomia de mulher que engana o marido detraz da porta. Mlle Angèle, uma rapariga alta, typo *Bar Olympia*, cheirando a cocote a leguas de distancia.

No meu gabinete, á sombra dos chineses sardonicos, teve logar o conciliabulo. Mme Pothier pigarreou, cilhou as mãos sobre o ventre e num silencio recolhido proferiu :

— Senhor Hilario Barrelas, não sei se vou ser importuna.

— Não será... faça favor.

— Não sei se vou ser importuna, mas o meu dever de mãe me desculpará a seus olhos.

— ?

— E' minha obrigação zelar pelo bem estar de meus filhos e se o não fizesse Deus me pediria contas.

— Sem duvida alguma.

— Angèle está em vesperas de se colocar e muito bem. Um senhor rico e considerado está em pedir a mão dela...

— Os meus cumprimentos, minhas senhoras.

— E bom partido... Um homem que se enamorou de suas virtudes, porque minhas filhas, sr. Barrelas, se não são formosas, nem ricas, tiveram muito bons principios.

— Salta aos olhos da cára.

— Eu não teria mais consumições sobre o futuro de meus filhos, se não fôsse esta creança que o sr. prendeu e que tem pelo sr. uma paixão de morte.

— A quem correspondo, madame.

— Certamente; eu sei quanto o sr. a estima porque ela conta-me. Ora eu sei o que sam moços, sobretudo moços estranjeiros, que hoje estam aqui amanhã estam acolá. Não quer dizer que eu duvide do seu caracter, sr. Barrelas, não. Como mãe, queria apenas perguntar-lhe o que pensa do futuro de minha filha Helia?

— O que penso? Penso muito bem. E o que pensa vocemecê?

— O que pensamos? Olhe, a falar-lhe franco, sr. Barrelas, nós pensamos que se Helia é farta e mimosa hoje, amanhã pode não se-lo.

— Sim, ha contingencias...

— Pode não se-lo, porque basta o sr. deixar Paris...

— Não penso nisso.

— Mas pode ser obrigado a faze-lo?

— Posso.

— Que faria entam de minha filha?

— E que faria Helia nessa conjuntura?

— Sr. Barrelas, vamos ao fim : se ama minha filha como ela o ama, porque não ha de assegurar-lhe o futuro?

— Heim?

— Porque não casa com a pobre creança?

Fiquei um momento hesitante sobre se devia socorrer-me do cinismo ou da franqueza. O cinismo divertir-me-hia até a porta da *mairie*, a franqueza levar-me-hia a despir a luva branca com que me não deixo sujar por este mundo incardido. Optei pela resposta eclectica :

— Mas, minha senhora, eu sou celibatario por principio e pela força das circunstancias. Em principio, porque o casamento não resolve

o problema do futuro para ninguem; pela razão do momento, porque não estou em estado financeiro de casar. Tenho a fortuna comprometida como podem ver.

Joguei então com as cifras que meu caseiro me mandava; fui persuasivo e patetico. A mamã limpou uma lagrima, rendida ao meu silogismo derradeiro.

— Que conta pois fazer?

Eu tive uma frase esbelta, de capa e espada, que lhes fez tremer as entranhas:

— Devorar o resto e queimar os miolos.

— E minha pobre filha?

— Sua filha, minha senhora, é muito formosa, muito virtuosa, muito prendada para não encontrar um partido como M.^{lle} Angèle.

— E o tempo que tem perdido com o sr.?

— Minha senhora, quando Helia pôs os pés nesta casa não contrahi compromissos. Aqui dentro ha o valor de 35.000 a 40.000 francos, isso lhe pertence.

Calou-se a boa matrona e acabei de socega-la, quando, após me haver convidado a assegurar-lhe o meu interior num tabelião, prometi todas as escrituras desta terra e uma saudade eterna lá no alto.

Quando a mamã e sua *boulevardière* filha

se retiráram, Helia veio enroscar-se-me ao pescoço e miou-me ao ouvido :

— A mamã é tôla, *dis* ! Meteu-se-lhe em cabeça casar-me contigo e nada a fez desandar. *Tu as bien fait, mon petit, mais dis, tu n'as pas mangé ta fortune, non?*

— Não, meu amorsinho.

— A mamã é tôla... Julga-se muito esperta !

Helia beijou-me, abraçou-me, arrastou-me para os seus braços e perante aquela entrega á minha malicia manifesta e confessa, amei-a, amei-a. Era alguma coisa o amor de Satanaz rendido á singela devoção da fraqueza feminina.

* * *

Chegou o inverno e tive que comprar martas, zibelines e lontras para Helia, todas as samarras sedosas e complexas com que a parisiense prefaz a sua entidade de felino. Nos parentesis da voluptuosidade ouvia os brados desesperados de meus boieiros. E a voz interior dizia-me : quando darás tu o salto de onça entre os homens?

Helia continuava a sua missão de universal amorosa. M^me^ Pothier mandava-me per-

guntar todas as semanas quando lavrava o bem d'alma a favor de sua filha.

Ninette, como a essa data houvesse azafama nos Negocios Estranjeiros, visitava-nos frequentemente passando ás vezes dias inteiros comnosco. Reconheci que vinha por mim e não pude impedir-me de lhe agradecer pensando nela.

A grande meiga emergia, d'olhos floridos e seios tremulos, da serpentesinha do *faubourg. Surflamme* andava muito longe para reparar no que se passava ao lado. E eu tampouco poderia corresponder ao interesse de Ninette, denunciando-a.

Ninette, uma tarde, surprehendeu-me só, em casa. Foi timida, desastrada, quasi ridicula. Torcida a um canto como uma jovem desembarcada da provincia, falou-me — em vez do baile em casa do Prefeito — de Marrocos e do *Coup d'Agadir*. Estas coisas eram-lhe tam triviaes, como para os *concierges* o cordão da campainha.

— Ninette — disse eu bruscamente — está convidada para testemunha do meu casamento.

Rompeu ás gargalhadas.

— Aceita, sim?

— Casamento... Com quem?

— Ora com quem... Com Helia.

— Ah! ah!

— Sabe, Ninette, estou a estragar o futuro da pequena...

— Ah! ah!

— Devo-lhe esta ceremonia. O casamento para mim é uma ceremonia.

— Deixe-se de mangar.

— E' certo, e faço-o porque sei que o casamento valorisa a mulher que não é rica e que não é feia, sobretudo que não é feia. Casada, Helia encontrará facilmente um amante rico, um bom marido, porque nós divorciamos....

— Que razões...

— Encontrará mesmo o amante rico e o marido modelar... E porque? a atração do fructo prohibido, Ninette...

— Deixe-se de mais graças, sr. Barrelas.

— Mas estou decidido.

— Ora...

— Acha que faço mal?

Encarei-a de fronte, com toda a seriedade que poude reunir. Ela fitou-me e asperamente o coração estalou-lhe :

— *Vous êtes fou; avec une gourgandine?*

Puxei-a contra mim; deixou-se enlaçar, beijar, amar sem um sôpro de resistencia,

como uma amante que de ha muito conhecesse meus abraços.

* * *

Helia irradiava a proposito de tudo, por paixão, por piedade, por desfastio, porque o seu mistér era distribuir-se como o sol.

A sua ultima aventura salpicou-me de deselegancia e eu reconheci pela primeira vez o valor eficiente dos preconceitos. Ao pé de nossa casa, num terceiro andar, quarto alugado, vivia um rapazote que todas as noites se mostrava á janela a cantar a *valse brune*.

Era — soube-o mais tarde pela *concierge* — empregado num grande armazem de generos. Via-o sempre só, triste, traíndo a tristeza nos tremulos da garganta, que faziam chorar a noite :

C'est la valse brune
Des chevaliers de la lune...

Ele não tinha uma *chacune* como dizia a canção e aquela expansiva orfandade causava-me pena. Helia escutou-o, uma noite de lua cheia em que os evangelistas de *Saint-Etienne* se viam a bendizer a Deus, e disse compassivamente :

— Coitadinho!

Eu repeti compassivamente:

— Coitadinho!

Um domingo que Helia saira muito cedo a visitar a mamã, enxerguei atravez das persianas rôtas do quarto alugado uma silhueta fina que se passaritava. Rendi graças á *harmonia preestabelecida* que mandára uma ternura ao melancolico trovador. E momentos decorridos tive de acrescentar com santo Agostinho: *Et quid erat quod me delectabat nisi amare et amari!* Atravez das persianas rotas do quarto alugado reconhecera a *Surflamme* na silhueta branca que se passaritava.

Mas o braço quente de Helia enroscava-me no inconsciente e eu inteiro adormecia como um lobinho entre as tetas duma ovelha.

Num dia nostalgico, de céo a pingar lama, veio Ninette a rogo meu. Achei-a luxuriante como uma magnolia no tempo dos ninhos.

— Helia? — inquiriu.

— Foi ver o avô a Châlons.

Tirou o regalo, tirou o chapéo, tirou as luvas, já nada ridicula, já nada desastrada. Dei-lhe a ler o meu bem d'alma:

« Heliasinha, quando teus dedos rasgarem este envelope, estarei muito longe da *Mon-*

tagne Sainte-Geneviève. Não te levo comigo porque tu és tam indispensavel a Paris como o Sena e o tumulo do Imperador. Mas nunca eu irei tão longe, que olhando para traz, não veja o luar que tu semeáste na encruzilhada de nossos caminhos. *Petite Surflamme*, gosa, ri, continua a deixar-te engolir pela vida e serás mais feliz que eu, eu que bebo a vida pelo copo turvo da *mominette.* Ahi ficam como échos estes chinesinhos sardonicos, estas virgens gothicas pasmadas, e o piano numa tecla do qual a tua *Petite Boiteuse* coxeava. Sê a alegria deste Paris, de que milhões d'almas desde a alma augusta de Fallières á alma do pequeno *commis* de Felix Potin (o *da valse brune*) fazem um monstro adorador e adorado. Um beijo do Hilario. »

— Entam? — interrogou Ninette.

— E' para já a partida.

— Para onde?

— Berlim, Roma, a Grecia... veremos.

— E sósinho?

— Não, com uma rapariga adoravel, forte como uma columna do *Pantheon.*

O carregador veio buscar as malas. Peguei no chapéo e na bengala e disse :

— Vamos, que o trem é as 10-5.

— Vamos! vamos, quem?

— Quem? Nós ambos, Ninette.

Beijei-a na boca, amontoei-lhe a *toque*, as luvas e o regalo sobre os braços.

— Assim não; assim não se toma uma decisão tam grave.

Empurrei-a para o taxi-auto, passamos pela *concierge* de Ninette e ás 10-5 tomavamos o rapido para Berlim. Na noite seguinte estavamos na Friederichstrasse. Altas horas Ninette dizia-me :

— E Helia?

— ?

— Beberá lumes promptos em champagne?

— ?

— Moinará com o empregado de Felix Potin?

— ?

— Continuará a *faire la gourgandine?*

Amei Ninette 24 horas. Ela amava-me muito por mim e infinitamente por si. Amava-me como se ama *em verdade* dum amor directo e inquebrantavel. Ninette era Ninette.

Andei pela Italia e pelo Egipto, arrastando a esbelta rapariga que os homens me cobiçavam. Eu implorava debalde a Ilusão infinita que me iludisse.

Provára o veneno do insconsciente nos braços d'Helia e ficara envenenado. Receiava

a todo o momento que o meu *eu* estoirasse como um tonel de aduelas comprimidas. As coisas, os seres, a fragrante Ninette apareciam-me sem o véo da ilusão em seus esqueletos hediondos. » H. B.

S. GONÇALO

S. GONÇALO

Foi no dia de N.ª S.ª, ano da graça de 1207, que Gonçalo celebrou a primeira missa. Ainda a esse tempo não havia orgãos que enchessem o espaço de acordes divinos, mas as gargantas frescas do Seminario tornaram a solemnidade num céo aberto em que tocassem as filarmonicas que sam o regalo do Senhor. Ali mesmo entre o calice e a hostia votou Gonçalo sua alma á Virgem Mãe. E reza o veneravel Bolonius que neste momento a virgem do altar-mór sorrira num sorriso que, como sol nascente, incandesceu toda a catedral e regou d'oiro as sobrepelizes dos sacerdotes.

Escusado era este favor celeste para apontar Gonçalo como o exemplo da graça e a inocencia mais alva de costumes.

O odor da sua virtude era cheiroso com um campo de açussenas. Nem os outros ordinandos lhe regateavam o primor nem dele haviam zelos, posto que o prelado o tivesse sempre á mão direita como o primeiro entre os primei-

ros. Além de ser o filho estimado duma nobre e rica familia, possuia Gonçalo um espirito sempre assistido da branca e sabia Pomba, tam instruido nas letras humanas e atilado, que não havia heresia que ele não reduzisse a pó nem ideia scismatica que não devolvesse á fabrica do Porco-Sujo. Por isso muito cedo começaram a ser faladas a santidade de sua vida e a opulencia de seu saber.

Por estas razões foi Gonçalo, logo após a missa nova, provido na farta abadia de S. Pelagio, onde o pé d'altar era gordo mas não menos gordo o pecado. Era esta freguezia a joia da mitra, porem tam infestada andava de herejes e infieis que, mais duma vez, o primaz fôra surprehendido a clamar d'olhos fitos no horizonte abominavel :

— Arrasai-a, Senhor, como a Sodoma !

E se a não consumia o fogo do céo — diziam as almas diafanas dos velhos conegos da catedral — é que em S. Pelagio noite e dia ardia a lampada deante do Tabernaculo e não eram frustes as auferandas daquela barbara gente. Não obstante, mal a paroquia vagáva, os clerigos surgiam a disputa-la, e a luta do zelo devoto só via treguas quando o dedo iluminado do bispo tinha escolhido successor.

Com isto argumentam os tratadistas a

devoção dos primeiros levitas que porfiavam para cair na bôca do lobo, como na abadia de S. Pelagio onde as prebendas eram chorudas, porem a perversidade mais basta que o granizo no inverno.

Foi pois Gonçalo colocado em S. Pelagio, com grande ferro dos mais presbiteros, que queriam ir cansar os braços a desbastar a herva damninha, que pujantemente ali crescia. Logo que ali aportou as pernas do santo-homem vergáram de horror. O vicio era mais denso que a caruma dos pinhaes. No fundo da sua alma comparou-se Gonçalo a José entre as corruptas egipcias e a Daniel no covil das leões. O matrimonio — *sacramentum magnum in Christo et in ecclesia* — e suas leis eram ignorados. Viviam á redea solta homens e mulheres e tanto se havia multiplicado aquela má raça que bem assignalava quanto era joio en vez de plantas fructeira. Em determinados dias do ano reuniam-se com instrumentos e, entre descantes e chulas, se entregavam a festas que entravam pela noite dentro até as estrelas desaparecerem na casa de Deus.

No fim do solsticio do verão celebravam a matança do porco, bebendo e comendo copiosamente e praticando toda a sorte de licen-

ças. Confraternisavam entam e, entre beijos e canticos impudicos, ajustavam suas feias concubinagens. Diziam uns para os outros :

— Eu quero-te oh Urraca; se minha filha te agrada, e ela quér, leva-a; gostas de mim, Felicia?, e assim eram feitos os casamentos. Raros eram os que estavam ligados pelo indissoluvel nó da estola porque sendo bravios e endemoninhados preferiam a facil liberdade das mancebias. Além disso, eram pouco tementes a Deus e supersticiosos, indo pelo junho espetar ramos nos campos como faziam os idolatras de Céres.

Tudo isto entreviu Gonçalo e tam penalisado ficou que prostrando-se no adro, de mãos postas para o alto, repetiu a imprecação do bispo :

— Arrasai, Senhor, esta infame Sodoma !

Mas, como os fieis alimentassem de puro azeite a lampada do Eterno e as oblatas não fossem mesquinhas, Sodoma ficou de pé e nela o virtuoso Gonçalo armado do percuciente gladio da fé christã.

* * *

Ao cabo de tempos a mão exegetica de Gonçalo, sobre que carregava a mãosinha

da Virgem, tinha desfigurado aquele brejo onde o mal andava á solta que nem porco bravo. Com brando geito foi Gonçalo conduzindo as ovelhas para o bom redil e afugentando a tiros tesos de azagaia os lobos dos escandalos. E dentro em pouco a seára passara em flôr para o dominio de Christo.

Os bons semeadores só limpam o suor ao fim da sementeira. O escrupuloso Gonçalo demorou-se a rever a sua obra; mas quando a reviu, ajoelhando, rendeu graças ao Inefavel :

— Por vossos caminhos tortos, Senhor, chega-se tam depressa como pelos vossos caminhos direitos. Traçou-as a vossa mão e o que ela faz, se é insondavel, é infinitamente sabio. Ninguem blasfeme do pecado porque o pecado é o pedestal da vossa gloria e a moeda de nosso comercio.

Reconheceu tambem aqui Gonçalo a mentira aparente das coisas :

« O terreno mais fecundo é o mais inculto; um mal póde envolver um designio bom de Providencia; o sacerdote deve mais ao pecador que ao justo. »

Ficou Gonçalo muito reconhecido á Virgem por lhe ter reservado aquele terreno maninho e aos pecadores de S. Pelagio por

tam docilmente entrarem no gremio da egreja. Por todos difundiu a doutrina christã, o gosto da devoção, e o amor da justiça e das leis da terra após o amor da justiça e das leis do céo. Com benevola afoiteza desfez tambem as mancebias escandalosas unindo-os no matrimonio, *conjugium sub eodem jugo.*

Nesta sagrada pratica se empenhou o santo varão acima de tudo. Sucedia ás vezes, ao anoitecer, estar cansado o incansavel sacerdote de casar gente. Os arredios fôram chegando, pouco a pouco, até que nem uma só alma deixou de vir á presença do representante de Deus contrahir o augusto sacramento *magnum sacramentum*. Até as virgens loucas do logar que começavam a descrer, e as matronas de cabelos brancos encontravam um marido nos solicitos cuidados do sacerdote. Esta febre foi tam contagiosa que mesmo animaes domesticos queriam casar, de cujo erro ele os advertiu suavemente.

Mas novos e velhos tudo se casou, tudo se casava, e nas novenas entre himnos misticos aquelas almas puras cantavam :

S. Gonçalinho casai-me,
Casai-me que bem podeis,
Que tenho teias d'aranha
Naquilo que vós sabeis.

Com isto tornou-se Gonçalo o anjo tutelar de S. Pelagio, desentrançando discordias e açaimando a inveja dos homens. Correu por vila e termo a nomeada do santinho e de longes terras o visitavam em romaria, suplicando recomendações para o céo, ou para que deparasse a esta marido, áquele uma esposa.

O prelado, lá no mirante alto do Paço, dava graças ao Senhor, quando as mulas se viam na estrada carregadas de auferendas, tilintantes. E tam devota se tornou S. Pelagio, que não havia passal nem pé d'altar que lhe ganhasse em todo o primado das Hespanhas.

Mas sucedeu que logo que Gonçalo terminou a sua obra de arroteador e casamenteiro, sem aquela grande tarefa de engordar almas, se aborreceu e se viu só. Não reza Bolonius, nem Bolandus, nem Papebroch, nem Metaphrasto, nem mesmo Fr. Luiz de Sousa, doutos tratadistas, se o santo depois de casar todo o mundo não teria rebates de casar tambem. Que o demonio arma as mais subtis armadilhas com a carne, di-lo o Flos-Sanctorum em cada uma das paginas. Fôsse por isto — o que está muito em harmonia com as manhas de Satanaz, e certamente ele não podia deixar assim em dia bom um

guerreiro que tam ardidamente o combatia — ou por outras razões, está averiguado que ele resolveu ir macerar-se aos Santos Logares. Aprestou-se pois para isso, pedindo o beneplacito do prelado e catequisando um sobrinho a quem queria deixar como substituto em S. Pelagio, onde as benesses eram formosas e formosos eram os fructos da virtude. O sobrinho era materia maleavel e fina e, seguro disso, o apresentou aos fieis como tendo temporariamente o cajado que Deus lhe confiára. E uma tarde, inflamado do desejo de contemplação, o santo partiu para a Palestina numa horda de cruzados, não levando outras armas além das camandulas e de sua piedade. E ia contente, porque no olhar serafico do sobrinho descobrira a ilimitada obediencia dos bons servos.

* * *

Ao cabo de quatorze annos, que tantos gastou o santo em visita aos logares onde a Santa Burrinha pastou herva, voltou ele. E, á entrada da sua dilecta Pelagio, esfregou os olhos. Esfregou os olhos tanto tudo tinha mudado, que chegou a supôr-se nuns dos

pezadelos pecaminosos dos anachoretas. A aldeia tinha crescido, alagava a campina, os meninos eram homens, os velhos pó e oh! *turpitudo fornicationis*, o pecado volvera a assentar arraiaes donde antes ele o escorraçara. A gente tinha-se esquecido dos santos mandamentos, das praticas espirituaes, para recaír na infrene licença dos primeiros tempos. Para mais, seu sobrinho dava o peior exemplo de prevaricação, com ama e filhos sob a mesma telha da residencia, e entregue mais aos deleites do estomago e da caça que ás suaves labutas de pastorear. E, oh visco e cego engôdo das riquezas, havia-se provido na freguezia, tendo dado o beato Gonçalo como captivo e morto em terra de mahometanos?!

Depois de esfregar os olhos a divina revolta acordou no peito de Gonçalo. E em voz alta implorou o fogo do céo para a população e os flagelos do corpo e alma para seu sobrinho. Mas, talvez porque a lampada estava bem viva ás portas do sacrario na paroquial, o fogo não baixou das alturas.

Entretanto, subindo Gonçalo a uma dorna emborcada a pregar e a anatematisar, o povo acudiu em grande motim, homens, creanças e velhos — os velhos que ele san-

tificára — á testa deles o sobrinho, e ao insulto e á pedrada o poseram fóra de portas. Concluiu o santo homem deste passo quanto o poder do demonio é mais resoluto que o de Deus. Basta que Deus ou os seus representantes voltem costas para que a virtude christã se estiole como planta mimosa e exquisita. E Gonçalo ficou pensativo : porque é o mal o mais forte?

Com o peito a sangrar, não porque sua vida estivera em risco, mas porque topára transviadas suas mansissimas ovelhas, foi o servo de Deus deitar-se, queixoso, aos pés do prelado. Porém o prelado era outro e as mulas que vinham de S. Pelagio estavam a descarregar á porta do Paço. E secamente lhe foi dito que o que estava feito feito estava e que o sobrinho se colára na abadia de patena e calice, que era, como quem diz, de pedra e cal. Conformou-se Gonçalo com estas razões e d'alma chorosa, reconhecendo quanto sam caducas as coisas humanas, recolheu a um deserto, onde elevando uma choça se entregou a rigorosa quaresma. Cachoava ali uma torrente, e nela se restaurava e nos fructos silvestres dos oiteiros. Neste montado se restableceu a fama de Gonçalo e sua constancia evangelica. A sua voz — *ignitum*

eloquium — atroava a impiedade e fazia sofrer ao vicio rudes desfeitas. Os discipulos acorreram, os solteirões desesperados e toda a gente que achava saborosa a melancolia e a fructa das selvas. E uma aldeia começou a formar-se do outro lado da torrente onde o vento era mais maneirinho e o solo mais ubere. Todos os dias a outra banda vinha até o servo de Deus para orar e louvar.

Porém, no inverno, a corrente era caudalosa, e queria a tentação do Demonio que muitas pessoas morressem afogadas, ao atravessar as alpoldras. Para vencer a teimosia infernal, gisou o santo uma ponte de custosa e imponente fabrica. Os materiaes acudiram miraculosamente; penedos, que nem quatro singeis de bois moviam, vinham inteligentemente *por seu pé* empilhar-se nos pilares; os touros bravos do Marão, doceis como pombas, ofereciam-se á canga; os peixes saltavam de suas rincolheiras para os pratos, e da rocha viva manavam ôdres de vinho e agua saborosa para refrigerio dos artifices. Ao fim de curto praso estava lançada sobre as duas margens a ponte de magestosa fabrica, e o diabo não afogava mais as benditas creaturas. E assim se fundou uma vila de gostosos serôdios do amor, de contemplativos e de

creaturas, para quem era mór mimo o verbo de Gonçalo e os fructos providenciaes do logar que as delicias mundanas. E ali vinha em procissão, cantando, a gente de duas provincias, as virgens cujo seio começava a doer, os rapazões ciosos, as velhas doridas da soledade :

S. Gonçalinho casai-me,
Casai-me que bem podeis,
. . . .
. . . .

Quando os anjos viéram buscar a Gonçalo para a metropole da gloria inefavel, a natureza cobriu-se de luto. A campa do justo appareceu entam orvalhada de flôres — dizem uns — pelos alados mensageiros do céo — opinam outros — pelas mãos das mulheres, que, por mercê de Gonçalo, fiavam um amor derradeiro e aventurado.

O SÁTIRO

O SÁTIRO

Naquele tempo, Castela andava ás espadeiradas por todo o globo. Era uma sangria universal, e tanto assim que os escrivães d'oficio provavam em bom calculo matematico que o sol em todo o discurso sobre o Zodiaco, quer sob o polo arctico quer sob o antarctico, sempre ia alumiando victorias d'el-rei. D. Alejandro Santisteban, senhor de los Balbazes, casado, havia meses, com D.ª Mafalda Casarrubios de ilustre linhagem, foi um dos capitães enviados contra Portugal. Recebeu o nobre fidalgo a ordem do rei de parecer agradavel, posto que secretamente de coração desfeito. Na trabalhosa noite de marcha para a fronteira, para além da Puente de Segovia, pôde abrir-se ao seu companheiro d'armas Gil de Tavera e chorar lagrimas amargas em seu seio. D. Alejandro não podia consolar-se de deixar D.ª Mafalda por tempo indeterminado, depois de rapidos meses de matrimonio. Amarguradamente dizia, que se

já o amor com as moças amantes é escasso em tempo, mal vai quando o tempo é com elas avaro em amor. Além disso a sua fortuna ia por mau caminho. Com a guerra de Flandres, em que tivera a soldo duas companhias, desbaratara o patrimonio. As terras do Guadalquivir andavam a monte e os caseiros e os mordomos devoravam-lhe a fazenda, como bandos de corvos famintos.

D. Gil ofereceu-se para velar pelos negocios do amigo. Depois de longa e intima pratica, como só se têem para com irmãos ou o santo confessor, D. Alejandro aceitou e a mão no punho da espada ali se ajuramentáram para a vida e para a morte.

D. Gil começou por mandar arvorar cinco samarras de ladrões nas terras de los Balbazes, em oiteiros altos bem batidos do vento. E os cinco enforcados fizeram ao patrimonio arruinado sentinela util e dedicada. Depois, a sua mão poderosa impediu que o desembargo désse despacho aos credores de Santisteban. Em tudo se pôs de peito feito, como sevéro mordomo saido da ralé, a zelar pela propriedade do amigo.

D.ª Mafalda respondia a estes disvêlos com uma franca e immoderada estima. Era para ela um grande gôso vê-lo galopar de gineta,

á estribeira do cóche, quando com sua tia D.ª Sol ia ao Paço ou espairecia no Prado. Ninguem como ele era garboso em cavalarias, nem engenho havia mais delicado para apagear uma dama. D. Gil era nobre, jovem e rico. Uma leve melancolia se sentia nele e isso muito fazia scismar as donas. Os homens que se orgulhavam de andar na sua intimidade diziam :

— Dom Gil tem em França uma condessinha que morre d'amor por ele. O pai, para lhe castigar a loucura dos sentidos, fechou-a numa torre. Que admira que D. Gil de Tavera ande triste? As penas dela, ele as padece dobradas das suas.

Porem, a airosa desinvoltura do cavaleiro dizia ás damas que não era a sua mágua que mate, nem aquela paixão emparo que a outras podesse tolher caminho.

Os dias corriam velozmente contra as frestas altas do solar de Santisteban. Tinha de sóbra em que entreter-se a nobre dama, se sua mór paixão não fôsse ouvir a viola, bordar, e prender-se nos amenos discursos de D. Gil. Ele vinha, uns dias entre outros, beijar-lhe a mão e dar-lhe novas da guerra. Com brando geito ela retinha-o, entam, horas que momentos eram, encantada do encantado cavaleiro.

Em roda a aia e as donzelas enleavam-se, por seu lado, em ensilvado coloquio sobre a campanha e as festas que nunca viam fim nos tempos cheios dos dons Filipes, com guerra nos estados, ladrões no termo e peste em casa.

Viéram entretanto noticias da fronteira, mandadas por mão propria. O suceso das armas espanholas era colossal, mas a inesperada resistencia do inimigo dilataria a guerra por largos meses. D. Alejandro impacientava-se com as escaramuças na raia, escaramuças travadas — dizia ele — quando os espanhoes se metiam por Portugal fóra a roubar os porcos nos curraes, ou quando o inimigo, assaltando á socápa os soalheiros de Andalusia, arrebatava as mais frescas raparigas das aldeias. Os exercitos tinham dó de se matar, e D. Alejandro sentia uma castelhana e nobre vergonha.

Com o grande calor que estava, D.ª Mafalda acolheu-se a uma quinta nas cercanias de Madrid, onde havia um laranjal e uma ribeira remançosa. Esta descia da montanha, deixando atraz de si um tom saudoso, que era como o latejar d'arteria daquela soledade.

Em derredor nunca acabavam os gorgeios e rebanhos de cabras tilintavam. Havia lá uma fonte com um homem de pedra no meio,

sendo os pés de chibo, e a barba branca do estercar das aves, que sobre sua nuca vinham scismar ao sol pôr. A agua despenhava-se em volta dele, e era seu regalo ve-la despenhar, alheio ás desfeitas da natureza, tam alegre que se o fizessem em pó parece que a seu contentamento não punham fim.

Cerca dali as laranjeiras mostravam-lhe os dôces frutos, mas os olhos libertinos mais não viam que as ondinas que queixosas fugiam delle e lêdas voltavam, calando o pranto entre as côxas felpudas dos limos.

D.ª Mafalda ia para ali muitas vezes abrigar-se da calma, dando soltas ao pensamento, emquanto os taralhões sujavam as barbas do sátiro e ele caçava as ninfas.

Aprazia-lhe muito aquele sitio, porque ali as ramagens não deixavam penetrar a braza do sol e no olhar licencioso da estatua lia a elegia ferida da sua soledade.

Ela tinha-lhe percebido a malicia e esta descoberta fazia-a palpitar duma sensação nova, sobre que seus sentidos ás vezes adormeciam. O sorriso do sátiro não se limitava á ironia de violar as ninfas innocentes e quebra-las entre as côxas sensuaes. Era um sorriso que tambem vinha do exterior, a sua voluptuosidade junta a um motejo quasi

transparente para quem como ele não era. E figurava-se a D.ª Mafalda que a expressão do sátiro ali se fixára eterna e zombeteira, no dia em que a consciencia dele e a do mundo se tinham encontrado e contemplado. D.ª Mafalda sentia-se confusa com este segredo e, se D. Gil vinha topá-la ali, estranhamente se afogueava, não querendo mostrar ao cavaleiro que fantasiava com o sátiro, nem confessar-se que por causa do sátiro se afogueva com o cavaleiro. Em ingenuo disfarce iam vaguear até donde a voz da corrente só chegava como um arrulho tenue de saudade. E D.ª Sol, que observava de cima todo este discreto comercio, dizia para si e para com a Virgem del Pilar que nem dois irmãos seriam mais castos que sua sobrinha e aquele moço de nobres cortezias.

Uma noite, bateu um recoveiro á aldraba com noticias do senhor de Santisteban. D.ª Sol, d'oculos d'oiro no bico do nariz, pôs-se a ler por cima do hombro de Mafalda. E, cuidadosa de ser a primera a dar a novidade, disse ás creadas que se tinham aproximado :

— O sr. está no cerco duma praça. Quér que sua mulher vá ter com ele. Boa noticia, filhas, boa noticia.

D.ª Mafalda veio para o balcão e, triste, deixou boiar os olhos no misterio da noite. Muito tempo ali esteve, agastando-se a ouvir o ribeiro que chorava. O oficio divino rumorejava lá dentro morno e vagaroso contra os pentagonos agressivos do tecto visigotico.

Desta vez, porem, D.ª Mafalda passou entre as aias indiferente á piedade convidativa do oratorio, direito á alcôva. D.ª Sol veio recomendar-lhe:

— Não te esqueças de rezar dois padrenossos pelo avô morto em Lépanto e outros dois pelos soldados que morrerem na guerra. Ouviste?

Mas D.ª Mafalda não mostrou ares de ter ouvido. Voltou D. Gil de Tavera e com D.ª Mafalda se foi a espairecer pela quinta. Fizéra muito calor sobre a tarde e as flôres, agravadas, descahiam sobre a terra. O sol mergulhava para traz dos montes de Guadarrama. Lá para os cerros, as calhandras assobiavam aos filhos.

Calados se fôram, um a pár d'outro, costeando o regato que tinha o consolo de soluçar quando para os homens é sina sua sofrer e se encobrir. Começaram entam a fazer um ramilhete, a meias, das flôres que para ali

haviam nascido ao acaso, D. Gil colhendo-as, D.ª Mafalda ordenando-as em harmoniosa gama, segundo o matiz.

Muito tempo levaram naquele entretenimento até que, sem dar por isso, se viram na alea no meio da qual estava a vasca de pedra, onde o velho sátiro não acabava o gôso. Descia a noite, e os ralos, vendo o jardim em socego, vinham á porta e cantavam. Uns respondiam aos outros e o vale e o monte encheram-se de vozes, sonoras como um nocturno de monges. Os grilos sacudiram os elictros d'ebano e oiro, um rouxinol suspirou, recolheu-se, tornou a suspirar e despediu uma trova tam suave que subia ao céu para descer á terra. E o côro da noite elevou-se em mil acentos joviais e magoados, e nele mesmo as rãs do rio e os sapos eram melodiosos.

D.ª Mafalda e D. Gil sentaram-se ali, rendidos ao arraial da montanha.

A lua ergueu-se, subiu até á altura dos peitos. Ambos estavam penetrados do misterio da vida e das alegrias dos seres. Mas, não sendo simples, não sabiam tomar parte no amoroso enternecimento da noite. Parecialhes que eram infinitamente pequenos, e sentindo nisto uma dôr e na dôr uma voluptuosidade, tinham necessidade duma resignação

que os levasse para longe deles. Mas não podiam precisar o que queriam, nem determinar a natureza daquele sentimento.

Entretanto das bandas de léste começou a soprar uma aragem branda, e a musica dos animalculos abrandou, e mudou-se a feição da terra e o sabor que havia no ar. O concerto mudo começou para os seres que não cantavam em voz alta as suas efusões. Era a orgia enrodilhada das halitos vegetaes, o beijo immanente do ser no ser que começava. O pé de aragem trazia a montanha ao vale em noivado. Desceu, primeiro, a sensualidade ligeira da verbena e o travôr da flôr das giestas. Depois, passou ao de leve a alma dos rosmaninhos, o humor da borragem, a fimbria real da herva-maria, o mole langôr dos sargaços. Tudo isto veio para o laranjal, as madres-silvas, os geranios dos canteiros, plenos de luxuria, gratos ao rigor do sol que muito os agastára para mais voluptuoso desagravo na levada nocturna dos abandonos.

Mais regaladamente, na faina eterna de zomba e de gozo, o sátiro era o superhomem, acima do tudo.

D.ª Mafalda e D. Gil ali se quedaram por muito tempo entre a penetração silenciosa do vale e do oiteiro. Olhando D.ª Mafalda as

estrelas que lagrimejavam lá ao alto, o cavaleiro disse-lhe :

— A modo que muito longe estais d'aqui, senhora?

— Sim, bem longe viajava minha fantasia. Será verdade, Don Gil, que as estrelas têem uma linguagem para falar aos homens?

— Assim o creio, senhora. Nenhuma pagina do livro de Deus está em branco para quem quizér ler. Escutai álem aquele ribeiro : ouvistes? — repete as minhas queixas. Olhai a peneira da lua que tam bem siranda o luar: pareceis vós na terra semeando a graça.

D.ª Mafalda sorriu e tornou :

— Não é isso, senhor cavaleiro. Póde, por ventura, ler-se nas estrelas os destinos das almas?

— Póde, sempre o ouvi dizer. E, perdoando que vos pergunte, que quereis saber, senhora?

— Coisa de nada. Vêdes, álem, na Estrada de S. Tiago aquela estrelinha a luzir e a apagar-se como uma candeia ao vento? Lá, para traz daquele cacho delas que parece mesmo um craveiro com cravinas d'oiro. Ha pouco reparei nela e tam triste está e sosinha que lembra uma alma que eu conheço. Que significará ali para a nossa existencia, e o seu

olhar, que já ha de ter encontrado o nosso, que dirá ele?

— Eu sei o nome dalgumas constelações e dalguns astros, mas não sou mago que lhes decifre o sentido. A esse grupo d'estrelas chamam os astrologos o Cisne. Semicerrai os olhos e ve-lo-heis de asas abertas, singrando num lago de leite.

— E' verdade. Parece um passaro de fogo balouçando-se sobre as vagas. E que restea de luz á cauda, dir-se-hia a esteira! Mas a minha estrela, D. Gil, é mais para a esquerda, entre as duas que vam á frente ensinando o caminho e aquele bando em volta duma maior que lembra uma perdiz com os perdigotos.

— Vejo, vejo agora, senhora. Tinheis razão, perdida e triste la está na Via Lactea. A perdiz com os perdigotos é a Lira. Está pois entre a Lira e o Cisne a vossa estrela. Consultai agora?

D.ª Mafalda, fazendo da mão pála, olhou a pequenina estrela perdida nos abismos do ceu. O cavaleiro reparava nela e na estrela. Ela disse :

— Ela foge-me, ela foge-me da vista se a fito, D. Gil.

— Tornai a olhar, senhora?

D.ª Mafalda ergueu outra vez a fronte e ficou immovel sob a tunica cravejada do universo. E voltou a dizer :

— Ela foge-me sempre. Mas figurou-se á minha imaginação que é um profundo gemido da Lira, ao passo que em volta as estrelitas sam risos de infinita harmonia. Ela esconde-se, apaga-se e volve á superficie como os soluços.

— Tal qual a alma, senhora?

D.ª Mafalda não respondeu e ambos voltáram a olhar :

— Lá vai o Cisne; se corre mais depressa arrebanha-a no vôo. Não parece que o Cisne a vai tocar com as asas? Vêde vós, D. Gil?

D.ª Mafalda desviou o olhar e ouviu cantar os ralos, as rãs, a mágoa do rio, e o festim do monte e do prado. Uma consolação infinita sucedia na terra á sentida necessidade das resignações.

— A vossa alma, senhora, está entre o colo do Cisne e a poeira doirada da Lira. Saíu do Cisne, saíu da Lira? Amargadurada está, e ou déve entrar no seio duma ou ser arrastada no vôo fagueiro da outra. Senão, ela enterrar-se-ha como um calhau humilde na estrada das outras constelações. Está na vossa inclinação dar-lhe destino, senhora.

D.ª Mafalda sorriu e volveu de novo os

olhos para a estrela, abrigando-os da lua que vinha já á altura dos ciprestes. Depois, deixando cair a cabeça, pronunciou em voz sumida :

— Que a leve o Cisne... que a leve o Cisne...

D. Gil comprehendeu entam que na estrela punha Mafalda o destino e imagem de sua alma. Mais confuso que ousado tomou-lhe uma das mãos e beijou-lha.

D. Gil ficou para o serão; e, emquanto em tôrno sobre as almofadas persas, as aias se gastavam em alegre entretenimento, os olhos deles aprendiam a ser corajosos.

No momento de partir ela pôs-lhe no sombrero uma pluma branca de neve, tamanha como as garças reaes. E foi ao balcão, onde o luar fiava prata, ve-lo passar; mas D. Gil, dando de espora ao cavalo, desapareceu resolutamente na azinhaga deserta, como se atraz ficasse campo raso em que se não prendesse o novelo de seus cuidados.

D.ª Mafalda voltou á sala, para as rezas; porêm as avemarias caíam-lhe absôrtas dos dedos, como as lagrimas que se despegam da estalactites.

* * *

Aconteceu haver, num daqueles dias, um auto de fé que tam bastos e assignalados beneficios lavrou no seio da egreja praticante. D.ª Mafalda e D. Gil tomaram assento entre a côrte, nos estrados erguidos, adrede, aos primeiros alvores da madrugada. Quando as labaredas, que queimavam os penitentes, atingiram a altura de espadas, um tenue vapor incensou a atmosfera.

Era como que um halito immaterial espraiado na ardentia, tam subtilmente se infiltrando no sangue até o coração, que todos reconheceram o suave aroma que rescendem as almas quando transitam para a mão direita de Deus-Padre. Ao mesmo tempo, as tintas duma tempestade inefavel coloriram os rostos, e algumas nobres damas caíram varadas de silencioso deliquio. Grandemente se anojou, ao começo, D.ª Mafalda que muito sensivel era ao sofrimento.

Vendo porem os condemnados beijarem as mãos poídas dos frades, cobrou folego e recolhida e transportada pôde contemplar aquele palco de inefaveis graças. Quando as cinzas do ultimo penitente fôram varridas,

a muchadumbre debandou com pezar d'haver já acabado aquela obra d'alta indulgencia.

De volta para as arrebaldes, notou D.ª Sol quanto sua sobrinha ia agastada dos nervos, a cabeça apoiada contra o veludo da carruagem, d'olhos semicerrados e narinas dilatadas. E, pensando que o ar lhe faria bem, aconselhou-a a que fosse com D. Gil espairecer pela quinta. Assim se dirigiram os dois para o retiro onde a magoa do ribeiro chorava e o segredo do sátiro ria dos destinos dos homens.

Sob a cupula azul do céu, o sorriso dele tinha naquela hora solicitações que inquietavam.

Era um sorriso beato, langoroso, em que se colávam o olhar e o pensamento. As pernas, rijas como o caule das plantas, trahiam o enraizamento profundo no gôso. Sobre a oscilação constante das ondinas elas dansavam uma dansa lasciva e baquica. E, emquanto tripudiava sobre a terra, o focinho malicioso e bom lançava um olhar de suborno á austeridade. Os braços balanceados, um mais acima outro mais abaixo, filosofavam como os gregos : a vida é um musgo no nada ; quebrar a cabeça na virtude, oh folia ! Nada é bom, nada é mau, só o amor e o sorriso sam realidades !

D.ª Mafalda, que nervosamente ia desfolhando flores pelo caminho, disse para D. Gil :

— Esta estatua tem um ar impertinente; hei de mandar faze-la em pedaços.

— Que impertinencia póde haver num bocado de pedra com forma humana?

— A duma lição...

— Conselhos?

— Não, censuras.

— Censuras, a quem?

— A quem não comprehende.

D. Gil pondo-se a analisar a estatua, Mafalda purpurisou-se :

— E' um segredo, deixai.

— O segredo da felicidade, senhora?

Ela não respondeu. Gil ficou immovel ainda um momento deante do sátiro e, aproximando-se de Mafalda, disse-lhe nos olhos :

— Comprehendo.

— Ah!

Agarrando-a pelo braço num movimento de presa, acrescentou :

— A censura... não será justa, senhora!

D.ª Mafalda deixou-se enlear pela cintura e os beijos passearam-lhe o pescoço, quentes e vorazes. Um sôpro ligeiro disse-lhe :

— Amo-vos.

Depois os beijos procuraram-lhe a bôca e os seus nervos esticaram-se num sobresalto.

Perante reação tam brusca, D. Gil abriu os braços. Ela ficou em frente dele afogueada e arquejante. Palido e arquejante ele fitava-a sem saber dizer palavra.

A cantiga do rio ouviu-se; em seus jardins as animalculos mussitavam; o sátiro instigava a provar os frutos prohibidos da terra. Era a hora das voluptuosas renuncias.

O despeito e a sofreguidão insatisfeita de D. Gil faláram :

— Ah ! bom logar se não foreis vós, senhora !

Num sorriso desnevado, furtivo como um enigma, ela respondeu :

— Sim, bom logar se não foreis vós, senhor !

D. Gil ficou pregado á terra, perplexo do desenlace, vendo-a afastar-se altiva e longinqua. E subitamente seu espirito enxergou; percebeu tudo, e a dôr foi tam aguda que prostrando-se de joelhos e mãos alçadas suplicou á Virgen del Pilar, sua Madrinha, que para pôr fim a seu mal lhe tirasse a vida.

Comprehendia agora o segredo inteiro do sátiro, e a palavra enigmatica de Mafalda.

Todos os estremecimentos e protestos dela não eram mais que o véo duma defeza enganosa, com que acobertaria o escrupulo e os desejos. Assim se passava na caça lasciva que o sátiro fazia ás ninfas : furtavam-se elas em desordem febril para logo após virem render-se em queixosa entrega. E' da natureza da femea esquivar-se e resistir, quando o sangue muito lhe palpita pela hora das voluptuosidades. O seu papel é ser esquiva e dolorida e o papel do macho ser forte e brutal. O preludio para ela é sentir « o por baixo ».

Estas reflexões acudiam-lhe em tropel, emquanto a resposta de Mafalda : « sim, bom logar se não fosseis vós, senhor, » lhe zumbia aos ouvidos, como a voz formidavel de todas as Espanhas pregoando sua cobardia.

O sátiro, acima dele, não cessava de escarnecer dos homens; os animaes do monte caíam em deliquios musicais.

D. Gil passou a noite em agitada febre, de joelhos ao oratorio da Virgen del Pilar. Dois cirios ardiam aos lados, e sobre a seda lavrada d'oiro de duas bandeiras ganhas na guerra, ela sorria o sorriso amoravel de sempre interceder pela fortuna dos amorosos.

A suplica de Gil era profunda e cheia de emoção. Amava D.ª Mafalda de amor pecaminoso, mas já só queria lavar-se da deshonra em que ficára aos olhos de tam nobre e formosa dama.

Que a Virgem o guiasse e prometia não cair segunda vez em tentação e empregar em missas e obras de caridade todas as rendas dum ano:

« Minha boa Madrinha, desafrontai-me, salvai-me a meus olhos e aos olhos dela. Meus desejos fôram execraveis, mas lavarei meu coração em orações e suplicios. Rainha dos céos, livrai-me da vergonha! Rosa mistica, ouvi-me!» Ajoelhado ao oratorio, seis vezes escutou o sereno que cantava na calle o Ave Maria purissima. Sobre a aurora, seu rosto alegrou-se; a terna Madrinha tinha-o por fim ouvido e aconselhado.

Sem esperar que a madrugada aclarasse mandou selar um cavalo. Afivelou a espada, encomendou-se de novo á Virgem que sorria, e abalou a galope. As ruas estavam desertas; nas hombreiras os serenos tiritavam. As azinhagas dormiam.

Quando chegou a Santisteban uma vaga promessa de luz arroxeava o oriente. Bateu á aldraba da porta, e ao nome de D. Gil de

Tavéra, o porteiro, estremunhado, abriu. Lançando-lhe as redeas, subiu a escada e afoitamente pôs pé nas salas mornas e escuras. Orientando-se sem dificuldade, a passo de lobo, foi direito á alcôva de D.ª Mafalda. A porta estava encostada e Gil entrou. Brandamente, a lampada ardia contra o enorme leito que aparentava uma grandura religiosa de altar. Um perfume langoroso, de magnolias em flôr, enchia o aposento.

Avançando, á chama difusa distinguiu o corpo de Mafalda, no somno, nu com o calor que estava. Todo ele era uma onda côr de leite e luar e ao mesmo tempo cada membro, surprehendido no abandono, um fruto divino florido em roseiral de beijos. Uma das tranças, coleando-lhe pelos seios, ia desaparecer entre as côxas como uma longa e negra serpente.

Gil curvou-se sobre ela e primeiro beijou os pés, aqueles pés que cabiam numa casca de nóz e sabiam fugir; depois, suavemente como uma aresta d'onda, os beijos percorreram tudo, da garganta que endoidecia aos seios, roseas cabeças de pombos que desarmariam a frieza dum punhal. Levada talvez nas asas dum sonho ligeiro, Mafalda suspirou.

Gil deteve-se um momento a contempla-la. Só as narinas se agitavam ; a respiração

era serena; do corpo exhalava-se-lhe um aroma de sensualidade que fazia latejar as veias de Gil como badaladas de sino. A sede de possui-la queimou-lhe a garganta.

Cega, nervosamente, Gil colou entam a bôca sobre a bôca dela. Ao mesmo tempo, passando-lhe os braços em torno, ergueu-a para ele como uma pena. Mafalda gemeu, debateu-se e num raro arranco de energia libertou-se da tenaz que a segurava. Em voz suplicante, Gil tentou tranquilisa-la.

— Mafalda, Mafalda, sou eu!

Ela quedou-se ofegante, aturdida, de pupilas dilatadas; e logo que abarcou toda a realidade, exclamou:

— Vós? Vós?! Socorro! socorro!

Acudiram D.ª Sol e as aias em fralda de camisa, e dando de cára com D. Gil se benzeram de espanto. Com a voz tremula de exaltação Mafalda disse:

— Este homem... introduziu-se aqui... á falsa fé... Que saia para nunca mais...

D.ª Sol fez menção de lhe ir arrancar a espada, mas D. Gil com brando geito afastou-a:

— Deixai-a para o sr. de Santisteban.

Uma aia saíra com o proposito de chamar, Mafalda opôs-se:

— Não não, meu marido saberá vingar-me.

Gil, com um sorriso mau a brincar-lhe nos labios, pôde dizer-lhe :

— Para que me tentastes, se havieis de repelir-me? O logar era bom se não foreis vós ! Maldita seja a hora em que vos vi, maldita seja !

D.ª Sol veio espera-lo á porta para lhe dizer num esgar :

— Ide fazer o bem d'alma, senhor cavaleiro.

D. Gil soltou uma praga, e montando a cavalo tomou o caminho de Madrid. Ao passo lento da montada, foi maldizendo da sorte e blasfemando dos anjos e da Madrinha. Agora, já não via apelo para a sua deshonra, e nem seus olhos podiam chorar nem seu espirito reflectir. Sua alma estava amarfanhada, poluída como capa de toireiro após um *trasteo felón.* Antes de chegar á ponte do Manzanares ouviu grande tropel e voltou-se; um lacaio de Casarrubios avançava á redea solta. Perguntou-lhe :

— Onde vais?

— Recado para o sr. D. Alejandro, senhor !

Gil comprehendeu que ia naquele cavalo negro, que corria como o vento, a sua sentença de morte. O estafeta desapareceu numa nuvem de poeira e Gil pôs-se a contar os dias

de jornada até Elvas. Dois dias a Toledo, Toledo a Badajoz, cinco; Badajoz a Elvas, dôze horas. Oito dias, com bons cavalos de muda e o caminho franco. Ao todo vinte dias para fazer o bem d'alma como lhe aconselhára a velha mumia de Casarrubios. E, como o praso era longo e o mundo dava muita volta, veio-lhe á ideia que podia ainda arrancar-se daquele ruim atoleiro. A Virgen del Pilar, que mais duma vez o salvára da foice das batalhas, podia tambem limpar-lhe o caminho naquele tam estouvado e dificil passo de sua vida. E, regressando á fé na Madrinha, prometeu-lhe que se daquele aperto se saisse sem desdouro casaria com a primeira donzela pobre que se lhe defrontasse. Sua Madrinha teria além disso um templo sumptuoso e uma missa perpetua em capela propria. Assim discorrendo perguntou-se Gil se não havia cobardia em seus pensamentos. Mas certo de que não temia a espada de D. Alejandro nem a morte honrosa, mas a infamia publica e a morte traiçoeira, afervorou Gil nas promessas á Virgen del Pilar.

Ao entrar na cidade outro cavalo fogoso relampejou por ele. D. Gil reconheceu *El Judio* de D. Alejandro e interrogou :

— Ondé vais?

— Sustar o mensageiro mandado a Elvas. Ordem de minha senhora.

D. Gil com mão nervosa atirou-lhe uma bolsa de escudos :

— Se cumprires a tempo o que te mandaram terás outra.

O cavalo branco, generoso, despediu veloz como uma seta. A Virgen del Pilar operava o milagre e Gil rendeu-lhe infinitas graças. Não era duvidoso que o cavalo branco que corria como o pensamento não alcançasse dentro d'horas o cavalo preto.

E Gil foi pensando em D.ª Mafalda que enviára a contra ordem, e na donzela pobre que desposaria, segundo o voto a sua Madrinha.

Que floresta de contradições era a alma das mulheres? Razão tinha Frei José das Sete Lanças quando no confessionario, ao cabo dum pecado d'amor, lhe dizia em benevola admoestação: *Ignis, mare, mulier, tria mala.* Gil de Tavera fechou-se em casa e, de semblante tôrvo, ordenou aos lacaios que não abrissem nem ao Santissimo Sacramento.

Dois dias e duas noites lhe escutaram os passos invariaveis, de cá para lá, de lá para cá, nas salas desertas e as blasfemias vehementes

que soltava. Ao terceiro dia — contra a ordem expressa — bateram á porta onde ele passeava como uma fera raivosa e solitaria. Abrindo num assômo de colera, deparou-se-lhe uma dama que escondia o rosto em negra mantilha.

A dama avançou em passo lento e descobrindo à fronte disse :

— Dom Gil, venho pedir-vos perdão !

Era bem D.ª Mafalda que ali estava, suplicante, a face banhada em pranto. Era bem ela, misteriosa e possuida de impulsos diversos como o fogo e como o mar. Gil recobrado da surpresa, disse :

— Perdão de que, senhora?

— De minha crueldade.

— Senhora, eu muito vos desrespeitei porque muito vos amava.

— E eu, porque muito vos queria, vos tornei victima de meu desatinado querer. Tinha pressa em ser amada e as vossas maneiras eram lentas. Ofendeu-me a vossa irresolução, em seguida vossa ousadia em quererdes salvar não vosso amor mas vosso orgulho...

— Senhora, era a paixão que me cegava.

— E ainda me tendes amor?

— Mais que á vida !

D.ª Mafalda enxugou os lagrimas e em voz dorida contou que não fôra possivel embargar a mensagem que D.ª Sol despachára a seu marido. O segundo estafeta voltára naquele dia, depois de rebentar o cavalo nas cercanias de Toledo. Que fazer agora?

E seus olhos começaram a correr em fonte, entre exclamações de desespero :

— Que havemos de fazer, D. Gil, que havemos de fazer?

— Esperar...

— Esperar !... D. Gil, eu amo-vos e estou decidida a partilhar vossa sorte. Fujamos para longe de Espanha.

D. Gil pesou um instante as palavras de Mafalda :

— E nossa honra?

— Eu conheço o genio de D. Alejandro; depois da ofensa ao seu brio, não se medirá convosco.

— Tanto melhor para nós... para ele.

— Não, mandar-vos-ha matar... dar-vos-ha morte afrontosa.

— Morrerei feliz, pensando em vós...

— Desgraçada de mim !

Seu chôro corria copiosamente. Gil bebeu-lhe as lagrimas; Mafalda passou-lhe os braços

ao pescoço; trocaram os labios. E amaram-se dum amor centuplicado pelo espectro do mau destino. Acima de suas juras e vozes d'amor, o galope doido dum cavalo resoava, um cavalo feroz que avançava na campina rasa para Madrid.

O TRIUNFAR DA VIDA

O TRIUNFAR DA VIDA

Tinha Deus posto Adão e Eva no jardim das delicias. Não precisavam de trabalhar, correr ou cansar-se, porque tudo lhes estava ao alcance da vontade. Na garganta deles nunca houve sede nem em seus cerebros um desejo insaciado. Viviam para ali na plenitude dum gôso inapreciavel, porque nunca sol mais destemperado ou hora amarga lhes disséra que aquilo era a suma beatitude. Os dias rolavam sobre os dias ante seus olhos placidos, sem levar uma saudade, nem trazer uma esperança.

O horto era abundante de graças, porém eles nem sentiam o aborrecimento nem a largueza das graças. Eram felizes porque Deus seu amo lh'o disséra e eles acreditavam.

Em sua felicidade absorta apenas um conselho do senhor os distraía com seu vago espinho :

— Gosai, mas cautela, não toqueis na arvore da sciencia. Fazendo-o, ficarieis envenenados

do bem e do mal. Tu, homem, regarias a terra com o suor de teu corpo; tu, mulher, serias votada á condição do ser mais fragil, mais sensivel e mais dolorido. Tomai pois tento.

— Mas, senhor — retorquiu nosso pai, que era um molôsso fiel — ensinai-nos qual é o fruto prohibido, e nós juramos não lhe tocar.

— E' aquele — respondeu o pai celeste — que mais vos apetecer na hora perfumada das sombras. Sereis tentados a come-lo pelas serpentes, as abelhas e a conjura dos elementos.

— Assim é saboroso o fruto prohibido? — inquiriu Eva curiosa.

— Saboroso; mas no caroço se escondem todas as peçonhas do sofrimento. Mal o provasseis, vosso seio tornar-se-hia no ninho infernal dum mundo misterioso e tumultuario. E eu mandar-vos-hia escorraçar pelos guardas. Gosai, gosai contanto que respeiteis o enigma de minha sapiencia.

Retirou-se o Padre Eterno para a sua côrte, celestial no meio da tropa dos arcanjos e dos serafins que fungavam em trombetas e saxofones de prata. Adão e Eva vendo-se a sós no jardim das delicias, em que as fontes

trauteavam menuetes, o areial era d'oiro e as arvores andores garridos e pasmados, meditaram.

— Vá lá saber-se que fruto é — dizia Adão — Se conhecessemos aldemenos a côr!...

Eva, relanceando olhos escrutadores aos pomos corados e anchos, proferiu:

— Assim defêso e guardado, muito bom deve ser!

— Oh! deve — concordou o homem num lôrpa e largo sorriso.

Desde entam, o espirito deles palpitou por saber qual era o fruto que ocultava a raiz de bem e do mal e a semente da sabedoria. Mas na variedade infinita do Eden todos os pómos eram saborosos e tentadores. De todos lhes diziam os picansos e os abelhões, que neles se banqueteavam:

— Como sabem bem! Como sabem bem!

Os divinos habitantes não atinavam com o miraculoso pomo. Era este cuidado o suave espinho que feria seu extatico regalo. O receio de involuntariamente poderem trahir o amo enrugava a face lisa de seu mar de doçuras. E se não eram menos felizes, eram mais sentidos aqueles dias de terna mansidão e noites de sommo solto. Mas sua carne e sua alma permaneciam immaculaveis.

A's temporadas o Senhor descia a visitar os colonos; e havia grande arraial no jardim das delicias, em que, do grilo ao diplodocus, todos os animaes tomavam parte. Adão e Eva entoavam um *Te-deum* festivo a que faziam côro os leoês e os elefantes debonarios. E, de todas as vezes, se retirava contente, cofiando o linho da barba, e rebolando o olhinho vivo na fronte sumptuosa de velho.

Duma dessas viagens, emquanto todos tres percorriam uma das aleas do parque abobadadas de frutos, Eva rogou :

— Mas, senhor, dizei-nos qual é o pomo prohibido?

Jehovah atalhou logo, de má catadura, que seriam os reprobos no dia em que o soubessem. Eva, todavia, que estava pôdre com mimo, começou a colher frutos e a lança-los aos pés do Creador. E, cortando, cortando sempre as assucaradas peras, as romãs palidas, as camoesas ingenuas, interrogava :

— E' este, Senhor?

E a todos Deus respondia, sevéro e bom :

— Não, Eva, não.

Nossa Mãe, porém, que era sagaz, notou que todas as vezes que os pomos estavam em alto e que para os colher tinha que alçar a perna ou distender o braço, o olhinho de Deus

boiava mais luminoso na testa luminosa. Aproximar-se-hia deste modo do fruto interdito?

Deus, porem, não o confessava e eles lá iam vivendo no temor de serem maus servos e no remoer da curiosidade, desperta á porta do misterio. Estes dois sentimentos mitigavam-lhes a beatitude exhaustiva de colonos do jardim das delicias. Os mezes rolavam sobre os dias e eles, ás vezes, sentiam-nos rolar.

Uma tarde, á doce sombra das olaias, pensavam na tentação em que colaborariam os animaes, e que semearia em suas almas a seára emmaranhada da sciencia. Uma nuvem, franjada de tons sepia, passáva no céo suando um subtil torpor sobre as rosas e as asas das abelhas. Toda a creação enlanguecia em somnambulo goso. Na orla dum ribeiro duas gazelas perseguiam-se, soltando gritos. As flôres agastadas descaíam sobre a terra, roçando muito timidamente os geranios suas cabeleiras de infantes loiros á face rubra das dalias. E, pelas fendas das rochas — que as havia no Éden de agata e alvo alabastro — os lagartos confundiam suas casacas verde-gaio.

Adão e Eva, numa lassitude que lhes envincilhava os membros ageis, contemplavam de

pupila semi-morta o tregeito estranho dos seres. A nuvem ancorára sobre eles, impedindo de voar para o throno de Deus a sortida perfumaria do Éden. Como cobras somnolentas, os aromas rastejavam pelo chão e enroscavam-se em torno dos corpos nus e candidos de nossos pais.

— Estamos envoltos em hera — balbuciou Eva.

— Sam as cordas do sol que passam pelas arvores — respondeu Adão.

Sob a nuvem immovel e espessa, o fato vistoso dos lagartos palpitava, e no fundo dos bosquedos suspiros novos de animaes feriam o silencio.

— Ah! anda-me o lume na cara! — tornou a gemer Eva.

— Não, sam os incensos que encontram fechada a porta dos céos — socegou Adão.

A nuvem baixou ainda, poisando como um vaporoso manto sobre a cópa das arvores. Uma luz indecisa banhava o jardim das delicias.

— Que nuvem tam carregada, abafa-me! — lamuriou Eva.

— Cala-te; é a escada por onde Deus desce a visitar-nos.

As serpentes enroscavam-se em S e os

passáros espenujavam-se nervosa e repetidamente.

No peito lansudo de Adão as narinas de Eva rufIávam. E, com toda a meiguice dum jovem felino, as formas cheias dela roçavam-se pela musculatura sêca de nosso pai. Adão mordeu-lhe os bicos dos seios e ela proferiu em voz quebrada :

— Que sabor terá o fruto misterioso do bem e do mal?

— Quem sabe lá !

Como estivessem muito proximas, as fontes frescas e inocentes de suas bôcas juntaram-se. E reconheceram que era melhor que o mel, que era o inefavel. Sob o peso de Eva, mole e suavemente Adão esticou a perna num estição suave; maliciosa e a rir como a agua nos seixos, nossa mãe agarrou-lh'a entre as suas, dizendo :

— Olha como os serpentes se abraçam !

E Eva á semelhança delas tentou enliçar seus membros nos membros rijos de Adão. A nuvem misteriosa, curvando as pontas, fechava o parque numa abobada morna, onde as laranjas lusiam como lampadas. Um suspiro de mil suspiros errava no ar.

E Eva, a tentadora e a subtil, disse a Adão :

— Faz-me como as serpentes e como a nuvem.

E Adão assim fez. Na encontrada dualidade, dôr e volupia, daquele abraço, presentiu Eva que haviam descoberto o perigoso fruto.

Mas o sumo bem, que se lhe deparára, impedia-a de voltar atraz. O temor de arrostar a cólera divina e o orgulho de devassar o grave enigma mais teimosa tornávam sua ancia. Mau grado seu, sua febre aguçava-se nos riscos e na certeza de iludir a vontade do Senhor.

A nuvem oscilou sobre eles e as tintas cambiaram; de escarlate, o ar coloriu-se do oiro do conseguimento, depois, do fosco da saciedade; e a nuvem, alcandorada còmo enorme avejão, desamarrou.

Arquejantes, nossos pais comprehenderam que haviam tragádo o pomo em que se encerrava a peçonha do bem e do mal. Uma paz inquietante paralisava o jardim das delicias.

Ficáram transidos, a olhar, á espéra.

Por cima deles estalou, entam, um trovão formidavel que os fez agarrar um ao outro tiritantes de medo. As arvores lascavam em sinistro fragôr, e as asas das abelhas, alucinadas, corriam no espaço como setas.

Um arcanjo, de cenho raivoso e armado até

os dentes, voou direito a eles. E á espadeirada os enxotou para fóra do horto aprazivel.

Eva, suplicante e fraca, ajoelhou :

— Perdão, senhor guarda; pecamos por ignorancia !

— Mulher, ente preverso, astuto e subtil, teu coração adivinhou antes da tua carne sentir. Assim o quizestes, assim seja ! Ide para o mundo sem fim, sofrer, lutar, correr por entre mil tormentas para a tenue embuscada dum gôso. Vossa alma ousando á sabedoria não alcançou mais que um perdido grão de poeira no campo vasto das angustias. Esse grão de poeira é a sciencia de vos iludir.

Eva soluçava sempre. Adão, sacudindo a cabeça num rasgo de decisão, traçou-a nos braços :

— Que importa, se conhecemos o amor, se deciframos o enigma das delicias ! Que importa, se somos iguaes a Deus.

No mesmo momento todos os animaes clamaram :

— Tambem iremos, oh homem, para o mundo sem fim. Amor, tu és o tudo ! !

As cancelas do divino horto fecharam-se com horrendo estampido; a terra e o céo ardiam; as ondas do mar ardiam.

Ao frio e ao vento nossos pais tornáram a enlaçar-se como as serpentes; e a creação inteira imitou-os. E ao fim deste amplexo que povoou o mundo, todos cantavam, abelhas, melros e Eva :

— Amor, amor, tu és o tudo ! A ti nos rendemos na dôr e na alegria ! Amor, tu és o tudo !

O SOLAR DE MONTALVO

O SOLAR DE MONTALVO

« *Novela antiga.* »

Num solar solitario de dez varandas, vivia D. Beltrão com sua filha Floripes, ultimo sangue da mui antiga e assignalada linhagem dos Montalvos. D. Beltrão, não obstante os 70, conservava-se rijo e fero, mais poupado da gôta que os pergaminhos da traça. Floripes era a donzela mais airosa e prendada que pisava naquelas redondezas.

Em todo o reino gosava o solar dos Montalvos da fama de opulento e soberbo. Os rendeiros vinham dizer que o trigo, lá, grelava nas tulhas, e que uma redea de cem machos seria pouco para aguentar o oiro enterrado nas adegas.

D. Beltrão era um velho sobranceiro, inchado do orgulho de tam vasta fazenda, de Floripes e das cinzas dos avós. Todas as manhãs devia subir ao mirante do solar e, olhando em roda, proferir num alarde de basofia :

— Tudo o que se avista é de D. Beltrão.

Mas, para lá do campo descoberto, possuia ainda vinhedos, olivaes e terras de semeadura, em que mamavam dez aldeias feudatarias.

Assim rica de dotes naturais e da fortuna, estava Floripes destinada a ser o alvo de bastos e excelentes pretendentes. Durante dois annos — que tantos esteve sua mão em hasta — a estrada velha do solar faiscou ao tropel de mil cavaleiros. E, deante das dez varandas, renhida foi a justa do garbo duns com as arcas d'oiro doutros. Apos laborioso exame optou D. Beltrão por um abastado gentilhomem que, nas suas quintas, dizia tambem, espalmando um murro no peito :

— Eu cá sou o morgado mais rico da Ribadoiro.

Fixou-se a data dos esponsaes e D. Beltrão, chamando Floripes, disse-lhe :

— Menina, o teu casamento deve celebrar-se com a pompa digna dos Montalvos. Posses não nos faltam e o nosso brazão remonta muito além dos Trastamáras. Para grandes emprezas grandes honras : vou-me á côrte pedir a el-rei que venha ser o teu padrinho. Ha de lembrar-se ainda de seu velho servidor.

Aparelhou o fidalgo luxuosa equipagem e partiu para a côrte, recomendando que, durante

a sua ausencia, as portas não fossem abertas nem a dôna, nem a conde, nem a enfermo que de arrimo necessitasse. Menina e aia prometeram cumprir á risca as disposições do fidalgo, tanto mais facil que o solar era grande como uma vila e divertido como uma feira.

Assim se passou nos primeiros dias; mas ocorreu, estando uma tarde á varanda, se lhes deparar um pobresinho — como aqueles em que se disfarçava Nosso Senhor quando ia pelo mundo — a gemer muito na estrada.

Tiveram elas muito dó e, ainda que com pezar de transgredirem as ordens do senhor, o recolheram em casa. Acalèntaram-no com um bom lume, umas gôrdas migas, e o homem entesou-se em sua corcôva de velho camelo. Expôs entam o fadario, que era simples e chão como a vida inteira do bom pedinte. Era da Terra Quente e ia de jornada para a Santa Eufemia, onde o pão é alvo e as esmolas taludas como aboboras. Mas tinha-se desgarrado no caminho e ha tres dias que andava a tôa, morto de fome e de fadiga.

Como suas falas fossem ternas e coloridas, entretiveram-se com ele por muito tempo, ouvindo-lhe dar traça de fidalgos e bons abades que medravam pelo mundo fóra. Já tarde, e noite cerrada, Floripes disse-lhe :

— Olhe, aqui se lhe faz a cama e aqui dorme quentinho ao borralho. Não o deixamos sair por uma noite destas; faz muito escuro e os lobos andam sobejos.

Desfazendo-se em benhajas, puxou o pobre de duas laranjas do surrão.

— Laranjas já? — exclamou Anastasia.

— Sam as primeiras que appareceram na Terra Quente. Trazia-as para uma fidalguinha, mas muito ingrato eu era se as não désse ás meninas. Comam que sam mel rosado.

Anastasia, que era rabaceira, immolou logo a sua; Floripes, ou porque lhe repugnasse provar do que vinha no bornal dum mendigo, ou porque receasse durante a noite os arrotos chocos a que era atreita, fingiu que comia, mas nem um só gomo lhe passou nos gorgomilos.

Acomodáram pois o pobresinho ao borralho e se fôram deitar, satisfeitas daquela boa acção, na mesma alcôva. A aia caiu logo como uma pedra, mas a menina, por mais que tentasse engodar o somno, não adormecia. Altas horas, vagueava sua fantasia entre o noivo ocupado dos calondros, e seu pai perdido na côrte, sentiu estalar o soalho. Apurando o ouvido percebeu que eram passos de lobo, dalguem que penetrava no aposento. Quiz erguer-se, bradar por socorro, mas faleceram-

lhe as forças e não ouviu nem viu mais nada.

Quando cobrou os sentidos, o resplendor duma luz branca coava-se pelas salas desertas. Afoitando-se perante o perigo que corriam, escorregou da cama e foi, pé ante pé, abanar Anastasia por um braço. Mas não houve safanão, nem beliscão, nem murro que despertassem Anastasia.

Enchendo-se de animo, saiu fóra a ver o que se passava; seus nervos vibráram, porem sua vontade resistiu como ferro. Na sala que abria para o pomar, a mão dum finado ardia numa luz resplendente e alva que cegava. E pela porta, aberta de par em par, um homem — em que reconheceu o mendigo — direito e membrudo apitava.

Ele apitou uma, duas vezes, terceira vez nervosamente. Lá fóra só um vento veloz zumbia, fino como balas de mosquete.

Apitou quarta vez, agitando-se sua alta silhueta contra as humbreiras altas. Na noite rolou entam um tropel formidavel e o homem saiu fóra. Floripes — que lera os romances da Madre-Silva — deu um salto; em sua mão exaltada os batentes e os ferrôlhos correram diligentemente, depois, a chave e o grosso tronco de carvalho que se recolhia no muro como numa bainha.

— Estamos salvas — considerou ela — esta porta chapeada d'aço não cede nem a tiro de peça. Toca a alvoroçar os creados...

Mas o tumulto na noite aproximou-se, arremeteu pela escada. Vozes roufenhas discutiram, praguejaram. Uma muralha d'hombros colou-se contra a porta, impando, descarregando todo o alento. O aço nem rangeu sequér.

A voz do mendigo clamou :

— Entregue a mão do finado, se não arrombamos a porta.

A mão continuava a arder sobre um escabelo clara como o sol e, como o sol, não queimando sua chama. Floripes tentára apaga-la mas nem ao sopro mais forte tremia aquela sinistra luz.

— Pois sim — respondeu Floripes — passe o braço pelo buraco do gato.

O homem assim fez, e ela lhe cortou a mão cerce com um machado que ali estava. O sangue esparrinhou e, alagando tudo, apagou a mão incandescente. Floripes, ás escuras, não sentia mais medo; na noite, a quadrilha debandou em pressurosa vozearia. A tanto alarme a aia despertou. Logo que de tudo foi inteirada disse :

— Fui lograda comendo a laranja. Não

sei o que me subiu á cabeça que tombei como morta. Agora, menina, só lhe peço que me deixe guardar essas duas mãos para memoria.

— Pois fica com elas.

Na madrugada, regressou D. Beltrão com a promessa de el-rei vir ser padrinho do casamento. Muito maravilhado ficou do que succedera; e, como aquilo era alto feito para ser cantado no escudo, nem com a mais branda palavra castigou a quebra de suas ordens.

* * *

Como estivesse á porta o dia do casamento, lembrou-se D. Beltrão de oferecer ao genro uma montada que emparelhasse com o cavalo *Azagaia* de Floripes. Mandou, por isso, por feiras e coudelarias que lhe trouxessem por todo o preço o melhor animal que houvesse. Vieram cavalos de muitas bandas, valiosos como condados, grandes como palacios, nenhum, porêm, competia com *Azagaia* na corrida e no garbo.

— Melhor ! melhor ! — lançava aos lacaios de cenho franzido.

Procuráram por longes terras, mas sempre

Azagaia se lhes avantajava ou no galope ou no brio. Trouxeram-lhe sem resultado hacaneas nervosas de principes e ginetes ardentes de guerra. Um judeu descobriu-lhe um alasão alto como uma torre, para acomodar o qual era preciso rasgar as portas das estrebarias; dois dentes, porêm, eram cariados e a cauda pouco cometaria.

— Melhor! melhor! — exclamava sempre D. Beltrão.

Exgotaram-se todas as buscas e, por pregoeiros solertes, a soma de 2:000 cruzados foi oferecida a quem cavalo apresentasse capaz de ganhar a *Azagaia* na corrida e no garbo. Acudiram mais corseis de todas as raças e de todos os reinos, garranos ardegos como toiros, facas duma gracilidade de rapariga, nenhum, porêm, enchia as medidas ao fidalgo.

Desalentado, dizia para Floripes:

— Teu noivo nunca poderá sair a passeio com *Azagaia* ao lado; é um bicho que envergonha todos os cavalos.

Um dia, bateu á porta do solar um homem de finas maneiras, tendo atraz de si tres pagens com tres cavalos:

— Trago-lhe tres cavalos, sr. D. Beltrão; qualquer deles baterá *Azagaia*.

Sorriu o orgulhoso velho, se bem que os tres animaes fôssem de generosa aparencia, e mandou selar *Azagaia.*

Floripes cavalgou, e o homem disse, batendo palmadas na garupa do murzelo :

— Este é o mais maneirinho ; tem a graciosa andadura duma dama e corre como o vento. Chama-se *Tigre.* Se lhe agrada, custar-lhe-ha 2:000 crusados e o escudo d'armas.

Sorriu o fidalgo da bravata e Floripes e o cavaleiro emparelharam, promptos a despedir.

Este observou-lhe :

— Menina, vergonha terei em vence-la.

— Ora essa ! Vergonha tenho eu, estando a cavalo, de não me considerar sua igual.

— Seja.

Os cavalos abaláram e *Azagaia* foi batido por dois galões.

— Entendido — resmoneou D. Beltrão — terá os 2:000 cruzados ; corra agora os outros com *Azagaia.*

Os pagens aprestáram o segundo cavalo e o cavaleiro declarou :

— Pus-lhe o nome *Relampago* porque mal arranca desaparece. E' tam docil que se deixa montar por um menino. Tambem é mais cáro... dois mil cruzados e o solar...

O fidalgo refreou uma injuria e os ginetes

partiram. *Azagaia* perdeu segunda vez por meia pista.

— Sam extraordinarios os seus cavalos, não ha duvida. Mas este outro, pachorrento como um borrêgo, não tem ar de afrontar o meu.

— Pois deixe repousar o seu e ve-lo-hemos. E' pachorrento, sim, para melhor acalentar o impeto. Oh! vôa como o pensamento e dá pelo chamo de *Vingança*...

— Lindo nome — gracejou Floripes.

— Lindo; é um amor esta creatura. Anda trinta leguas dum impeto e o passo dele é mais macio que andar de liteira. Precisa apenas dum trato fidalgo e vinho, bebe vinho como um abade.

Logo que *Azagaia* socegou, o cavaleiro disse:

— Vamos lá medi-los. O seu, menina, é realmente um nobre animal, mas contra este é como uma ovelha contra um lobo. Custar-lhe-ha... custar-lhe-ha a mão de sua filha, sr. D. Beltrão.

— Basta de insolencias, senhor! — trovejou o fidalgo.

— Partamos — proferiu ele por entre dentes.

Abaláram os dois corseis; ás primeiras upas *Azagaia* deixou adeantar *Vingança* a

perder de vista; sua inferioridade foi manifesta.

Satisfeito por realisar seu desejo, ainda que agastado pela derrota do seu cavalo, propôs D. Beltrão :

— Póde entregar as redeas que eu vou-lhe contar seis mil cruzados.

— Seis mil cruzados? Mais me custou a creação.

— Sejam oito mil.

— Puf ! em mais importa a ração.

— Dez mil, quér?

— Mais gastei a adextra-los.

— Quanto pede?

— Quanto já lhe pedi, senhor D. Beltrão.

O fidalgo, engasgado de colera após estas palavras, chamou a creadagem que era um exercito. As redeas foram arrancadas das mãos dos pagens, manietados e, a um signal, o mordómo desatou uma volumosa saca de dinheiro. E, emquanto contava seis mil cruzados ao cavaleiro que sorria, D. Beltrão disse-lhe, abanando a cabeça em ameaça :

— Podia-lhe fazer amargar as impertinencias, mas mando-o em paz com a soma que ofereci. Seis mil cruzados, mordomo, nem mais um ceitil... Vá... vá, diga o que quizer, mas não esqueça que muito paciente eu fui !

Para coroar a façanha D. Beltrão convidou Floripes e o noivo, que embasbacado assistira a todos os lances, a montarem os esplendidos corseis. Ele cavalgou *Vingança*, Floripes *Relampago* e o morgado *Tigre*. Mas antes que déssem brida, um assobio cadenciado e musical zumbiu no ar e os cavalos arrancaram numa fuga doida.

Os lacaios viram-nos tresmalhar e correr para a linha do horizonte como setas alucinadas. Quando voltaram os olhos, cavaleiro e pagens haviam desaparecido. *Azagaia* nitria plangentemente.

* * *

Por ordem del-rei, uma força partiu a bater as montanhas do Norte que os bandidos infestavam, e onde era de presumir guardassem, em refens, o nobre e mui leal senhor D. Beltrão. Era ponto de fé que longa e engenhosa traça, com o fim de roubar e matar, fôra aquela dos cavalos que corriam mais que o vento. Se D. Beltrão era a unica victima, a muito milagre deviam Floripes e o morgado a salvação. A Floripes valera-lhe cair o cavalo num tremedal, e ao noivo ser cuspido da sela,

embora com o damno das costelas metidas dentro.

Ignorava-se de todo, a sorte de fidalgo, posto que se inclinassem a crer que, roubando-lhe a liberdade, lhe houvessem poupado a vida.

Floripes chorava noite e dia, agastando-se sem repouso a espreitar o caminho por onde os soldados deviam regressar com o pai. Mas ao cabo dum largo mes, só o alferes apareceu, crivado de zagalotes, tendo perdido a sua gente em peleja com os bandidos.

Ficou el-rei muito em colera com a noticia do desastre e, por sua ordem, segunda e bem equipada expedição se organisou. Estava ela para abalar quando, em ardido galope, se apresentou um moço imberbe e de elegante parecer.

— Eis minha guia de marcha — disse ele.

O alferes, reparando no trajo esmerado e na bela afoiteza do adolescente, interrogou :

— Em que posto?

— Soldado raso.

— Pesou bem as canseiras que vai ter?

— Não faço disso reparo; sou militar como os mais.

O alferes, depois de ler a guia, tornou :

— Mas porque quér partir numa expedição donde não vem gloria e só riscos?

— E' um segredo, meu alferes.

Partiram. O soldadinho era dos mais animosos na marcha, se bem que seu parecer fôsse melancolico e reservado. Mas suas finas maneiras cativaram toda a tropa e o alferes que o nomeou ordenança. Andáram, andaram, até que fôram bater a uma aldeia perdida entre as brenhas, onde os homens e os lobos viviam em porfiada guerra. Aboletada a força em palheiros, o alferes disse á ordenança perante o unico catre que topáram :

— Dormiremos ambos.

Juntos se deitaram, mas o soldadinho pôs a espada de permeio. O alferes, vendo isso, lhe objetou :

— Pendure a espada, que muito nos ha de magoar em cama tam estreita.

Ele respondeu :

— Meu alferes, perdôe, mas de minha espada não me separo, nem de noite nem de dia, nem na vida nem na morte.

Duvidas acudiram ao espirito do oficial sobre o sexo do soldado; mas seus modos fidalgos acobardáram-lhe a lingua. Guardou-se, todavia, para o observar e consigo foi ruminando :

— As mãos sam de rapariga, mas os pulsos sam de homem. A voz é de donzela, mas o alento é de soldado. O corpo é de mulher, mas a força é de cavaleiro. Será homem, será mulher?

No primeiro combate que sustentaram, o soldadinho foi freneticamente destemido. Era o ginete dele que corria na deanteira e as pistolas dele que mais chumbo vomitavam. Um dos bandidos caiu a terra; a bala, porêm, fôra tam certeira que nem sequér lhe podéram aparar o ultimo suspiro. A malta desapareceu entre as serranias, sem lhes dar aso a desvendar o destino misterioso do sr. de Montalvo. O soldadinho, que tam ousado se mostrára durante a refrega, pôs-se a chorar em fonte, e o alféres disse de novo par consigo :

— E' homen ou é mulher?

Porque a combater era homem e a chorar era mulher. Resolveu por isso experimenta-lo, e com esse fim o levou a um mercado. Passando deante das barracas, onde se vendia oiro lavrado, disse-lhe :

— Formosas joias, amigo.

O soldado, porêm, desviando o olhar para os cutileiros, retorquiu :

— Formosas, sem duvida; mas mais o sam

aquelas facas de mato e aqueles alfanges de guerra.

As mulheres adoram os enfeites — considerou o oficial — e o soldado preferiu as armas — Será pois homem?

Uma tarde, que acamparam nas cercanias duma grande terra, o alféres veio ao encontro do soldadinho e batendo-lhe no hombro, perguntou :

— Sabe ser discreto?

— Como um morto.

— Gosta de mulheres?

— Como um turco.

— Venha dahi. Eu sei de duas beldades que muito folgarão em nos abrir a porta.

Galopáram os dois á redea solta, cada um mais veloz que o outro. Uma das moças tinha a côr fulva do trigo e bagas pretas de loireiro eram os olhos da outra.

O alféres interrogou, em particular :

— Qual lhe agrada?

— Agrada-me a morena porque cativa e a loira porque enfeitiça.

— Qual preférе?

— Prefiro a loira para dar beijos e a morena para dar abraços.

— Uma...

— A primazia é sua, meu alféres.

— Não, tire-se á sorte.

— Tire-se á sorte.

— ...dos dados?

— A' sorte do destino. Elas que escolham.

Sentaram-nas nos joelhos e em deleitoso coloquio e bebendo vinhos velhos entretivéram o serão. O soldado galanteava a loira e seduzia a morena. Seus olhos diziam a uma : amo-te, e á outra : adoro-te. E tam discretamente o fazia que uma pensava : ele ama-me, e a outra acreditava : ele adora-me.

Cantavam já os galos e o bom alféres d'el-rei propôs :

— Vá; cada uma escolha o seu galã.

— Eu quero o soldado —

— Eu quero o soldado ! — responderam ambas ao mesmo tempo.

Ficáram os dois interditos perante situação tam caprichosa; o soldadinho falou primeiro :

— Não tem siso vossa resposta. Eu não me posso partir e já que ambas me quereis, nenhuma, nem ambas, eu posso querer. Se vos quizesse ambas, ofenderia meu alféres; se preferisse uma, magoaria a outra.

Fôram-se os dois por donde viéram, scismando assim o alféres :

— A conquistar moças é homem, mas

seu desapêgo é de mulher; grande misterio ha aqui.

Temerariamente se aventurou o alféres com a tropa aos logares mais ermos e selvagens. No meio dum bosque encontraram por fim os bandidos e rija peleja foi travada. Nela cairam muitos combatentes dum lado e doutro e entre eles o soldadinho. O alféres largou o mais aceso da luta para ampara-lo, que em voz entrecortada lhe pediu :

— Que me enterrem vestido como estou.

O oficial tornou com grande coléra e dôr ao combate, e logo que os bandidos fôram desalojados, seu primeiro cuidado foi conduzir a ordenança para uma cabana que havia perto. Ao examinar-lhe as feridas, longe da ardilosa curiosidade que o perseguia, deparou-se-lhe com a imagem de D. Beltrão ao pescoço e uns seios formosissimos de donzela, como só seriam dois pombos brancos e gemeos. E, reconhecendo que tinha deante de si D.ª Floripes de Montalvo, foi prêsa de grande comoção e enternecimento. E, desde aquele instante, se pós a ama-la com delicado e recatado amor.

* * *

Como el-rei tivesse grande estima por seu fiel servidor D. Beltrão de Montalvo, mandou pregoar em cidades e logares do reino que 20:000 cruzados seriam contados a quem lhe trouxesse com vida o nobre desaparecido. Acorreram principes, militares e aventureiros de oficio, e lusida e valorosa cavalgada partiu a bater as montanhas. Floripes, que se acolhêra na côrte, chorava como uma vide, não havendo lenimento que lhe minorasse a paixão. Ao cabo dum ano, contado hora a hora pelo coração de Floripes, voltáram os expedicionarios um a um, estropeados e desiludidos. A nenhum fôra dado ganhar a alta e perigosa cartada de 20:000 cruzados. Só um faltava, o amoroso alféres; mas desse, vivo ou morto, não tinha novas Floripes. Soubéra que porfiava, e a ideia deste sacrificio passava em sua alma como um balsamo vaporoso e suave. Continuadamente perguntava seu scismar :

— Tra-lo-ha o nobre e bom alféres?

Meses, porêm, decorreram após ano, e não lhe chegou rumor nem dele, nem de seu pai.

Estavam perdidas as esperanças quando, um dia, um fidalgo do termo do reino pediu audiencia a el-rei :

— D. Raymundo de Resquitela de parte de D. Beltrão de Montalvo.

Amotinou-se a côrte que tal ouviu, e o fidalgo provinciano foi chamado.

— Julguei que estava extinta a estirpe dos Resquitelas — observou el-rei para o camareiro — mas se não está extinta está certamente arruinada.

Disse el-rei para D. Raymundo de Resquitela, homem dos quarenta, torrado do suão, mal foi introduzido :

— Sabeis onde está D. Beltrão?

— Sei, real senhor.

— Onde está e porque não veio convosco?

— Era arriscado emprehendimento traze-lo eu só.

— Dar-vos-hei uma força. E onde está?

— Numa serra distante cinco leguas do meu castelo. Onde só as aguias móram.

Molháram-se os olhos de Floripes e o monarca tornou :

— Ide, levai a tropa que vos aprouver e trazei-me meu servidor. As alviçaras sam boas.

— Não me seduz o dinheiro.

— Outras vos serão dadas.

— Outras... de vós, meu rei, as boas graças me bastam.

— Que vo-las dê entam D.ª Floripes — pronunciou el-rei num assômo de ira.

— Déla as aceitarei de bom grado.

— Pois que vo-las dê!

— Que lhe posso eu dar, nobre senhor? — perguntou Floripes.

D. Raymundo, por resposta, envolveu-a num longo e terno olhar.

— Meus moinhos que moiem prata?

— Tres quintas que tenho á beira mar?

— Meu castelo da Lobata?

— Minhas joias sem par?

— Que premio desejais, senhor?

As damas, que o viam insatisfeito, ofereceram uma a uma suas prendas:

— Darei uma colcha de Sofála.

— E, eu, um corsel arreiado.

— Eu, um brilhante e uma opala.

— Um punhal, eu, adamascado.

— Um gomil d'oiro para se lavar.

— Uma toalha de prata para se limpar.

— Que quereis, que pedis, senhor?

— Joias d'arte? de valor?

El-rei disse entam, notando a leve melan-

colia que ensombrava a figura de D. Raymundo :

— Estareis vós enamorado?

— Real senhor, assim quiz minha signa.

— De D.ª Floripes?

— Sim, de D.ª Floripes.

— Que fale, eu a autoriso.

Entre soluços, livida, a donzela respondeu :

— Se melhor premio vos não seduz, será vossa a minha mão. Mas fazei-me a mercê doutro escolher.

D. Raymundo abanou a cabeça :

— Outro não me seduz.

Tudo assente, e já noivo de Floripes, partiu dali o cavaleiro á testa de poderosa milicia. E, volvidos muitos dias, regressou trazendo alquebrado, mas não menos orgulhoso, o nobre sr. de Montalvo, após laboriosa e inclemente luta com os bandidos.

Celebrou-se o resgate com alegres e estroudosas festas, ao mesmo tempo que o casamento de D.ª Floripes era anunciado com D. Raymundo de Resquitela, senhor de altas fidalguias do termo do reino. O primeiro noivo de Floripes engordava em seus latifundios aborrecido de aventuras, e o bom alféres arrastava pela côrte alegre seu ar tristonho.

Grande arraial foi dado na vespera dos esponsaes. Acudiu a melhor nobreza de Portugal e de Espanha e no pateo se organisaram jogos de dextresa e de prazer. O contentamento não tinha medida; Floripes, entre os ranchos satisfeitos, arrastava seu ar prazenteiro.

Os convivas abancáram para o banquete, e as taças cantaram com vinho velho de cem annos. Neste momento os brandões apagaram-se, e toda a sala ficou mergulhada na escuridade.

— Luz! — urrou o senhor de Montalvo.

— Ahi vai, senhor! — gritou Anastasia.

A aia surgiu, entam, com uma luz resplendente que cegou a assembleia. Todos os olhos incidiram sobre o estranho archote e viram a mão dum finado. Era a mão dum finado branca e exangue que ardia como o sol.

D. Raymundo de Resquitela deu um salto para Anastasia, mas cem braços tesos de lacaio seguraram-no.

— Nobres senhores — exclamou ela — ahi está o capitão de ladrões que assaltou o solar, sequestrou sr. D. Beltrão e intentava casar com minha ama e senhora. Eis a mão que perdeu no assalto ao solar.

E numa salva exhibiu uma mão mirrada, um cadaver de mão. Ao mesmo tempo os lacaios desenfaixavam do braço de D. Raymundo uma mão postiça, tam bem feita como só o diabo a faria.

— Atem-no dos pés á cabeça — ordenou D. Beltrão. E, voltando-se para os convivas atonitos, acrescentou :

— Resta pedir-lhes perdão. A festa fica anulada.

— A festa continua — atalhou Floripes. — Eis o meu noivo.

E tomando-o pelo braço, confundido, apresentou o valente e bom alféres da guarda d'el-rei.

Á HORA DE VÊSPERAS

Á HORA DE VÉSPERAS

Numa aldeia beirôa, enrijecida a olhar o Marão e a Estrela, vivia um homem dado ao negocio dos azeites e dos cereaes. Como tinha fama de boas contas e os pesos não roubavam, a clientela afluia.

Um dia faleceu-lhe a mulher, deixando um menino. Sentindo a falta duma governante de portas a dentro, e como gostasse de Rosaria sua cunhada e comadre, passou a viver com ela sem lei nem santidade. Pena tinham de se não casarem na egreja, mas porque eram pobres, e a dispensa do parentesco custava os olhos da cára, tiveram que constrangir os desejos cristãos de sua boa alma.

Mas nada ha mais prestadio que as bôcas do mundo; ao fim de pouco tempo o almocreve era derribado do conceito que gosava, capaz de todos os crimes visto que assim trazia a honra de rastos. Daqui começou a adversidade para o Isidro, saída natural-

mente dum beijo como o mal humano já saíra doutro.

Os freguezes aventaram para o Corneta, que tinha sempre sorrisos a dar, e que ao medir o azeite sabia meter para dentro, sem ninguem se aperceber, o fundo delgado das canadas. A familia pôs-se tambem ás avessas com ele de maneira que, desolada, Rosaria não se fartava de clamar :

— Ai ! homem que nunca havemos de pôr o pé em ramo verde !

Mas o Isidro trabalhava como um moiro; ainda mal não tinha carregado na cidade já os machos faziam romaria pelas aldeias, vendendo a grosso e a retalho, conforme vinha a talho de mão. Assim, a vida havia de endireitar á fina força.

Quando veio a Semana Santa, Rosaria, que todos os anos crivava o joio da alma no ralo do confessionario, apresentou-se muito lepida á desobriga. Ajoelhou embuçada, mas o sr. padre Claro fez-lhe signal para que viésse falar-lhe de parte.

— Rosaria — disse ele — não te posso receber em confissão.

— Porque, senhor reitor?

— Porque vives de cama e mesa com teu cunhado. Olha, mulher, precisas duma bula

da santa cruzada dum pinto e renega-lo, sabes tu?

Ela deu por paus e por pedras :

— Renega-lo? Renegar mas é o porco-sujo que tenta as almas. O fidalgo da Silvã tambem está com a cunhada.

— Mas casado, Rosaria, casado. Eu tambem vos caso, é só dizer. Mas previno-te que para a dispensa não chega quanto tendes juntos.

— Quanto temos...?

— Sim, ainda que vocês malhem as suas sessenta pousadas. Não é demais.

E como a Rosaria começasse a dizer mal da sua sorte, ele acrescentou :

— Aqui que ninguem nos ouve, eu dou-te um conselho, rapariga. Já que pódes deitar a barriga se te não confésssas, vai-te a Cimbres ao padre Baltasar. Pede-lhe que te ouça dos teus erros que ele despacha todo o mundo em paz e dia bom. Mas senão, mete-te em casa e não te dês por achada. E reza todos os dias um padrenosso pela redempção da tua culpa.

Rosaria, porque era muito temente a Deus, passou todo o dia a chorar. A' noite para se desforrarem do mal que haviam sofrido cansáram-se até adormecer, labios contra labios, rolando longe da terra.

Malempregadas foram as passadas até o missionario de Cimbres, porque se com pecados foi com pecados veio.

Reprobos da egreja, ao cabo de tres anos tinham quatro filhos, as quatro paredes da casa e uma parelha de machos. Nesse ano o velho reitor aposentou e o sr. padre Jacintho foi provido no logar. Rosaria, sempre temente a Deus e de coração simples, imaginou que ia desta vez descarregar os pecados. O sacerdote não a conhecia e era tempo de endoenças. Na manhã do dia escolhido para a confissão, depois do cantar dos galos, como ela tirasse a côxa debaixo da dele e o despertasse, falou-lhe :

— Que dizes, Isidro, ele será homem de me dar a desobriga?

— Com que estás a malucar, mulher; dorme.

— Tenho lá somno!

— Olha, minha rica, eu cá no teu logar não punha lá os pés. Isto de padres sam todos a mesma fazenda.

— Senhora dos Remedios me favoreça.

— Pois sim!

Ao tocar para a missa já ela estava asseiada, muito asseiadinha para ir á confissão. Os filhos eram uns vivos demonios;

poseram-se a jogar as lutas e a rotura saíu ao Joaquim, que era quebrado, o chegante ao mais velho. Rosaria, que os castigava sem dó nem piedade, foi-lha meter para dentro e com colerica paciencia suplicar-lhes :

— Oh ! carrascos, vêde lá, não me tireis de minha devoção !

Lá foi para a egreja depois de ordenhar a cabra. Quando chegou a vez dela, escondeu a cara na capucha para não ser reconhecida. Mas com quem estava metida? O padre descobriu-a logo e, levantando-se do confessionario, a modos que lhe disse :

— Saia, saia daqui !

Ela ficou tam atarantada que nem artes teve de se vir embora. O padre agarrou-a por um braço e pela porta travessa pô-la fóra da egreja. Rosaria foi-se para casa com gritarias, que á d'el-rei Isidro era o causador da sua desgraça, que o seu regalo seria deitar-se a um poço, esconder-se debaixo do cisco onde ninguem a visse.

O Isidro tam desatinado se viu que botou a carga aos machos e abalou. No povo não ia outro falatorio.

Á noite, quando voltou, Rosaria tinha os olhos pisados de chorar. Na cama, sem po-

der pregar olho, estiveram muito tempo deitando contas á vida. Ela disse-lhe :

— Desconfio que ando gravida.

— Mau é isso. Assim a crescer o rebanho só se fôrmos pedir esmola.

— A graça de Deus é grande!

— Fia-te nessa. Olhas que todo o nosso mal vem dos padres.

— Que quéres, eles teem razão; nós não temos dinheiro...

— O unico a quem se deve obrigação é ao padre Claro. Podia fazer *escandula* e chamou-te ás boas.

— E' verdade; não perdôa uma migalhinha a um pobre, mas tem isto de bom : não faz mal a uma môsca.

— E homem de vulto, Rosaria. E vê lá tu, o filho saíu um mariolão, sempre metido com femeas, pelas feiras. Em o pai cerrando o olho ha de espatifar, emquanto se abre uma mão e se fecha, tudo o que ele ganhou a poder de muito sermão e de muita missa cantada !

Calaram-se e ela que era meiguiceira enrolou-o nos braços. E na quieta noite adormeceram com a consolação de se verem duas pobres almas numa alma só.

* * *

O almocreve foi encarregado de ir á vila buscar Isaque Claro de volta da capital. Como a egua do velho reitor estivesse prenhe, levou os dois machos, um para o moço o outro para a bagagem.

A diligencia chegou tarde, com muito atrazo. Quando se posêram a caminho, o sol ainda ia alto, mas os rebanhos haviam já tornado face para as aldeias e nos marcos dos campos, brunidos de esterco, os taralhões empoleiravam-se melancolicos e mudos.

Os machos trotavam serenos e léstos, o sangue animado da saude exuberante da terra. Suas sombras gigantescas e desengonçadas, rastejando pelos socalcos, faziam calar os grilos amorosos no veludo verde dos lenteiros. Bifurcado no macho, Isaque passeava pelos campos um silencio triste.

Isidro falou-lhe :

— Entam o menino demora-se agora por cá?

— Palavra, não sei...

— Ora foi bem tôlo em deixar a militança. Ha lá vida mais bonita, sempre de costa direita...

Isaque sorriu sem tornar resposta. Adeante encontráram o Cleto que voltava da vila, escanchado no velho cavalo, entre os potes do leite.

De duas pernadas os machos alcançaram-no, e todos tres se poseram de longada, o garrano atraz, penosa mas resolutamente, por solidariedade.

Varzeas de milho estendiam-se para as bandas, e nos batataes ferretes de esmeralda despontavam. Ao longe a serra floria entre as rochas, mal verdejando nela a tatuagem solitaria dum centeial. E batidos do poente os regos curvos, cheios d'agua, pareciam laminas de prata fundida.

Entre sombras desgrenhadas de castanheiros, o monte descia suavemente para um logarejo. Nas eiras os galos atiravam para o céo columnas manuelinas de cristal, e os telhados reluziam numa branda aspersão d'oiro.

Ao atravessarem o logar, deparou-se-lhes o Corneta que vendia azeite em plena rua. Emquanto escorria uma gôta numa tigela, para prova, melifluamente afirmava :

— Este até arde sem pavio.

O Isidro surprehendeu os sorrisos molangueiros do rival, e á ideia da fortuna dele crescida a bom crescer, não se conteve :

— Quantos litros de mijo lhe deitaste dentro, oh Corneta?

O outro retrucou-lhe na cara :

— Não tenho as tuas manhas, ladrão!

Mas Isaque tocou o rancho para a frente, na voz autoritaria que aprendêra no quartel :

— Vocês, os pobres, sam todos cães uns para os outros.

O almocreve quiz explicar-lhe as alicantinas do Corneta que aparava a urina dos machos e a vertia nos ôdres. Mas não lhe dando ouvidos, foi o Cleto que lhe respondeu :

— Você andou mal, seu Isidro. Olhe que aquilo é má rez.

— De peito a peito tem aqui um homem.

— !..

— Que queres, Cleto, o safado roubou-me a freguezia com as suas sete falinhas doces.

O caminho dilatava-se indolentemente e eles tocáram as bestas que o sol descia no horizonte. Lençoes roxos de nuvens cingiam-no por todos os lados.

O monte rescendia do maio; cabras immoveis no meio dos rebanhos scismavam fairando o ar.

Por desfastio Isaque perguntou :

— Digam-me cá, que é feito das Amadas?

— A mais velha casou em S. Martinho.

As outras duas estam solteiras e isso é que estam umas raparigaças.

— E a Caramela?

— Oh! isso é de quem a quér. Aquele demonio tem desmoçado todos os rapazes da terra.

Após uma pausa, tornou :

— Entam sr. Anacleto vocemecê sempre ao leite?

— Não ha remedio.

— Quanto ganha por dia?

— Oito vintens.

Calaram-se.

— E' uma vergonha. Ouça, nunca lhe subiu á cabeça pegar numa tranca e levar tudo raso... esses ricouços?...

O Cleto e o Isidro desatáram ás gargalhadas sem haver comprehendido.

O sol mergulhava detraz das montanhas. Sob a chibata do almocreve as bestas aceleráram o chouto. Para lá das carvalheiras um cotovelo da povoação mostrou-se negro e sujo.

Dois mendigos, de bornal ao hombro, vinham pelo caminho fóra repartindo o pão.

* * *

Num dia de empecilho os machos soltaram-se e logo por desgraça foram meter debaixo das ferraduras o cebolinho da tia Carvalha. Ela era uma soberbona que nem com um dedo molhado permitia que lhe tocassem nas coisas. O Isidro, conhecendo-a á legua, foi-se direito a ela pronto a indemnisa-la do estrago; ela, porem, mostrou-se exigente pedindo mais que a valia do terreno. Ameaçou-o que ia para a justiça.

— Quem lhe péga — retorquiu-lhe o almocreve — o caminho está desimpedido.

Se bem o prometeu melhor o fez. Tempos depois andáram os louvados e os oficiais de diligencias para cima e para baixo e Isidro começou a dizer mal de sua sorte, quando os viu sair de casa dela a arrotar a vinho e salpicão com ovos. Depois, emquanto duráram os preambulos da demanda, os cabritos e as trutas choveram para a vila, não havendo tratante de justiça a quem ela não mandasse peita! O almocreve deitou os olhos para a Quinta da Bôvista, e uma manhãsinha apresentou-se lá com cinco perdizes pagas a onze

vintens cada uma, e uma lebre caçada nos ferros.

Bateu á porta : truz, truz!

« O sr. estava ainda na cama, esperasse » — responderam-lhe.

Esperou, esperou, uma moça veio para o patim depenar as perdizes.

Para matar o tempo o Isidro puxou o paleio.

« Ela só tinha bem a dizer dos amos. O sr. era um fidalgo de muito respeito que punha a vila do avêsso só co' abrir bôca. E o chaço dos homens, ali não havia que notar. »

E contou que fôra levar-lhes a caça ao leito, a senhora que gastára muito, e que pondo-se a ver as perdizes que tinham esporão e as que não tinham, dissera : « Coitadinho deste perdigão tam bonito, elas seriam todas mulheres dele? » A senhora tinha muita piedade, era mesmo a mãe dos pobres.

Depois de muito conversar acrescentou :

— Sabe, os senhores sam muito debiqueiros nas comidas. Apreciam muito a perdiz, lá isso apreciam, mas por trutas é que eles dam o cavaquinho. Dizem que a mãe delas é lá para os seus sitios? !

— Olhe, menina, foi-o em bons tempos. Hoje com a cal e a cóca estuporáram tudo.

Mas eu cá sei ainda onde elas andam. Tenho lá um compadre que é a alma dum pescador; dá um mergulho e não volta ádecima, sem trazer uma em cada mão e outra nos dentes.

A creadita fitava-o d'olhos de rata muito abertos.

— Pois ele já não ha peixe; mas se seu amo me livra desta, a morte me coma se se não enfastiarem aqui de trutaria.

Ele, que se tinha por bisca velha, foi fazendo o jogo, certo de que a moça ia com o alembrete aos amos, porque tudo isto de creados sam gente de levar e trazer.

Ahi por volta das 11 o fidalgo veio á porta:

— Entam que deseja?

O Isidro, enrolando e desenrolando a carapuça, gemeu o recado quanto á demanda em que se achava envolvido por causa das cebolas. E não se esquecendo de dizer que nas eleições nunca faltára com o voto ao sogro de sua excelencia, pedia-lhe para que naquele aperto fôsse o seu bom padrinho.

O fidalgo escutava-o em silencio, sem o encarar, teso como um pinheiro. Ao fim, quando lhe ia a tornar resposta, apeou-se um senhor na estrada dum cavalo suado, com um arrieiro ao lado a suar tambem, todo janota e de vidro no olho. O fidalgo foi direito

a ele, ali ficando o Isidro plantado no chão, de bôca aberta.

Caia uma soalheira de rachar. O arrieiro passeou o lenço vermelho pela cara e sentou-se á sombra fresca, bem frustre, que a estava a tragar o meio dia. O Isidro rapou duma codea, que já lhe ladrava o estomago, e trincando perguntou :

— Quem é este figuro?

— Homem, você não conhece o sr. doutor-delegado?

Deu-lhe o coração um baque; viéra em boa altura para o fidalgo dispôr o negocio a seu favor. E rejubilante ameaçava :

— Ah ! Carvalha duma fôna !

O arrieiro era de poucas falas e ele quedou-se á espera, aborrecidamente. Esperou, tornou a esperar, até que por fim — já as casas davam sombra — apareceu a moça com uma garrafa e um copo.

E, deitando vinho para o arrieiro e em seguida para o almocreve, disse-lhe :

— O sr. manda dizer que póde ficar descansado. Como o sr. dr. delegado cá está de visita, hoje mesmo fica tudo assente.

O Isidro fartou-se de pronunciar bemhajas e ela tornou :

- Diga, vocemecê tem meninos?

— Sim, senhora. Um rapaz da primeira mulher e agora tres pequenos e uma pequena; fóra o que está na barriga da mãe.

— Pois eu trago-lhe aqui cinco tostões para doces, para os meninos, que manda a senhora. Com o hospede que cá temos, as perdizes viéram a matar.

O almocreve rejeitou o dinheiro; ela meteu-lho no bolso á fina força:

— Se não aceita é uma ofensa, é uma ofensa que faz.

Abalou dali sem saber o que devia pensar daquele passo. Mais foi confiado, certo de que o delegado se lembraria da boa febra das perdizes na hora do julgamento.

Foi para juizo. As testemunhas pronunciaram contra ele um depoimento esmagador. Em seguida o delegado ergueu-se na cadeira, e um halito de ar fresco penetrou no peito cerrado de Isidro. Mas dali a pouco punha-se branco como a cêra. Entre outras frases que não comprehendia, o sr. do pulpito invocava-lhe a mancebia, os maus precedentes, a ruim fama de que gosava no povo.

— Tanto mexeu comigo — dizia mais tarde o almocreve com os olhos rasos de lagrimas — que cheirei mal.

— Apanháste a carga toda — disse-lhe

ao ouvido um oficial de diligencias seu conhecido.

Assim foi. Cadeia a remir, custas e selos, não bastavam vinte moedas.

O Isidro chegou a casa a arrepelar-se; que havia de ser deles? Isaque, encontrando-o, disse-lhe com féro semblante :

— Pois você fiou-se lá no tal fidalgo?... Eles comem a isca e c... no anzol. Sabe o que eu fazia para me tornar lembrado? ia-lhe deitar o fogo á casa.

Sceptico e pesaroso, o Cleto observou :

— Pois quem quér dares e tomares com os patifes da justiça? Só os pobres do entendimento. Sam capazes de roubar a madre a uma egua e ela ao galope.

O Isidro ficava sem ter onde cair morto.

* * *

— Entam, mulher, vende-se um macho — balbuciou Isidro, de lagrima no olho, para Rosaria que chorava como uma vide.

— Caiu a maldição em nossa casa !

Sombriamente o almocreve aparelhou as bestas, assoou o Jaime que estava ranhoso, e despediu-se :

— Até logo, mulher.

— Onde vais, cabo dos trabalhos?

— Vou ter com o Pinto do Vilarinho; se mé dér ainda as vinte e duas moedas e um quarto pelo *Toiregas*, tem macho.

Assim se chamava porque Toiregas era o nome do homem que lh'o havia vendido. Foi sobre ele que Isidro cavalgou, e batendo com os calcanhares, deu a voz de partida.

— Ihh! ihh!

As campainhas soltáram uma tarentela alegre sobre as lages sonoras da calçada. Estava um dia brando, grandes vágas de sombra passavam sobre a terra como tules gigantescas e fugitivas. Pelos trigaes o canto das mondadeiras chamejava.

Aspirando os excitantes perfumes das veigas, os machos avançavam com vivacidade. Como os homens, eram sensiveis ás estações, tendo consciencia de quanto o sol era benfazejo e a serra liberal na primavera. Nos olhos deles viviam despertos o encanto e a visão risonha das coisas. Nada os enternecia como o entardecer enxuto nas estradas. Rendidamente, crusavam entam o relincho com o dos outros machos, um relincho que subia no ar como uma flecha disparada de cristal.

Nas tardes como aquela, em que os espaços se desenhavam limpidos e os penedos dormiam em todo o torpôr, sua docilidade não tinha reservas nem seus olhos melancolia.

Quando saíam do povo, palpitavam logo pela direcção e geito do amo o destino que levavam. Conheciam de cór as aldeias em redondo e as portas verdes das tavernas. Presos á argola tinham tempo de observar, meditar e aborrecer-se. Já não orneavam a chamar o amo porque a voz deles era vã. Humilde e silenciosamente esperavam que decorridas muitas horas ele voltasse, trôpego das pernas e mais brutal. E no regresso reconduziam-no somnolento, sem errar um palmo, com o mesmo chouto fiel e d'alma não menos submissa.

Ao pescoço a abelha de cobre zumbia ininterruptamente! Posto que impiedosa, aguilhoando-os sempre para a frente, amavam-na. Ela era a voz de seu esforço, e nas noites escuras, quando o almocreve desaparecia sobre a albarda encolhido na sombra muda, falava-lhes dos universaes seres.

Á força de bater as cercanias, haviam-se familiarisado com os atalhos, as penhas e os pinhaes. Como todos os entes d'alma

simples e contemplativa, viviam dos olhos e com eles falavam á natureza.

Nos bons caminhos o almocreve desdobrava sobre eles uma cantiga colorida como os giestaes no maio. E, tropeçando mais nos calhaus, a carga era leve e curtas as distancias.

Tinham fraco amor pelo amo, sem lhe votar contudo odio, porque passando de mão em mão não sentiram notavel diferença. O *Toiregas* conduzira uma vagoneta na linha ferrea, depois, vendido a um tendeiro, arrastára uma vida nomáda e miseravel até caír na gordura e na inclemencia do mistér religioso de volver de Séca para Méca missionarios e irmãos do S. C. J. Atravessou a balburdia de cem mercados em malta com cavalos e burricos, até que uma noite seguira pela estrada indolente, pelo rabeiro dum lavrador. Ao cabo vieram os ôdres, a nuvem sussurrante das aldeias ao domingo, a face de calhau com musgo de Isidro.

O *Contrabandista* perdera a memoria de seus transes. Um só lhe ocupava a imaginação, grande como uma trovoada. Era no tempo em que marchava pela calada da noite, atraz do amo, atravessando sebes e despenhadeiros povoados de terror. Carregado a

mais não poder, grimpava pelas veredas dos lobos com toda a cautela, nem espirrando, nem acordando as pedras.

O amo, todas as vezes que tropeçava, cosia-lhe o ventre á ponta de navalha e ele acabou por aprender a arte de ser resoluto e discréto. Ás vezes, no mais sinistro da jornada, via luzir ferros, e gritos cantantes crusavam-se de gandara para gandara. O almocre puxava-o num safanão para entre as brenhas, ahi rondando e acampando por muitas horas. E vendo os machos dos moleiros e as mulas da lavoira lidarem de dia, aos olhos de todos, perguntava-se porque razão ele só marchava pelo escuro, quando as estrelas estavam apagadas e os galos saudavam a noite alta pelos casaes?

Uma noite, descia silenciosamente um passo escorregadio, adeante o dono em alpercatas da trança. Subitamente, vergastas de fogo e estampidos fusilaram sobre eles, acudindo homens agaloados de todas as bandas. O amo caiu por terra emquanto ele abalava por uma quebrada fóra com os peitos a arder. Lá adeante apanharam-no, e levando-o retalharam-lhe o corpo onde sentia fogo liquido. Passou semanas numa estrebaria muito vasta, a par de cavalos ferozes que o mor-

diam e desprezavam. Depois, quando já se sustinha nas pernas, um mariolão alto e negro apareceu e levou-o.

Sabia apenas isto, e era este episodio que no silencio do estabulo contava ao *Toiregas* que o admirava e temia.

Após tanta tormenta haviam adquirido aquela sabedoria em que não fica margem nem para dedicações nem para afrontas. Pouco a pouco, por lenta reação, tinham chegado á calma indiferença dos mercenarios. Por isso não professavam idolatria por Isidro, feroz como todos os amos, que lhes punha montanhas sobre o lombo e lhes fazia deitar os bofes nos longos caminhos dormentes. Todo o amor que lhes encerrava a alma era distribuido entres eles, numa velha estima de seis anos.

O que muito apreciavam em Isidro era os cantares estranhos, tam doces como a mãosita dos rapazes que lhes estendia ao focinho uma codea de pão. Quando ele garganteava *anda a guerra no mar Africante* pelas charnecas tristonhas, chegariam a adormecer se a serrilha os não arrepelasse ou o calcanhar não estivesse vigilante. As cantigas embalavam-nos, sobretudo quando juntos com os machos dos belfurinheiros marchavam em lin-

ha, sonora, santamente, sob a lua religiosa ou a virginal pureza das meias manhãs.

Naquele momento, descendo a montanha, continuavam com suas almas a rude alegria do mundo. Os olhos iam-lhes recordando aquele scenario familiar, da rosa do sol a esfarelar-se em oiro em cima de tudo, na multidão estarrecida dos pinheiros, na peleja parada dos penedos. Lá longe, no horizonte, a mesma massa sombria com as cristas de neve damasquinadas de sol repousava. E, como em todas as tardes elasticas de azul, parecia-lhes proxima a grande cordilheira misteriosa.

Pelos atalhos, que acudiam a desaguar no caminho, carros de bois dolentes e enormes chiavam. Um, vasio, com os oito estadulhos acesos para o espaço, rodava pelo mato aos solavancos; atraz um burro marchava de cabeça baixa, meditabundo, não se dando a pena, sequer, de olhar para eles.

Havendo-o observado, o *Toiregas* disse num olhar ao companheiro :

— O filosofo, apezar de tudo não é mais feliz !

Eles notavam as coisas que lhes passavam rentes á menina do olho sem profundeza, mas não sem sentimento. Assim, naquela hora de suave calma, sentiam penetrantemente

a falta duma cantiga desenrolada sobre eles. Sob o beijo agradavel do sol e do monte, representava isso para suas consciencias primitivas a vága ausencia dum gôso.

Ao passar numa corrente o *Toiregas* meteu a tromba, sorveu, enxaguou as narinas. E contra o habito, não ouviu pairar sobre ele o assobio do almocreve, afavel e incitador :

— Bebe... ! bebe... !

Depois de saciado, o *Toiregas* estacou, e fitando o amo de travez e aspirando o ar, de mandibulas ao alto zurrou. A melancolia da tarde, as rochas extaticas, a humildade das urzes escutáram. Á voz enternecida, dalgum lameiro perdido nos concavos, um grito de poldra fendeu o ar, cristalino e ancioso.

E pelo vale, os écos da voz forte e do clarim desejoso correram, alagáram as penhas duras.

* * *

O Isidro meteu na bôca da justiça as vinte e duas moedas que lhe rendera o macho. Foi um dia de luto naquela casa. A Rosaria con-

sumiu as meninas dos olhos a chorar; tres dias e tres noites o *Contrabandista* orneou pelo companheiro. Quando alguma besta passava na rua todo se alvoroçava, gemendo de esperança e de desespero.

A primeira vez que se encontrou com o cavalo do leiteiro, ele que era tam orgulhoso e soberbo, quasi o beijou; e ainda muitos passos distante já o seu relincho se crusava com o dele, forte e expansivo.

O garrano do Cleto tambem estranhou vê-lo só, sem o camarada. O macho, d'olhar triste, só lhe soube contar o principio vágo dum misterio : O *Toiregas* tinha ficado á porta dum homem barbaçudo, ele viéra por ali acima, só, ao cair da noite. Não sabia mais nada; para ele as coisas tinham começo apenas

Naquele dia o almocreve bateu para uma aldeia proxima a vender o azeite. Em logar de fazer romaria pelas portas dirigiu-se á taverna a propôr a carga que levava, porque estava falho de dinheiro e não tinha tempo a perder.

Sentado no degrau do patim, á fresca, que não era hora de freguezia, o vendeiro catava a filha. O almocreve salvou :

— Viva lá, tio Joaquim !

— Olá, seu Isidro, entam por cá?

O almocreve de redeas na mão, adoçando o nariz rubicundo de monge, explicou ao que vinha. Trazia-lhe ali uma carga de azeite claro como o oiro, mesmo a matar para a couve troncha e o bacalhau da semana santa. Como era ocasião de se gastar o dobro, havia de estar preciso...

Sem interromper a trabalhosa tarefa dos polegares, o taverneiro ripostou-lhe num sorriso velhaco. Ah! ainda tinha azeite e o mundo, amigo, estava-se bugiando para os padres.

Pôs-se a amarrar o macho á ferradura da parede, onde os burrinhos das oveiras, depois do mercado, remoiam longas contemplações de ternura silvestre.

— Nem tanto ao mar... Eu cá não vou á missa duas vezes no dia e tempêro de porco não me entra de portas a dentro mal vem a quaresma. Padres é uma coisa e fé é outra.

O taverneiro não respondeu, e ele plantou-se-lhe de frente sobre um pé, calado, como os gansos á caça nos paues.

Caía a tarde. Um eixo ao longe cantava: chi-chi-herú! Os porcos mal se ouviam grunhir nas quintãs.

Só ali perto, um papagaio berrava:

— Sr. Abade! — e cacarejava.

— Pois ainda tenho azeite — repetiu o taverneiro ao cabo de momentos.

— Agora gasta-o depréssa. Filhozes e bôlos da pascoa bebem no azeite como sanguesugas.

Uma alcateia de garotos desembocou no largo, que ali havia, de baraço e pião para jogar as nicas. Entre as pernas do pai, ao vê-los, a rapariguita ficou desatinada, a choramingar.

— E note que o ultimo nem por isso agradou muito.

Isidro torceu os labios sob o chapelão, redarguiu com voz untuosa :

— Pois se nem Christo agradou a toda a gente e mais era Deus !? Este é o que se chama o sumo da azeitona... Um cruzado... medida velha...

A lingua do taverneiro estalou :

— Irra, mais em conta o traz o Corneta. E ele anda para ahi.

O Isidro deu-lhe uma gargalhada que resumia todas as alicantinas do rival. Olha o Corneta ! Havia lá mixordeiro maior?! De resto o azeite estava todo pela hora da morte.

E como o vendeiro, um ciganão, amuasse, escorregou-lhe na orelha uma cifra impercetivel :

— Tem razão de queixa?

Mas a bôca de má esquadria retorquiu-lhe :

— Valha-o Deus, seu Isidro, valha-o Deus !

Uns homens que vinham de peito á mostra, a enxugar o suór ás costas da mão, pediram meio quartilho. O taverneiro entrou dentro a servi-los e ele quedou-se á porta, encostado ao batente.

O macho fitava-o piedosamente, brandindo por costume, que as môscas já não mordiam, a comprida cauda. Entardecia a olhos vistos. Os cordeiros recolhiam a estalar de fartos e os galos juntavam as femeas num gó-gó baixo, uma ordem breve de monarcas. De quando em quando um cachôrro passava de rabo entre as pernas, rente aos muros, a furtar-se á surriáda dos garotos. Muito torcido na capucha um homem veio encostar-se á porta, por onde as galinhas entravam uma a uma.

O taverneiro saiu para fóra e chamou a filha que andava na balburdia do largo para acabar de catá-la. Ela veio, chorosa, entalar-se entre os joelhos do pai.

O silencio habil do vendeiro impacientou o almocréve :

— Está-se-me a fazer tarde, tio Joaquim, e não atamos nem desatamos. Eu vim de espóra fita trazer-lhe o azeite, mas se não lhe

convem, paciencia... Serve-lhe esta palavra?

E, declinando um preço, ficou á espéra, chapéo gingado para traz, joelho torcido para a frente.

O vendeiro demorou a resposta; depois, largando as guedelhas da cachópa, proferiu em voz perentoria :

— Já que veio de proposito eu fico-lhe com a carga. Mas dois tostões a menos em cada almude, ahi tem !

« Mas perdia, assim a benção de Deus o cobrisse, perdia, tio Joaquim ! »

— E não sei se tenho vasilha. — Vai cabriolar, fedelho, ha de te comer a bicharia — exclamou arremessando a pequena.

Juntas de bezerras passavam soltas e mansas, as ancas grudadas da bósta dos estabulos. O papagaio do sr. padre já não praguejava, nem se viam as frangas amorosas e os galantes sultões. Um pastor lançou a salvação de cima do gerico, atraz das vacas. O camponez dirigiu-lhe a fala :

— Viste as minhas badanas lá pela Raposeira, oh tu?

Vinham atraz dele. E muito direito seguiu no jumento, tap, tap, como um general.

Entráram para a taverna e o vendeiro acendeu a luz.

O Isidro foi direito ao balcão, e, nos grandes gestos decisivos de paz ou de guerra, propôs :

— Para não gastar mais agua na bôca, racha-se a diferença, quér?

A cabeça pitoresca do taverneiro torceu-se duas vezes na mesura aventurosa dos lances aceites.

O almocreve apressou-se a selar o contrato com uma jura honrada :

— E' por ser para quem é. Negro eu seja se tiro um puto real !

Num prato deitou-se um fio d'azeite para prova. A faiança coloriu-se d'oiro, doirado ficou o paladino verde da lenda cantado pelo pincel ingenuo dos oleiros. As pessoas que estavam molháram o dedo e levára m á lingua. E de palatino acariciadamente silencioso, só o homem das vacas falou pelo coração do vendeiro :

— Sempre lhe digo que o outro não era lá grande fazenda.

O Isidro, que havia ganho uns cóbres, complacentemente respondeu :

— Este não ha de ser peor. Mas tomára eu ter a alma tam pura como era o outro.

Pelo jarrete esfolado do bóde o azeite escorreu para a grande caixa de zinco como uma lamina fulgente, de sol. Depois, soprando

aos ôdres, tirou-lhe o ultimo vomito que a tia Quiteria Vendeira recolheu no prato para as batatas da ceia. E para se não perderem as escorralhas, que lhe doiravam as unhas, esfregou-as nos sapatos bem dum lado bem doutro, que não havia como o azeite para amaciar o cabedal.

Contas feitas, beberricáram.

Pachorrentamente ele foi trinchando pão e queijo e discorrendo sobre coisas da vida.

Os rebanhos passavam á porta num desfilar ininterrupto, cheio de latidos, de chocalhos, de surrões de pastores. E sobre a noite o campanario de S. João tangeu as trindades, lentas, cheias do cançasso das mondas, roucas de todo o gemido melancolico dos bois do arado.

O filho do vendeiro apareceu a chamar o pai para a ceia. « Já ia », disse ele , associado ao copo do Isidro. Defronte deles um cão plantado sobre o trazeiro seguia ganindo o movimento da navalha que cortava o pão. A cabeça do macho tomava a porta toda, d'olhos fitos, num apélo mudo.

Por fim o vendeiro levantou a dobradiça do mostrador :

— Se quér cá ficar é uma coisa, se não, olhe que se lhe está a fazer tarde, seu Isidro.

Lá fóra porém resoaram ferraduras e o vendeiro ficou á espera, não fossem freguezes. Ao mesmo tempo o macho relinchou alto, estridente. E outro relincho respondeu, claro, atirando mil almas misteriosas ao céo da noite.

— O meu *Toiregas* — exclamou o Isidro. — Diabo!

Saindo fôra, deparou-se-lhe efectivamente o seu antigo macho pela redea do Corneta. Alucinado, correndo-lhe á frente, deitou a mão á cabeçada :

— Oh! ládrão, entam já és o dono do meu rico macho?!

O azeiteiro deu-lhe um safanão :

— Larga, que te não deve nada.

Os animaes beijavam-se, orneando de alegria.

— A mijar no azeite tambem eu era rico, meu safado.

— Larga o macho, que te cóses, larga!

O Isidro deu-lhe um murro no peito; o Corneta alçou uma navalha, abateu-a.

— Ah! cão que me mataste — proferiu o almocreve caíndo sobre ele num abraço estrangulador.

Mas a lamina relampejeu segunda, terceira vez e ele rolou por terra ante o vendeiro

atonito, sob as patas dos machos espavoridos, gritando :

— A' d'el-rei... esfaqueou-me a alma este ladrão !...

* * *

O sr. padre Jacintho acabou de rezar matinas, parando, rolando pelo caminho em ziguezagues negligentes. Depois, registando o breviario com a fita de carmezim, meteu pela rua fôra, a passo rapido.

Seria meio dia, caía um grande sol e a matraca da paroquial, a um quarto de legua, soáva incessantemente. As hortas, as casas, estavam encantadas sob uma montanha d'oiro; apenas as abelhas zumbiam na borragem. Languidas, pelos alpendres, as raparigas catavam-se umas ás outras.

Estava uma atmosfera de endoenças, e recuando devotamente a alma sobre o mundo, aspirou o perfume do linho com que as matronas na noite de quarta urdiram a corda deicída, da mirra que Magdalena verteu nas cinco chagas. E suavemente, magoado do crime remoto dos homens, repetiu :

— *Pater*, *dimitte illis.*

Deante de Jacintho as galinhas levantavam-se da sombra mingoante alvoroçadas, cacarejantes. E d'olhos escorrendo pela sotaina abaixo até as fivelas de prata esculpidas, ia ruminando a grave homilia do domingo.

Chegando á porta larga duma quintã ergueu a cabeça bruscamente e entrou :

— O homem que está á morte, é aqui? — perguntou á uma mulher que corria atraz dum galo.

— E' sim, sr. reitor, é aqui.

— E vocemecê é-lhe alguma coisa?

— Sou irmã.

Entraram para casa. Nos taipaes brunidos da fuligem um Christo afogava-se. Flôres de exagerado pistilo de prata desbotavam entre os braços dele e os braços da cruz.

Tres pequenos surgiram saltando, de focinho muito lavado a enodoar de alvura o fato muito sujo. E dando de cára com Jacintho, eles que mal o lobrigavam escorrendo oiro e sedas nos misterios lindos do altar, ficaram estarrecidos.

— O sr. reitor desculpe, a casa é de pobres !

Mas ele observava os pequenos e muito apiedado perguntou :

— Estes desgraçadinhos sam todos filhos?

— Sam sim. Que se lhe ha de fazer! — acrescentou num ar de entendimento.

Um dos garotitos dobrou a cabeça, e d'olhos a rir, começou a namora-lo por baixo das melenas. O padre afagou-o e deu-lhe uma maçã que trazia no bolso.

O almocreve repousava ao fundo, numa carvoaria de trevas. Almiando á frente, a mulhersinha disse-lhe :

— Ai, sr. reitor, a todo o momento parece que vai despedir. Só ha um bocadinho deu acôrdo para saber o que era feito do macho.

Jacintho, debruçando-se sobre ele, pronunciou :

— Entam, isso assim está mal?

Na grande mancha livida da fronte os olhos abriram-se e fecháram-se. Ele tornou :

— Olha lá, tu conheces-me?

O Isidro balbuciou afirmativamente, e o padre declarou que, estando no uso da fala, não era caso de extrema-unção.

— Queres confessar-te?

Espreitou a resposta nas palpebras de Isidro mas os labios responderam :

— Sim, meu senhor.

— Bom é isso; mas eu conheço a tua vida; sei que vai em seis anos que não cumpres com os preceitos da Santa Madre Egreja.

E' preciso que dês mostra publica de arrependimento.

Jacintho estava com dó daquele pobre esfaqueado e era com muita unção, a palavra doce como o mel, que lhe falava.

— Percebes-me? Tu tens levado uma vida de pecado com tua cunhada, o que muito desagrada a Deus e muito ha de ter regosijado o inferno. E' preciso que sintas remorsos de teus extravios.

Catequisava-o em voz alta, deante da irmã que alumiava e dos garotitos que espreitavam o misterio bonito que ia agora celebrar em casa deles.

— Sempre é tempo de renunciar ao pecado e uma ovelha desgarrada nunca a abandona Jesus, se éla qu r voltar ao redil. Porque em teus olhos eu leio a dôr de tam grande prevericação, a clemencia infinita de N. S. ha de amercear-se.

A mulher, ouvindo-lhe a voz toda sacerdotal e recolhida, ia a sair. Jacintho fez-lhe signal para que ficasse.

Sentindo os passos da morte, proseguiu debruçado, seu halito christãmente confundido com o halito mau do homem :

— Sabes os mandamentos, meu filho? Pois é obrigação dos mortaes cumprir as

leis do decalogo, da primeira á ultima. Com a mancebia publica tens escandalisado gravemente o sexto. Quero abrir-te as portas do céo, mas para isso é necessario que com todas as véras da alma renegues o conjungio ilicito que tens levado aos olhos do mundo; renégues essa mulhér e prometas não mais ter comercio com ela. Comprehendes, é preciso repudiar Satanaz e Satanaz é essa mancebia com que comprometeste os tesouros do céo. Fa-lo!

Jacintho não poude estar mais tempo dobrado e endireitou-se, satisfeito da persuasão evangelica que posera na palavra. A mulher, aos pés da cama, choramigava. E ele lançou-lhe um olhar fraternal em que ia a admiração de si mesmo. Depois de braços cruzados, silencioso esperou, seguindo *in mente* o alijar do fardo pecaminoso daquela alma.

A testa do homem cobria-se de perolas lividas de suór, emquanto que os olhos se lhe entorpeciam numa abstração dolorosa. Os pequenos haviam-se enroscado á saia da mulher mudos, laparosinhos pasmados.

Ao cabo dum minuto de silencio, Jacintho cravou penetrantemente os olhos sobre os olhos desvairados do homem a apanhar o fio

de ideias que podiam correr por traz daquela fronte orvalhada.

— Entam, alma do Senhor, persistes no mal?

O almocreve torceu-se nas mantas, desviando o olhar. O padre maquinalmente seguiu-lh'o, encontrando o lume que ardia na lareira. Atravez da penumbra figurou-se-lhe longe, no infinito. No frontal, uma nesga de sol doirava a fuligem, estendendo uma fimbria amarela de catafalco. Vinda do alto, duma telha de vidro, atravessava o ar como uma espada d'oiro, em que o oiro estivesse ainda a caldear-se numa ebulição insensata. Pela porta um vago luar do dia coava-se, carregado do perfume dos alfôbres, da alfacema, dos alecrins floridos.

— Entam não atendes o mensageiro da Luz? E' o demonio que te prende. *Fugite diabolus in partes adversas*! Trazes os olhos vendados, abre-os para que o Bom Pastor te mostre o caminho. Tu és a ovelha desgarrada que Ele me manda buscar para o seu redil amantissimo.

Tinha pressa de converter aquela alma que ha seis anos lhe andava escapa á direção espiritual, de vencer os sentimentos, que advinhava serem de bronze, no

peito daquele homem. Sobretudo pretendia ser rigoroso no mistér sacerdotal, dentro de que professava a arte de se conduzir sempre com elegancia.

Jacintho sentou-se na cama e pegando-lhe na mão morta pôs-se a acaricia-la, emquanto as suas palavras corriam doces, ele as via correr, impregnadas da suavidade biblica das Santas Pascoas. Por detraz dele a mulher soluçava.

— Vá meu filho, promete renunciar ao pecado...

As palpebras do almocreve espremeram uma grande lagrima, banharam-lhe as narinas grossas e trementes como papel fino.

— Perdão... nunca roubei nada a ninguem...

— Em nome de Deus te perdôo. O que é preciso é que teus labios renunciem...

— A' Rosaria? ! Ah !...

— Sim a ela, á tua feia vida de pecado.

— A ela...? Ah ! não, não ! !

Jacintho ergueu-se e a sua voz ergueu-se mais comovida, devotamente molháda em colera.

— A ela sim, á tua concubina. Lá no eterno pranto e ranger de dentes te arrependerás de tanta cegueira.

O homem soltou um rugido rouco como o estalar duma trave. Rosaria saíu detraz do frontal aflita, a gritar :

— Ai ! senhor reitor que m'o mata !

Jacintho apertou a fronte com a mão espalmada e baixando os olhos do céo tornou :

— Matar-lhe, mata-lhe vocemecê a alma, mulher.

D'olhos dilatados, Isidro fitava a restea de sol que flamejava.

— Se aqui era a fortaleza de Satanaz para que me chamáram? Eu vou onde ha pecadores, sim, mas pecadores que queiram ver a Deus.

As mulheres soluçavam e os pequenos ganiam desesperadamente.

— Não renuncias? — tornou Jacintho em voz febril, numa ancia ultima de arte, de ser vencedor.

O almocreve desatou aos soluços, roufenhos como o soprar dum fole roto.

Brutal, feroz, Rosaria empurrou o padre para fóra de casa. Em voz sumida ele declarou-lhe :

— Sabem onde móro. Como ministro do Senhor na terra estou sempre pronto a ouvir os pecadores. Fiquem-se com Deus.

— Desapareça! — gritou-lhe Rosaria de punhos fechados.

Jacintho saiu, d'alma lancetada daquela impotencia perante um labroste crente e pertinaz. Fóra, nimbadas de sol, as vesperas sangrentas caiam do espaço. As folexas piavam nos sabugueiros. Um cordão de gente corria para a Via-sacra.

Abriu o breviario na fita carmezim e continuou a reza. Mas não encontrava a doce volupia dos ritmos, das letras gothicas vermelhas, dos himnos romanos. E entrou na residencia, triste pela primeira vez com oito anos de ministerio, enjoado na santa alegria de pastorear.

Altas horas vieram dar-lhe parte da morte do almocreve. No fundo de sua alma resentida perpassou o versiculo :

— *Eripe me, Domine, ab homine malo; a viro iniquo libera me.*

A PELE DO BOMBO

A PELE DO BOMBO

Depois de andar cinco anos ao leite, vila vai vila vem, cansada a melancolia de seus olhos da incansavel melancolia das pedras, das giestas e das fontes, o cavalo do Cleto arriou. Era lenta e presa a sua marcha, como se o corpo desfeito quizesse penetrar o descanso solicitante da terra. Tinham-lhe nascido alifafes nas pernas e as moscas de dez povoações embebedavam-se na gangrena de suas mataduras. A' sobreposse lá continuava a fazer a romaria quotidiana das aldeias, saindo da loja ao cantar matutino dos galos e só regressando quando os bois remoiam nos estabulos a herva dos pastos. Repousava entam cinco horas, num somno tecido de pezadelos, em que havia guerras de cavalos e precipicios a atravessar com cargas esmagadoras.

Os sendeiros ao lado dele eram mais léstos e mais velozes. Seu passo tropego desesperava o Cleto que constantemente o sacudia pelo cabresto, regougando:

— O ladrão vai a rezar!

Um dia, afinal, que os cantaros trasbordavam, caiu arquejante debaixo da carga. O Cleto, vendo o leite vertido, saltou nele ás arrochadas. Bateu, bateu até lhe lascar o pau nas unhas; o cavalo soltava urros e debatia-se, sem conseguir erguer-se. Puxou-o pelo rabo com toda a alma; ele fincou as patas, escarvou o chão, e desfalecido e inerte abateu para o lado, com os dentes amarelos em arreganho e as narinas a escorrer muco.

Patinhando na terra empapaçada de leite o Cleto pôs-se a desaparelha-lo. Ao barulho das latas acudiram dos barrocaes latidos de cães e pastores curiosos, e ele gritou-lhes:

— Ajudai aqui rapazes!

Viéram a correr, e uns pela samarra outros, pelas orelhas, poséram o cavalo em riba. O Cleto afagou-o, e apertando-lhe a cilha e tampando os potes, tangeu-o com brando geito:

— Anda lá... anda, alminha do Senhor!

Entesando-se, o cavalo começou a marchar num passo hesitante, aos ziguezagues, como se houvesse perdido o sentimento do rumo.

— Vai bebedo — chalaceou um dos pastores.

— Hum! não bota á vila — acrescentou outro.

O Cleto amparava-o pelas clinas, com mão firme; mas debalde; as pernas da frente tremeram, ajoelharam bruscamente, e todo o corpanzil tombou para a banda, como se o estatelasse um raio.

O Cleto sovou-o a pontapés, arrepelando-se e chamando-se um infeliz da sorte.

— Vá buscar uma besta, tio Cleto — aconselhou um dos rapazes.

Tentou ainda pô-lo em pé á força de pancada e com vozes persuasivas de suplica. Mas o cavalo nem boliu, d'olhos esgazeados fitando desvairadamente o espaço.

O Cleto deu-lhe um pontapé na môrca e, praquejando, tirou-lhe a carga. E partiu esbaforido para a aldeia á cata duma burra, deixando-o rodeado de cães que silenciosamente lambiam o leite do chão.

Quando reapareceu com o azemel, o cavalo estava sobre os joelhos docemente roendo os tojos do caminho. E, provocado por um sentimento meio de raiva meio de dó, enxotou-o á pedra na direção do povo.

Tropego e triste, esponteando as urzes e os fetos novos, o cavalo encaminhou-se para casa e nessa noite dormiu bem, a somno solto.

Pela manhã o Cleto entrou na loja e pegando no aparelho e nos potes do leite foi pô-los

na rua. De soslaio o cavalo seguia a manobra, á espera dos pontapés que eram ordinariamente o seu leva-arriba. Mas desta feita o amo entrou e saiu sem sequer olhar para ele.

Habituado á volubilidade dos homens, e não tendo duvidas quanto ao regresso das coisas desagradaveis, não lhe causou aquilo estranhesa. Sabia que seu fadario era marchar e o instinto desaconselhava-lhe todas as veleidades de resistencia e de ilusão. Voluptuosamente foi-se deixando gosar a cama, que nunca ela era tam doce e morna como de manhãsinha, entre o socego da noite a extinguir-se e um caminho d'horas asperas a percorrer.

Estava assim scismando quando lá fóra ouviu zurrar. Como o assaltasse a curiosidade, e a porta estivesse entreaberta, levantou-se á espreita. O Cleto aparelhava o azemel que no dia de traz o substituira na jornada para a vila. Joana dava-lhe molhadinhas de trevo que gulotonamente ia devorando, d'olhos semi-cerrados.

Sentiu inveja; como um velho monge de dentes pôdres ele regalava-se com as guloseimas dadas na palma duma mão feminina. Fôra sempre galante com as damas e, sobre-

tudo, amava Joana que nunca lhe batera. Vendo-a a acalentar o sendeiro e julgando-se expoliado, saiu fóra resolutamente, deu uma dentada na burra e apresentou-lhe o focinho. Mas o Cleto despediu-lhe um murro aos queixos e ele voltou para a loja entristecido.

Moinou á solta todo aquele santo dia, ceifando as febras e os sargaços dos comoros, e á hora de trindades acolheu-se á loja contente e meio farto. O Cleto passou a larga-lo todas as manhãs á aventura e ele sentia-se satisfeito de sua sorte.

Uma vez ainda o Cleto tentou aparelha-lo; mas, por calculo e por fraqueza, deitou-se ao chão e tanto lhe bateram que o largáram. Livremente ia pastar pelos caminhos e as ribanceiras das fontes. Mas limitava-se a rondar em volta do povo que lhe não permitiam as pernas ir para longe. E recolhia com as ave-marias, regalado d'ar, fresco, menos dorida a pele sobre os ossos. Uma tarde os garotos correram-no á pedra e teve de fugir, tropicar das pernas tropegas, para lá de seus dominios.

Quando voltou ao povo já as vacas chocalhavam á mangedoira. A porta da loja estava fechada. Pôs-se entam a relinchar e a

escarvar no caminho; primeiro um nitrido espaçado de advertencia, depois, como ninguem acudisse, elevou na noite um clamor prolongado e aflito que fez chorar na loja visinha a egua velha do sr. reitor.

Relinchou, relinchou e desesperadamente começou a bater na porta com a pata. Depois de muito esperar uns vultos acorreram; reconhecendo o filho do Cleto, enristou as orelhas, fitou-o, e em voz baixa e comovida orneou agradecidamente.

Eles porém enxotaram-no á paulada para fóra da povoação e foi dormir ao relento, cheio de temor, desgostoso dos homens.

Ao outro dia, ao sol pôr, avistou o Cleto que voltava da vila, trazendo á redea a burrinha. Correu-lhe ao encontro, cheio de queixas e de saudades, devorando-o com os olhos parados e roçando-lhe meigamente a cabeça pela vestia. O Cleto coçou-lhe a estrela da fronte e amimou-o com palavras que não comprehendia, mas que eram mais melancolicos que os poentes nas estradas desertas por longes terras.

Nessa noite encontrou a porta aberta, e com mais sangue, sentindo a pelagem a rebentar, dormiu contente.

Passaram-se assim uns dias e o cavalo

começava a rejuvenescer na vida de vagabundo.

* * *

Com besta de emprestimo o Cleto chegava á fabrica umas vezes com o leite azedado, outras vezes a horas mortas.

Um dia não houve vivalma que lhe cedesse um jumento e o leite falhou na vila. Na manhã seguinte, ainda havia estrelas, um homem com besta possante pela redea bateu-lhe á porta a pedir o rol.

Da soleira, estremunhado, o Cleto gritou-lhe :

— Que está você para ahi a alanzoar, homem?

— Já lhe disse : está despedido da fabrica. Passe para cá o rol.

O Cleto protestou; ia comprar o macho do defunto Isidro e o serviço seria feito a tempo e horas.

O outro não lhe deu ouvidos e partiu sem o buletim dos freguezes a buscar o leite. Chegado ao largo da fonte, puxou duma buszina de chifre e tres vezes soou. As mulheres acudiram com as panelas de leite á cabeça;

e como o Cleto lhes fizéra perder um dia, tinha fama de trapaceiro, e era um farroupilha, os cantaros partiram para a vila atestados.

O Cleto, entretanto, deitou-se a falar com o visconde, o dono da fabrica. Ele mandou-lhe dizer que a sua resolução era inabalavel e deu-lhe umas calças velhas e uma esportula em dinheiro.

Quando Cleto contou os malempregados passos, Joana disse :

— Amanhã vou lá eu.

Arreiou-se muito, saia de baeta justa na anca, chinelhinha no pé e limpa e escarolada foi.

— O sr. visconde não está — responderam-lhe.

Esbravejando, forçou as portas até chegar ao visconde :

— Entam a que vens, Joana?

— Ainda m'o pergunta?! Quero meu marido nos leites, ouviu?

— Mas como, rapariga, se ele não tem besta, traz tudo ao deusdará? Os freguezes debandam, o leite chega tarde, estragado... És tola...

— Já lhe disse. Se quér o serviço bem feito, empreste-lhe dinheiro para comprar uma besta. Não faz favor nenhum.

— Ora, tu és tola, por mais que me digas... mesmo que assim fôsse... ninguem mais lhe quér dar o leite.

— Cantigas! o que eles sam é uma corja de invejosos. Empreste-lhe você dinheiro e verá.

— Não, já te disse que não, mulher. Escusas de te ralar.

— Sim? Não o fará, mas diabos me levem se em voz alta não fôr dizer á senhora viscondessa, a todo o mundo, que você é meu amigo.

Agarrando-a pelo braço empurrou-a brandamente para a porta :

— Quém te péga? Vai, mulher, vai!

As lagrimas viéram aos olhos de Joana :

— Quando me cometeu eram sete falinhas doces...

Em voz terna, acariciado da voluptuosidade das lagrimas, retorquiu :

— Olha, Joana, eu nunca deixarei de te socorrer; mas lá de readmitir teu homem, não. Tenho perdido um dinheirão por causa dele, nem tu imaginas!

O sangue tingia as faces de Joana apagando-lhe as rugas de sete ninhadas de filhos. Nos olhos pretos as lagrimas davam-lhe uma expressão nova, de donzela, que incan-

descia o visconde. Passando-lhe o braço em torno do pescoço murmurou-lhe :

— Ouve, Joana, eu cá serei sempre o mesmo para ti. Mas é preciso que tu me correspondas... Tu serás sempre a mesma para mim?... Diz... O teu homem que vá dar o dia; tem bom corpo, que trabalhe.

Em voz encatarroada, ela disse :

— Vamos morrer de fome.

— Doida... doidona... tu sabes o bem que te quero.

E, encostando-lhe a cabeça á dela, beijocou-a, lambusou-a de baba :

— Joaninha, tu agora vais a casa do Borralha. Eu já la vou ter.

— Não, hoje não.

— Vai.

— E admite o meu homem?

— Vai, lá falaremos !

Joana não esperou cinco minutos em casa da Borralha. O visconde chegou a soprar, olhinhos a arder, como sempre que ela descia da Serra, fresca, a cheirar á herva, com as carnes enxutas e apetitosa do seu ventre de vaca lasciva.

Já tarde, o visconde, limpando o suor, desdobrava uma nota de cinco mil reis. E á pressa, enjoado, despedia-se :

— Aqui tens; vai com Deus. Diz ao Anacleto que o não esqueço, mas que quanto a voltar ao leite escusa de insistir. Adeusinho ! !

Decima do catre, Joana empurrava para dentro do colete de cordões os ôdres vastos das mamas. Logo que o visconde saiu, precipitou-se sobre a nota e escondeu-a no seio, contente de poder comprar uma fornada de pão e talvez uma saia nova de chita.

Quando chegou á Serra, os gados em procissão entravam no povo. D'alma simples e bonacheirona o Cleto não se admirou quando ela lhe deu conta do recado. Nem mesmo tomou o peso da liberalidade do fidalgo, habituado a elas, e de moral amolecida. Quanto á despedida irrevogavel da fabrica, cruzou os hombros :

— Pois que dizia eu?

* * *

Naquela manhã não lhe abriram a porta; por isso relinchou, relinchou até lhe doer a goela, e como tivesse fome pôs-se a mondar o estrume e os argueiros pelos cantos. Sentindo lá fóra o Cleto estava indignado e cheio de ferocidade.

Mas á tardinha, quando o amo entrando na loja lhe meteu a cabeçada, muito submissamente se deixou conduzir atraz dele. Na rua Joana deu-lhe uma codea de pão e a passo vagaroso tomáram o caminho do oiteiro, onde havia arvores solitarias e as pêgas pelas tardes saltaricavam. Cisternas de minas e barrócas estavam semeadas por entre as orgueiras e, tendo medo delas, perguntava sua estranhesa :

— Que diabo quererão para aqui?

Joana marchava ao lado do Cleto, apanhando com a mão a saia para não roçar a lama. Ele lambeu-lha, porque era isso seu costume e porque sabia distinguir da manopola rude dos homens a branda e doce caricia das mulheres.

Joana ergueu a mão e d'olhos rasos de lagrimas coçou-lhe a estrela branca que ele muito admirava em si, quando bebia nos ribeiros. Mas os afagos de Joana eram morosos e tristes e isso mais o fez desconfiar.

A chuva tinha lavado o céo e os perfumes das giestas e da vela-luz boiavam nele claramente. Ele gostava de sentir a volatilisação acida das carumas, arfando de voluptuosidade quando o incenso das maias lhe

açoutava as ventas nos atalhos ladeados de giestas.

Atraz dos amos sorvia inebriadamente o ar, remoendo, todavia, a filosofia desconfiada dos vagabundos.

Quando iam a meio do oiteiro, uma poldra passou a correr, veloz, de clinas ao vento e narinas cheias de baba. Corria como um relampago, mal tocando a terra e roçando as urzes. E nas peugada, o cavalo branco do moleiro galopava, ridiculo com a carga na barriga, a goela fumegando, impelido por todo o ardor da natureza estival.

Homens sem chapéo e gritando corriam-lhes no encalço.

Naquele episodio fugitivo evocou a sua mocidade longinqua. E, percebendo o amor feroz dos cavalos e a esquiva e vehemente luxuria das eguas, num relincho disse ao grotesco e heroico cavalo do moleiro :

— Corre, corre, que ela está ardendo, a poldra !

E em voz rapida o outro respondeu :

— Lá vou, amigo, lá vou !

Chegou ao cimo do cabeço, pensativo e melancolico. Lá, contra uma pedra, o filho do Cleto amolava uma grande faca. Ele que

lhe tinha odio, arreganhou-lhe os dentes numa ameaça. O rapaz sorriu.

O Cleto prendeu-o a um pinheiro dos novos e tapou-lhe os olhos com um lenço vermelho de assoar. E outra vez ele perguntou :

— Para que diabo será isto?

De repente sentiu um beliscão frio no pescoço e uma lufada d'ar, estreita como uma chicotada, que lhe saia da garupa, por baixo da pele. E pouco a pouco, começou a sentir-se leve, leve como se o espaço, entrando-lhe dentro da samarra, o arrebatasse num galão vertiginoso. Ao mesmo tempo, por traz do lenço vermelho, os olhos começaram-lhe a ver claro : a poldra e o cavalo, deante dele, mordiam-se num abraço creador. Tambem fôra garboso e ardido segurando as eguas com uma dentada no cachaço, dentada raivosa de que elas tremiam até as entranhas. Caía sobre elas com a rapidez dum pensamento; e lembrou-se... uma vez rebentára a retranca para saltar na egua ruça dum viajeiro, que o provocava com gemidos langorosos.

Na cernelha a corrente fria, leve, passeava como a mão terna da patrôa. E achava-se bem, inundado dum gôso novo, quando subitamente lhe faleceram as pernas e caiu por terra.

Atravez da venda começou a ver mais vermelho e a adormecer. Uma asa humida roçava-lhe a pelagem semelhante a um banho de aurora.

Joana ergueu-lhe o lenço dos olhos, e por habito novamente beijou aquela mão de que sabia apreciar as caricias. O ar estendia-se deante dele vazio e delgado como um sôpro que não bastasse para respirar dum hausto.

Ao longe, para lá da montanha, viu um corpo afogueado que descia. E vagamente perguntou-se :

— Será o sol?

Depois lembrando-se da poldra e do cavalo que galopavam para as nupcias ferozes, acudiu-lhe :

— E' o amor dos cavalos.

No horizonte a grande rosa caiu, arrastando o ar todo. E ficou ás escuras, engolfou-se no escuro.

* * *

O Cleto puxou uma perna do cavalo e deu-lhe um pontapé na mouçó a sondar a morte.

A Joana que chorava, disse :

— Chorar mas é por uma alma christã, mulher. Estava pôdre de todo!

— Coitadinho! Muito manso era!

O José Cleto meteu-lhe a faca ao jarrete, a esfola-lo. E ela foi pensando nos bons tempos, que não voltam, quando moça e bonita, requestada dos fidalgos, entrava na vila sobre a garupa nedia do garrano.

O Cleto, emquanto segurava, ia falando:

— Se o deixamos á margem passava o seu mau bocado com os lobos. Tive dó; de resto a pele sempre dá uns patacos vendida a qualquer samarreiro.

O filho protestou:

— Já lhe disse a pele é para um bombo, para a rusga. De cabra rebentam com duas maçanetadas e este ano, na Lapa, nós queremos lhe zurrar.

Anojada, por ver o ventre immundo e esfaqueado do cavalo, Joana foi-se dali.

TU NÃO FURTARÁS

TU NÃO FURTARÁS

Os Cletos começaram a romaria dos lavradores abastados do logar, na vida de jornaleiros, á mercê do tempo e das estações. Joana ia tambem dar o dia, ela que estava habituada a entreter as horas na esteira de junça, cosendo ou fiando, e a só cevar o bácoro para a matança do Natal. Trajava agora muito desprezivel, saia de burel e lenço de chita, sem uma migalha daquela garridice que nos descantes levava os rapazes a oferecer-lhe primeiro a caneca, persuasiva e rendidamente : — Encabece lá, tia Joana. A Isabel Caramela, que desmoçava todos os pimpões da aldeia, dizia batendo as palmas, « *que o varrão da vila não quizéra mais contrato com aquela porca* ».

Ordinariamente despegavam todos tres ao sair dos gados, deixando em casa a Luiza de 12 annos com os dois pequenos, um de 6 e outro de 4, muito bonitos e loiros, duma pelagem que não tirava nem ao Cleto nem a Joana. Quando voltavam á noite, após as trindades,

era para se estirar na enxerga, insensiveis e moídos como as pedras dos caminhos

Naquele inverno o padre Claro ocupou-os semanas inteiras, nas mondas a principio, depois no desmonte dum môrro em que queria experimentar bacêlo. Para isso mandou rogar numerosa malta, pondo-lhe á testa praticos expressamente chamados do vale.

E durante um mes, a orquestra barbara dos operarios espantou as pêgas que forrageavam nas carvalheiras. De garnacha pelos hombros, fumando o cigarro e peitorreando, o padre fiscalisava. Á sombra duma arvore Isaque lia romances, suspendendo-se de tempos a tempos a contemplar o trabalho. Entre os homens, coberto de pó e de suór, Norberto confundia-se, se não fôssem as objurgatorias e os recados repetidos do pai, que ele aborrecidamente partia a executar porque já não esperava galardão. Tres vezes, de sol a sol, vinha Joana trazer-lhes de comer. Estendia a toalha sobre a relva, e palpitante, a malta debruava-a como um feroz alto relevo antigo. Ao lado, num guardanapo, servia os mesmos pratos ao padre e ao filho, apenas o pão era do alveiro e o vinho estava numa pichôrra de faiança de Molelos.

Acocorada sobre as pernas, Joana repartia-se

entre as duas mezas. Dum lado a gadanha trabalhava incansavelmente, do outro eram-lhe precisas palavras para apaziguar a contenda entre o padre e Isaque, suscitada na partilha do vinho, de que D.ª Dorothea mandava uma modica e regulamentar medida. Nunca os dois levavam ao termo uma refeição sem que barulhassem; isto divertia os operarios e obrigava Joanna a proferir na sua sinceridade plebea :

— E' uma vergonha ! Vejam lá se acabam !

Ao fim os homens punham-se a pé dum pulo, e o Zé Cléto, mais desembaraçado, chegava-se ao padre :

— O sr. reitor não tem por ahi um cigarrinho para a gente?

A resmungar, ele distribuia entam massos de *kentucks* em que Isaque já havia posto a mão.

Joana arrumava a louça, e varria os pratos lambidos para a *Farrusca* que, de olhos fitos e cauda a abanar, lhe dizia que tinha fome. O padre punha-lhe o cesto de duas asas á cabeça, ela enfiava num braço a cesta brez onde ia a panela do caldo e tap-tap abalava. Lá adeante, na sombra dum tronco d'arvore, Isaque chamava-a :

— Olhe aqui, que lhe quero uma coisa !

Suspendia-se, aproximava-se a parlamentar :

— Entam que quér? diga?

Ele buscava-lhe a bôca com a bôca e apertava-a contra o peito. Abandonando-se, pronunciava :

— Olhe, que podém ver! Dianhos, uma mulher da minha edade!

Mas só trocavam beijos, não havia tempo. E proseguia lépida e mais rija, para casa do sr. padre, onde a esperava a gralhada dos filhos com mira nos sobejos da refeição. A sr.ª D.ª Dorothea, ainda que velha e gasta, era mulher para pôr tudo a direito numa volta de mão. Num momento vasculhava as caçoilas, arrancando uma almofia de comida em que os pequenos se atufavam até as orelhas.

E ambas, emquanto lavavam a loiça, se entretinham de Isaque, um homem perdido, doido pelo mulherio, e que mais tarde teria de andar com uns alforges a pedir esmola.

— Veja para que valem os filhos, senhora Joana!

E, arrastada na adulação, Joana dizia :

— Mau é isso sr.ª D.ª Dorothea. Ele ha lá gado mais ruim que as mulheres!?...

* * *

Ao cabo dum mes o oiteiro foi demolido e plantada a vinha. Os Cletos passáram entam para casa do Andrade, onde havia lenhas a cortar e cêpos a fazer em cavacos. Porem se o Cleto velho era bom trabalhador, amargando o que custava, o filho despedia duas machadadas e punha-se boquiaberto a ver para onde as nuvens corriam.

Além disso, era fidalgo nos comeres depois que voltára do regimento. Vinha porém á sombra do pai, porque parecia mal rogar um sem rogar outro, e porque o pai, só, se negava. Sem esta circunstancia era uma bisca que os patrões desejariam ver pelas costas. Não o estimavam porque era calaceiro, não fazendo para que erguer olhos se tivesse moça ao lado, e porque era rebelde, não deixando passar sem remoque a mais pequena observação.

— Olha, meu rico — dizia-lhe a sr.ª Dorothea que era franca e boa mulher — quem é pobre humilha-se.

— Mas eu não hei de deixar que me comam o caldo na cabeça ! — retorquia ele, torcendo as mãos.

— Mas curva-te, homem, curva-te a quem é mais que tu.

Uma vez que a senhora Andrade não serviu vinho á ceia, fez grande escandalo :

— Tratam-nos aqui como negros ! Julgam que os pobres sam de ferro !

E deante de quem o quiz ouvir acrescentou, escarninho :

— Tenho de ir chamar o vendeiro para me dar meio quartilho.

Isto foi uma ofensa para a sr.ª Andrade em casa de quem os trabalhadores eram tratados como bispos.

— Uma desfeita destas — exclamava ela em voz patetica — só porque uma vez não apareceu vinho na mesa? !...

Os Cletos, todavia, continuáram ao serviço do Andrade, porque não havia como o velhote para arrancar raizes de carvalho e os rapazes sãos e d'alma desertavam para os Brazis. Mas a senhora Andrade tinha declarado :

— Esta *escandula* cá me fica !

E cheia de odio, ia á bôca pequena denegrindo os Cletos, sobretudo o Zé, vicioso e execrado :

— Aquele lascarinho, em não tendo vintem para cigarros, rouba.

Uma noite, depois de ceiar, quando as

lenhas estavam quasi empilhadas, á mercê do bom fogo, o menino veio dizer á mãe que os Cletos tinham, cada um, metido um tropeço de borôa no bolso, grande como burro.

Logo que sairam, a s.ra Andrade correu ao açafate a verificar. E encontrando comido o mesmo pão de sempre, desatou em altos gritos :

— Excomungados, levaram-me um pão de quarta. Oh ! os lobos os devorem !

Ao outro dia, os Cletos ceiáram espreitados por muitos olhos. E antes dos padrenossos, todos viram que surrateiramente cada um alforjava na vestia sua fatia de centeio. Ela poude exclamar, triunfante :

— Ah ! que ha muito eu notava a diferença no açafate ! Este inocentinho não mentia. Gatunos !

O sr. Andrade, com a faca ao peito da desafronta conjugal, despediu os Cletos dois dias antes de terminar a arrumação das lenhas. E a todo o mundo ela dizia :

— Heim ! que manhas ! Ainda ham de acabar por sair a uma estrada.

Entre os jornaleiros não houve outra coisa em que falar. Até mesmo o latagão do Semtempo, molangueiro e lôrpa, abria as queixadas todas :

— Homem, eu antes queria morrer á fome!

— Ham de ir morrer nas Pedras Negras. Ele é um grandecissimo cornudo e o filho um valdevinos que só está bem ao pé das femeas.

Foi um borborinho no povo. O Zé Cleto andou a rondar-lhes a casa, de focinho tôrvo. Joana veio-lhes á porta perguntar quando devia pelas codeas, que seu homem e seu filho leváram para os meninos.

A sr.ª Andrade teve medo da lingua dela, afiada como uma espada, e desdisse-se, gaguejou uma desculpa. Mas em voz alta, na praça publica, foi testemunhandos os presentes que se aparecesse morta ou ferida do filho do Cleto se queixássem.

* * *

As malhadas eram para os Cletos o periodo das vacas gordas. Quando sobre as medas gritavam pela primèria vez: « A' eira! » já tinham os dias encarreirados, emquanto zurrassem os mangoaes. No logar havia poucos que déssem á palha como o Cleto, nem se

topavam mangoeiras direitas que hombreassem com o Zé. Como nisto ia alarde e valentia, o farçola revelava-se. Ele a despedir o mangoal e a lage reboava como o derruir dum convento. E era por ali abaixo uma trovoada, de escantilhão, pirtigo em terra pirtigo em cima, impelidos pelo Zé que fendia todo o carvalho cerquinho ao cabo de duas eiradas! Os pimpões das aldeias limitrofes apontavam-no a dedo:

— Aquilo é a alma dum malhador.

Nos eirados era o primeiro. A sua má fama era atirada para traz das costas e regateavam-no:

— Para animar o malhio não ha como o Zé Cleto.

Ao fim da beirada, era para ele que se estendia a botelha em riste, num acento familiar:

— Pega lá, Zé.

Os Cletos traziam atraz deles, pelas malhas, toda a familagem: a Joana, fraca cuanheira, e os pequenos que, á sombra quente das medas, jogavam com bogalhos e maçãs cucas. Este sequito fazia dizer aos senhores da malhada:

— Com uma novena destas os pimpões não saiem baratos.

O Zé ganhava nesta epoca com que pagar na taverna e comprar um colete de saragoça; o Cleto com que haver umas fornadas de pão e vestidinhos de sarja para as creanças. O Zé, além disso, poderia florear na festa da Lapa que quasi sempre caía ao fim das malhas. Ahi, entam, pagava vinho como um brazileiro e, embebedando-se, envolvia-se em rixas de que sempre saía com a cabeça partida.

Era por este estendal de basofias que os moços na terra lhe tinham respeito e as raparigas o viam com olhos de ternura.

No verão levavam esta vidairada de cigarra. Mas chegava o inverno e sentíam-se fóra de si, fóra do meio, como belos animaes só trabalhando com o sol. Em vez de pulsos esforçados tornavam-se precisas mãos pacientes e maneirinhas. Quando no cabanal do padre Claro se acabavam os troncos d'arvore, o pai punha-se a tecer palhoças, mal buscadas e mal vendidas.

A' noitinha, ia armar os galritos e os pardelhos na ribeira e os fios ás lebres na linha das demarcações. Quasi sempre eram frustradas suas canceiras, e lá continuava a tecer as polainas de junco, indolentemente, ao lado do filho que tocava harmonio, ou dormia de papo para o ar, tendo passado a noite

na vida marota. Deante de dois tições Joana remendava, e os dias e as semanas escorriam assim tremendamente mornos e preguiçosos, como a chuva nas gáleiras do telhado.

A's vezes, o Zé ia pirangar pelas quintãs com as moças e Joana saia ao mato. O Cleto vendo-se só, com o apetite sempre á espreita, passava busca á salgadeira e bifava o que lhe caía sob as unhas, naco de toucinho, ou chouriço reservado para as festas. E corria á immola-lo na taverna com um ou outro homem dos povos visinhos, a quem tivesse vendido um par de polainas.

Joana clamava debalde contra a gula do homem :

— Um alma do diabo destes, que não tem onde caír morto e lambisqueiro como um abade ! E' preciso fechar tudo a sete chaves, senão olho vê, pé vai e mão pilha.

A carmear o junco o Cleto desatava a berrar, jurava pela boa sorte dos filhos que não tinha tocado na salgadeira.

* * *

Um dia o pão e as batatas faltaram de todo em casa. Não havia quem fiasse, devendo já

15 alqueires ao padre Claro e 2:300 ao filho, afóra os pequenos emprestimos de tutilimunde. Estava um inverno rigoroso e os rebanhos não saiam aos pastos, ficando a roer nos estabulos o feto primaveril, seco, de mistura com cuanhos de centeio. Caia neve e pelos comoros mal se avistavam uns arripios de herva que as ovelhas paridas, molhádas pingando e balindo, iam espontear á pressa. Vezes a fio apresentou Joana á sua gente caldo de hortelã pimenta com duas areias de sal. O Cleto acabou por praguejar e o Zé, com a ira, por partir a malga no chão. A mãe voltou-se para ele, em voz de sarcasmo e ao mesmo tempo de dôr :

— Olha, se queres ser regalão vai ganha-lo. Onde não ha el-rei o perde.

Amarelos, como a cera melada, os meninos berravam por todos os foles que tinham fome.

— Este vai-se para as malvas — dizia José pelo irmãosito loiro, mais novo.

As malvas eram o cemiterio agreste, entre os pinhaes, onde pujavam as mil plantas mesquinhas, sem nome.

Joana, perante tanta miseria, vestiu-se dos melhores farrapos e deitou-se á vila debaixo de neve. Havia muito tempo que

lá não punha pés, desiludida da vila como a vila estava esquecida dela triste e pobre.

Ao anoitecer, os pequenos saíram-lhe ao encontro, com o fáro nas bolas milhas que sempre trazia para regalo; ela sacudiu o avental, a chorar :

— Não vos trago nada, meus filhinhos.

O Cleto jungiu os hombros :

— Pois eu que te dizia !

De porta em porta a pedinchar, bateram á do mestre-escola, um diabo d'homem que não ia á missa nem se confessava. E contra a expetativa, encontraram ahi dez tostões. Nesse dia comeram batatas com azeite e pão de rála. E mais comunicativo que de costume, o Zé declarou que a porca da vida assim ia mal, que partia a assentar praça se não arranjasse passagem para o Brazil.

— Para o Brazil ! — exclamou Joana. — E que vais lá fazer? Tu não te dómas ao trabalho? !

Ele, que estava numa hora de ternura, melindrou-se e retorquiu desabridamente :

— Vá para um raio !

A mãe rompeu em grande berreiro. Mas conciliador e patriarcal, o Cleto puxou do açafate, onde haviam sobejado migalhas, para o meio da familia. E sobre ele, desco-

berto á benção da casa toda, louvou ao Senhor :

— Infinitas graças e muitos louvores devemos dar a Deus por tam altos beneficios : padrenosso !

— Has de ir parar a uma cadeia, cão — clamava Joana. — Se alguem tem uma linguagem destas para os pais... Safado !

— Ao martir S. Sebastião que nos livre da peste, da fome e da guerra : padrenosso.

— ...bem diz a mulher do Andrade. Inda has de sair a um caminho...

Mas o Cleto voltou-se para ela, num acento raro de comando. E, vendo-se obedecido, proseguiu nas devoções :

— S. Pedro e S. Paulo que nos abram as portas do céo, quando morrermos : p. n.

Sem erguer as mãos nem bolir, o Zé pregára os olhos irados na fogueira. O gato farejava o açafate, miando.

— Santo Avelino que nos livre dos maus repentes : p. n.

— S. Martinho que nos livre das maleitas : p. n.

— Este judeu não reza, Cleto — pronunciou Joana indicando o filho.

O pai fitou-os a ambos e continuou na via-sacra :

— S. João Batista que guarde as nossas seáras : p. n.

Quasi ao fim da oração o Zé apanhou o sentido da suplica ao Batista; e a gracejar, de labios torcidos, disse :

— Onde tem as seáras, homem?

Mas o pai, sem fazer reparo, continuou :

— Senhora da Conceição, que não nos deixe morrer sem convicção : avemaria.

— Santa Luzia que nos dê vista e claridade no corpo e na alma : av. m.

— Ergue as mãos, mulher — ordenou Joana á filha que deixára cair as mãos, cansadas. — Ergue bem !

— Senhora da Corredoira, que corra nossas almas para o céo : av. m.

— Santa Apolonia que nos preserve das dôres de dentes : av. m.

Por muito tempo as preces desfiláram, sibiladas e cheias de recolhimento. Na fogueira a corcodia do carvalho estalava, doce e luminosa. Vencido, ainda que indolentemente, o Zé Cleto alçou as mãos.

— A N.ª S.ª que peça e rogue ao seu amado filho por nós : salvé-rainha.

Depois, quando se suspendeu o sôpro sussurrante dos labios de Joana, o Cleto rematou, mais grave, com mais unção :

— Senhor, estas orações sam poucos ditas na Terra, recebei-as vós no céo por muitas! Senhor, que estas orações cheguem até a vossa divina magestade! Senhor, que aqui nos juntastes, juntai-nos um dia no vosso santo reino. Amen Jesus!

Persignáram-se ruidosamente; Joana espalmou a mão sobre a fronte dos pequenitos a traçar-lhe o signal da cruz, e bamboleando a cabeça disse para José :

— Não rezaste palavrinha, mas os santos ham de te ajudar.

Ele replicou numa gargalhada :

— E' por isso que você nada na fartura. Que lhe preste!

E traçando a capucha foi-se á caça de favelcas, pelos serões.

* * *

Em casa dos Cletos entrou a fome. Para não falecer á mingoa saltavam ás hortas, ao acaso dos donos, colher ora um ôlho de caldo ora umas nabiças temporãs. A' boca pequena começou a soprar-se que eles percorriam os campos, altas horas, um com um bacamarte carregado de cabeças de prego,

o outro com uma saca onde abismavam tudo, couves tronchas, galinhas e cabritos transviados.

Todo o sumiço de animaes era agora lançado á conta dos Cletos, quando antes era atribuido ao texugo e aos espanhoes da raia que compram ovos pelas portas e passam a veniaga. A sua nomeada de ratoneiros foi crescendo até chegar a vila e termo.

— Estes almas do diabo — disse uma vez o José Cleto ao filho do padre — só porque lá os velhos apanham de quando em quando uma folha de couve pelas hortas, fazem de nós uns Zés do Telhado. Ah! ainda me desgraço!

Isaque bateu-lhe no hombro, confidencialmente:

— Tudo vai em saber roubar Zé. E o saber roubar está alguma coisa no modo mas muito na cifra. Se podéres palmar uma herança de muitos contos far-te-ham um dia comendador. Serás rico e respeitado. Se não podéres roubar assim á grande, faz-te santanario e pede para as almas. Vive-se. O diabo é pilhar um pão ou couves pelas hortas. Ninguem perdôa e vai-se malhar ás cadeias celulares.

— Nunca furtei uma agulha. E' lá minha mãe que tem fome.

— Fome não tem lei. Nesse caso é roubar tudo o que cair debaixo dos mandamentos dos cinco dedos. E' tira-lo a todos, a mim, ao burgues, ao cura. Eu, tendo fome, dentro duma nau Catharineta era capaz de roer as entranhas de minha mãe.

— E a costa d'Africa?

— Na costa d'Africa come-se.

Mas os Cletos, formados no respeito da autoridade, só com muita lazeira se atreviam a ripar uns folharecos de hortaliça, ou uns pórros, no campo alheio. Tambem d'inverno não havia outra coisa que forragear...

Passavam os dias á mingoa. Sempre teimoso, o pai continuava a lançar as redes nas correntes onde a truta é vezeira, e os cardumes de barbos moinam. E era toda uma trabalheira á noite e ao amanhecer para caçar dois bordalos miudos como sardinha.

A mãe, por vezes, passando sobre a reserva surda das quesilias que travava com o filho, pedia-lhe em voz de piedade :

— Oh ! Zé, se tu fosses pedir uma malga de farinha para as migas...? !

Com maus modos ele recusava-se ; mas

vendo-a soluçar, seca como as palhas, acabava por dizer que ia buscar uma braçada de caldo á primeira horta que calhasse. Ela opunha-se, e por Deus Nosso Senhor lhe suplicava que o não fizesse á hora do dia, que ia morrer a uma cadeia. Ele largava num repelão, e metendo para os quintaes descaradamente, á luz do sol, com mão lésta fazia um mólho que trazia debaixo do braço, pelo povo fóra.

Uma ocasião a tia Javarda, surprehendendo-o no quintal, foi chamar o filho. Este plantou-se no caminho do Cleto :

— Onde apanhou as couves, seu Zé?

— Algumas na tua horta, que quéres?

— Quem lhe deu licença?

O Cleto cresceu para ele, d'olhar tôrvo, a despedir-lhe o mólho á cara :

— Sai-me da vista que te racho os chavelhos.

O outro baixou a voz. Bastava pedir, que ele, louvores a Deus, tinha hortas para não recusar nunca um caldo a um pobre.

O Cleto, velhacamente, retrucou-lhe :

—Entam leva-me todos os dias uma abada de caldo. Lá em casa não ha nada que tragar.

Ora a maroteira ! — rosnava-se no povo —

todas as hortas sam deles! Têem bom corpo, que vam servir um amo.

Descoroçoada de tanto murmurio, a namorada do Cleto voltou-se para outro.

Desesperadamente, ele enroscou-se mais entre a fome, o harmonio e a fogueira sempre acesa porque estavam bem sortidos os tapados do monte. O resto do tempo passava-o com o filho do padre, que lhe nutria o vicio do tabaco, e encobertamente trazia tudo o que podia apanhar em casa, toucinho, feijões secos, mesmo roupa branca. Só dinheiro não trazia, porque andava arredio dele como da graça de Deus — chalaceava Isaque.

Numa tarde de lazeira, em que não havia migalha no açafate nem gôta na almotolia, o Zé comunicou ao pai o projecto que ruminava ha muito tempo, olhos sobre o brazeiro a esmoer-se em oiro. O Cleto velho respondeu desabridamente :

— Homens, que raio de ideia! Tu quéres a nossa desgraça.

A' noite voltou á carga, procurando deslumbra-lo. O pai manifestou a mesma reluctancia, em voz alta, mais mole apenas :

— E's tolo rapaz; és tolo.

O filho exasperou-se em sua boa fé :

— Já lhe disse, é um instante e dentro ha

uns bons pares de mil-reis. E' de noite, vam lá saber quem foi!

O velho ficou calado e ele afirmou que cerca de dois annos antes, pelos seus proprios olhos, vira contar uns dôze mil reis. Só após um longo silencio o pai respondeu :

— Não; é um pecado muito grande.

— Vocemecê é maluco; o padre é quem a esvasia; não é pecado para ele e era pecado para nós?

A mãe, desconfiada, veio espreitar á porta e eles calaram-se.

* * *

A' noite os Cletos deixáram Joana acocorada ao borralho, com os filhos em róda, intanguidos e friorentos, como uma galinha com os pintos. Envergáram as vestias e o Zé pegou na machadinha de mato. A mãe, vendo isto, clamou :

— Vejam lá o que vam fazer! Ham de me dizer onde vam.

— Aonde vamos? — repontou o filho — Já você ahi vem. Vamos buscar um mólho de estacas aos pinhaes. Que mais quér saber?

Joana tinha medo do filho, que um dia lhe

déra um sóco depois que ela lhe batera com as tenazes. Foi para o velho que ela se voltou :

— Andem lá andem; ninguem as faz que as não pague.

Saíram surrateiramente, de capucha traçada sobre o queixo. Estava uma noite escura, com nevoeiro suspenso no céo e as ruas empapaçadas de borrões de lama.

Meteram afoitos contra a cacimba, sem se desembuçarem ás pessoas que voltavam do fôrno com taboleiros de pão á cabeça. Depois cortáram á direita do cemiterio, por entre as desgrenhadas brenhas dos castanheiros escorrendo agua.

O vento bramia nos pinhaes, e muito raro, um ou outro balido de chocalho chegava esvahído no ar.

Andarám, andáram até avistarem a ermida de S. José, que a piedade dos homens tinha erguido á memoria daqueles que mão vingativa ali fizéra morder o pó da terra. Ficava assolapáda numa baixa, de sentinela a quatro caminhos asperos e turtuosos.

Suja do tempo e com o telhado a esboroar, alçava naquele ermo a imagem pavorosa dos assassinados, rebolando-se na areia bebeda do proprio sangue.

Ouvindo passos pela frente os Cletos acobertaram-se com uma parede. Os passantes vinham falando em voz alta :

— Minha mulher manda todos os anos aqui rezar uma missa para que os porcos cheguem á ceva. Eu cá nunca passo que não deite a esmola.

O Zé disse para o pai :

— Olha que traste ! é o Andrade.

Quando os passos se perderam na encósta, fôram direitos á frontaria da capela. O velho pôs a bôca a um dos oculos e berrou para dentro :

— Óóóó !

— Para que ronca, homem?

— Podia lá estar aninhado algum pobre.

— Ora ! morcegos.

O Zé chegou-se á caixa das almas e experimentou abana-la. Presa a dois gatos de ferro, e couraçada de ferro, ela pedia ali esmola sobre os quatro caminhos, como a mão seca e infatigavel dum eremitão. O Cleto deu-lhe um murro sobre a tampa, sacudiu-a e mal sentindo chocalhar, declarou :

— Está chôcha.

Entam o Zé, á mão tente, descarregou-lhe uma pacada debaixo para cima com o ôlho da machadinha.

E uma cascalhada soou dentro, as moedas cuspidas contra a tampa faláram.

— Não está tam chôcha como isso.

— Olha, eu cá digo-te que vamos embora. E' um pecado, já muita gente tem ficado tolhida. Além que ela não tem cara de ter grande coisa dentro.

— Se quér vá-se, eu não preciso de vocemecê.

O Zé insinuou o gume da machada entre o ferro e a grossa tabua de carvalho. Mas os gatos seguravam-na como garras de finado. Inutilmente a lamina tacteou todas as juntas, sorrateira, capciosa, feroz. O velho, a tremer como um vime, agarrou a machada; mas em seus pulsos vacilantes ela fugia, escorregava, acendia mil centelhas nas cabeças grossas dos cravos.

O filho arrancou-lha num repelão :

— Largue ! largue !

E num relampago alçou a machada e descarregou-a animada de todo o alento. Em dois golpes a caixa estava arrombada, estripáda, as guarnições de ferro e a madeira fendidas como por uma cunha tremenda, enviada do céo.

Transido e com a pressa do medo, o Cleto meteu a mão; o filho empurrou-o com o cotovelo :

— Tire lá a pata.

— Olha que póde vir gente...

O Zé esbandulhou bem o cofre, depois dizendo ao pai que aparasse no chapéo, varreu com a mão larga.

Um punhado de modedas tilintou, mas numa secura que os fez praguejar :

— Estamos quilhados; não tem para mandar cantar um cego.

O Zé Cleto embrulhou o dinheiro e, apontando a caixa das almas com o ventre á mostra, exclamou :

— Aquilo o padre esvasiou-a ha pouco tempo. Ladrão !

O velho teve tambem um soluço de colera, expoliado, defraudado em suas esperanças :

— Ladrão ! !

* * *

A mulher do sr. Andrade arreiou-se com o fato de domingo, para ir á audiencia á vila. E muito contente com a justiça da terra, a cavalo na pôtra, passou por entre as hortas. Nas ricas o caldo apodrecia e era sagrado nas pobres. Apenas as galinhas continuavam a sumir-se e os cabritos, e no verão as melancias que eram taludas como cabeças de dou-

tores. E não distinguindo a mão misteriosa destes furtos, ela opinava que era alguem da malta dos Cletos que sobrevivia para trazer o povo em sobresalto.

Os Cletos, esses, estavam ha muitos meses á sombra, com bilhete pago para a costa d'Africa. Ia ver a cara desses excomungados, que lhe bifavam todas as noites um paõ de quarta, e o focinho daquela vaca que tinha lingua mais comprida que as bandeiras de S. João.

Lá pôde arranjar um logar na audiencia, pouco frequentada de resto. E, regalada de lhes ver as caras magras e tristes de fome e de vergonha, a sua alma palpitou agredecida ao Senhor, quando numa bela voz de celebrante o juiz leu a sentença :

« Por graça de Deus e em nome da lei, em virtude da resposta dos srs. jurados aos quesitos comprehendidos nos artigos 421, 442 e seus paragrafos do codigo penal (crimes d'ofensas á religião d'Estado, arrombamento com damno e escandalo publico) em que se acha pronunciado o réo Antonio Cleto, casado, pai de filhos, 63 annos de edade, hei por bem condemna-lo no pena de 4 annos de prisão maior celular seguida de doze de degredo em possessão de 2.ª classe.

A senhora Andrade não conseguiu ouvir o

final da sentença. Um chôro convulso rompeu no banco dos réus, a que se seguiu na galeria o clamor do pequeno de doze annos e dos dois meninos que berravam para chegar á mãe e porque viam chorar.

O sr. juiz intimou silencio e toda a sua capa negra e austera flutuou. Um oficial veio enxotar as creanças, que uma serrana trouxéra para darem os ultimos beijos na mãesinha.

A sr.ª Andrade ouviu pronunciar egual sentença contra o Zé Cleto. E foi de coração cerrado que ouviu invocar as atenuantes no libelo de Joana. Todavia tambem era condemnada em dois anos de prisão menor celular seguidos de quatro de degredo por cumplice e receptadora.

E emquanto, dentro da teia, Joana se desfazia em gritos, o velho Cleto se árrepelava e o Zé mostrava um ar idiota e insensivel, ela expandia seu contentamento :

— Bem haja o sr. juiz, bem haja. Quem não quér ser lobo não lhe veste a pele.

Os meirinhos e os circumstantes desataram ás gargalhadas daquele desatino e ela abalou para a aldeia, d'alma cheia de gaudio, tocando com os calcanhares nervosos a egua mazorreira, para levar depressa a novidade.

O REMORSO

O REMORSO

— Carrasco, excomungado, inda has de malhar com os ossos numa cadeia — gritava o sr. padre Claro do alto das escaleiras que desciam para a varzea.

O filho afastava-se molemente, a assobiar, pelos hombros um casaco desbotado de montanhaque, em direção a Norberto que plantava bacelo ao cabo da propriedade.

Como as chuvas tivessem lavado o céo, a voz do velho penetrava afiada e inteira na quietude imperturbavel do vale. Docemente, a perder de vista, os socalcos estendiam-se cobertos do veludo verde das ferrãs.

Por eles fora, mondadeiras e cavadores paravam a ouvir a contenda injuriosa do pai e do filho. Dizia o velho :

— Este ladrão é a ruina de minha casa. Aqui só ha que escolher, ou férro-lhe um tiro ou vou dar parte á justiça. Tem vinte e tres anos e está aqui este piranga preso á argola, comido de vicios, á custa da barba longa. Inda por cima morde a mão que o

trata. Arre! Vá para as Pedras Negras, pegue num bacamarte e saia á estrada!

— Ladra para ahi, ladra, farta-te de ladrar, velho cão — repontou Isaque da manga de bacelo.

— Vadio; gastei com ele quatro contos, melhor fôra deita-los a um poço. Dei-lhe todo o suór de meu rosto, eis o resultado. Meu Deus, meu Deus grande castigo me déstes!

— Não se consuma, senhor — interveio D.ª Dorothea — ele lá terá o pago. Uma alma perdida só anda para perder as mais, é deixa-lo. Se aldemenos comesse, bebesse, calaceasse e não andasse ligado a semelhante choldra!? Olha com quem se foi meter, a Amada, a Amada que foi de cão e gato, do Praça, do Mões, de quem lhe piscou o olho! Todos estes Amados sam raça de má colada. O pai, o Amadão Velho — dizia meu tio Calhôrra — foi dos que assaltaram a casa do Alferes de S. Martinho. Mais tarde encontraram-lhe umas colchas que haviam pertencido ao Alferes. Teve a morte afrontosa que merecia. Que morte! Ainda estou a ver a Amada Velha a gritar pelo povo arriba: á d'el-rei! que mataram meu homem! Alvorotou-se o povo todo e foi-se ver. Ele estava deitado de bôrco, á beira do caminho, junto

á Cruz do Caetano, com as tripas deitadas fóra por uma brécha que tinha mais dum palmo. Aquilo só com gadanha do feno. Toda a gente de Segões se apresentou a defender o assassino : fôra o Amado, que era homem de maus emprestimos e ruins tornas, que quizéra roubar duas moedas ao Pinto Moleiro. O fidalgo da Silvã pôs-se de peito feito e livrou-o. Oh! os filhos saiem ao pai. Tudo lhes serve, couves, galinhas, roupa dos estendedoiros. A Amada mãe não roubou uma saia de fólhos á minha Rosa? E como se descobriu? Vai-se para a Santa Eufemia e ela levanta a saia no bailarico. A Rosa deu conta, foi um dia de juizo! Se hoje cerrarmos os olhos, senhor, comem tudo o que ha nesta casa de portas a dentro, nem as sarapas lhes escapam. Já me disséram que o Norberto anda a cheirar atraz da Adelina, a mais nova. E' o irmão que lhe mete os vicios no pêlo. Mas ela quér coisa de mais vulto, o Norberto não levanta a grimpa oprimido do trabalho. Gostava dum fidalgo como arranjou a irmã, vá busca-lo aos quintos. Ai, senhor, anda o démo nesta casa!

Ela acabou a soluçar, emquanto o padre sentado nas escaleiras se velava dum ar sombrio e doloroso.

Lá ao fundo, entre a terra dos valados torcidos como serpentes, os dois irmãos conversavam. O camponez, de mãos grossas sobre a pá encravada no sólo, escutava as mófas do irmão mais velho, o fidalgo de mãos alvas e preguiçosas. O ar claro e subtil trazia-lhes entre o grunhir dos bácoros e os cacarejos das galinhas as lamentações dos pais. O sol dobava. Por complacencia e desenfado Isaque pôs-se a ajudar o cavador, passando-lhe o bacelo, e despejando nas cóvas pasadas de terra.

Os carros desciam da serra, chiando. Por traz da casa a aldeia alapava-se negra e rumorosa, empenachada já do fumo das cosinhas. Era a hora cinzenta da volta do campo e ranchos passavam nos atalhos cantando uma suave cantiga.

Desceu afinal a noite mansamente e emquanto Norberto despedia as ultimas enxadadas, Isaque entretinha-se com quem passava no caminho, jogando uma chalaça, ou regressando a um dito de serão ou da taverna. Quando a Maria Amada apareceu, debruçou-se a falar-lhe de maneira que o irmão não ouvisse :

— Entam a esta hora?

— Os lobos não me comem.

— Que andaste a fazer?

— A mondar o trigo na belga. Tanto queria acabar mas não ouve modos. Entam você bulhou com seu pai?

— Que quéres, o raio de minha mãe foi-lhe dizer que estive a jogar...

— E' uma alma do diabo.

— Só está contente quando nos vé pegados. A's vezes estamos a conversar e a rir em muito bons termos e logo ela aparece a dizer-lhe : ande, ande, beijem-se e logo mordam-se. Sempre assim...

— Ele nem é homem, nem é nada. Se fôsse cá commigo endireitava.

— Ele é fraco, lá isso é, mas tem bom coração. Os fracos sam assim, amam todo o mundo e sobretudo aqueles que mais os dominam. Minha mãe para ele está nestas condições — leva-o pelo rabeiro á agua e ele meteria as mãos no lume só para lhe agradar. Coitado, ele quér-me mais que ás meninas dos olhos; o que não temos ambos é paciencia para não nos injuriarmos um ao outro.

— Pois o que tem a fazer é afastar-se quando se dérem estes passos. Quem cala vence. E você pela lingua não leva sua mãe á parede. Tem uma lingua mais comprida que as bandeiras...

— E' nervosa...

— Tem-me um asco...

— Entam, meteu-se-lhe em cabeça que és tu que me desvias para o mau caminho...

— Pois serei. Vá, navegue para a Africa, porque espéra?

— Por resposta.

Um grande silencio passou entre eles. Estridentemente Norberto sacudia na pedra a lama das enxadas. Ela tornou :

— Se me quizesse bem, não partia.

— Mas é mesmo a razão porque parto. Tu lá irás ter.

— Dizem-me que se cai lá como tordos...

— Historias da caróchinha; para onde conto ir é tam saudavel como aqui.

— Mas entam deixa-me?

— Tu és tola. Todos os meses recebes dinheiro, depois, quando tudo correr bem, irás lá ter.

— Olhe que eu não vou jura-lo, mas palpita-me que ando gravida.

Isaque envolveu-a num longo olhar de ternura em que ia o agradecimento pelas voluptuosidades sentidas juntos, não enganadas. E disse, emergindo ao cabo dum pensamento :

— Esta noite não vás ao serão, vou lá a casa.

— Dianhos; meu tio fartou-se hontem lá de pregar, porque á d'el-rei era um escandalo, que você não casava commigo, fazia-me um filho e dava-me o pontapé...

— Teu tio é uma besta chapada

— E' meu tio, não ha de velar?

— Pois sim, mas que não seja sendeiro. Faz o que te digo, fica em casa; pelas 10 horas lá appareço.

— Para a pouca vergonha está você sempre prompto — disse ela sorrindo, e fungando como uma poldra que sentiu o macho.

— E tu, não?

Ela rompeu ás gargalhadas, e dando um passo, despediu-se :

— Até logo.

— Até logo.

— Ah! já me esquecia — tornou, voltando atraz. — A Maria Carradas quér saber se sim ou não ficamos com o cordão.

— Agrada-te?

— Se agrada! Anda meio povo morto por lh'o caçar.

— Quanto pede ela?

— Cinco moedas, que é quanto lhe davam no S. Silvestre. Diz que é por ser num aperto.

— E' de oiro fino?

— Oiro antigo, macisso.

— Bem, vai busca-lo, eu lá pago. Mas ouve, eu falo com ela.

— Olhe que se se demora, a Ludovina compra-lh'o.

— Não te apoquentes, amanhã tens o cordão.

— Adeus, lá espéro.

Norberto dispunha-se a partir de enxada e alavanca ao hombro. De bom modo disse a Isaque :

— Não largas essa rez e isso ha de acabar mal.

— Mal... porque? — questionou o irmão desabridamente.

— Tu sabes, sam umas vagabundas tanto ela como a irmã. Ninguem lhes dá aceitação. A Maria Amada essa foi já corrida de meio mundo...

— Lérias. Por serem pobres não quér dizer que sejam más mulheres.

— Não, mas sam de quem as tenta.

— Lá se viu se a Adelina te deu ouvidos.

— Bêh! Não dá porque anda o Joaquim Javardo com sentido nela, e o que quér é casamento. Talvez a não desmoçasse o Arruda?

— Olha que bisca. E' capaz de dizer que se

lançou na mãe. Bem sei que o Mões teve relações com a Maria; pouco me importa. Isso é para vocés o fazerem caso destas coisas, eu não.

— Lá farás; sustentas a mãesôna, o Amado que é um bebedo, todos. A familagem não te ha de ficar barata. Onde vais cavar dinheiro para *ustir* com as despesas? Tu não o ganhas, nossos pais não t'o dão, e não t'o podem dar porque não o têem. Roubas-lh'o? olha, assim que deitem conta ao centeio que falta na arca grande, temo-la boa. Quarenta alqueires em dois meses!...

Subiram vagarosamente o carreiro; Norberto carregado da ferramenta, Isaque das palavras do irmão e do cuidado de ter de desencantar cinco moedas para satisfazer a amante.

* * *

Com o trabalho extenuante a linha estatuaria de Norberto tinha vergado. Uma corcova representava nele todo o jogo desesperado do esforço. Era um moiro de sol a sol de quem as raparigas não gostavam porque a lide o tornára disforme e andava sempre

sujo. Apenas ao domingo lhe viam treguas as costas dobradas e os tendões formidaveis de vergalho bem curtido.

Nesses dias vestia o fato de serrobeco, lavava mal a cara, e ia para o adro jogar o fito. Ganhava quartilhos, perdia quartilhos, á custa dum ou doutro pataco esquecido sobre as mesas e caçado no vôo, ou que os fidalgos lhe davam, quando por causa de Isaque lhes ia levar as trutas da ribeira. Na manhã seguinte, o vinho bebido na véspera enliçava-o traiçoeiramente na enxerga como cordas moles e grossas. O padre, que ao despontar do sol devia encontrar a egua aparelhada para ir ao serviço, despertava-o ás tamancadas nas ancas :

— Ainda não sam horas, cagaçal? Deixa estar que a jogatina ha de te dar de comer!

Norberto erguia-se praquejando e abalava para o trabalho, emquanto Isaque dormia a somno solto, e a D.ª Dorothea aquecia a vianda dos porcos, porque logo de manhã cedo começavam a grunhir.

Como não quizessem pagar soldada nem tinham creado nem creada. Uma ou outra passára por lá uns dias . Mas o genio irritavel dos amos espavoria-as e elas partiam sem ter aquecido logar.

Chegou, entrementes, o recrutamento e Norberto foi apurado para infantaria. Foi uma tristeza na casa, porque se ia embora o bom trabalhador. Norberto, como andava farto da labuta, agradeceu a caderneta que o mandava para a capital, onde certamente a vida devia ser menos rude.

Na vespera da partida, mais em honra do irmão que dele, a rapaziada deu um descante pelo povo acima, da venda do Travanca para a venda do Rolim. Isaque, que tinha conta aberta nos taverneiros, fez as despesas. Depois, já noite, fôram pelos serões e Isaque, que estava longe dos habitos civilisados, cantou á desgarrada sobre a vióla do Caria. Naquele serão fiavam as Amadas e outras raparigas da terra. Havia dois meses que Isaque lhes não falava, porque elas tinham jurado de cortar com ele, uma vez que o padre Claro lhes fôra surprehender o tio de sociedade com os filhos a roubar-lhe a arca das ceveiras. Um dia, que tentára aproximar-se, o Amado ameaçara-o com o sacho; ele desistira. Mas como lhe faltasse femea, cançava-se a suspirar, lamentando que a gravidez que Maria lhe anunciára não existisse realmente visto que assim a teria presa. Como era uma mocetona forte

e sadia, outros lhe andavam na cóla com intentos de casar.

Os cantadores deitáram as melhores trovas e Isaque, numa voz sonora de homem bem comido e bebido, as que preparára desenfastiadamente nas horas cheias de fastio. Como era o fidalgo, todos o escutavam com atenção e o Javardo que se tinha pela melhor garganta da terra emmudeceu. O fadinho choráva na vióla entre os dedos sujos e a beiça caída do Caria e Isaque garganteou :

Porque a teus olhos daria
Deus assim uma sorte ?
Ao desafio com a morte,
Matam eles mais, Maria.

As mulheres bisbilhotáram e a Maria Amada, que percebera que a cantiga lhe era endereçada, meteu os olhos no chão. Depois dançou-se a *Caninha verde* em que os cantadores alternavam. Soturno, Norberto espiava a Amada e o irmão. Este atirou outra cantiga :

Sam negras — é bom dizer,
As penas das andorinhas,
Que co'a negrura das minhas
Não se podem elas parecer !

O Javardo pôs-se a questiona-lo em verso, mas ele não quiz retrucar. Bebia vinho como

um ôdre e metia-se na roda girante, saltando de par em par.

Um moço foi convidar a Maria Amada para a roda, ela porém recusou indo arrumar-se a um canto a fiar, de olhos baixos. Norberto volteava com Adelina e, contente de sua sorte, esquecia-se de vigiar o irmão. Os fados alternavam com as dansas; o fado da Anadia trouxe a reboque a canção : *oh! D. Carlos de Bragança*, e por muito tempo se bateu a *chula*. Isaque cantou novamente, defronte da Maria Amada que enchia a massaroca :

Fiandeira, ruim hora
Em que te fiei meu carinho,
Enquanto fias no linho,
Meu amor em fio chora.

A viola plangeu e a Maria Amada suspirou tam alto que Isaque se apercebeu. E todos notáram que ele havia recuperado a alegria, mas não saberiam dizer por que ventos. A um canto Adelina deixava-se palpar por Norberto e isso fazia-lhe esquecer todas as juras da terra.

Era já tarde quando o descante se desfez; Isaque sumira-se e Norberto entrou sósinho em casa. Ia cheio de Adelina, dos beijos que lhe poderá furtar e isso impedia-o de dormir.

Assim, mal os galos cantáram, saltou da enxerga, foi renovar a mangedoira da égua e começou a pôr em ordem a troixa. Embrulhou as camisas e num lenço, em cujas pontas havia bordada a retroz vermelho uma quadra de amor, atou os seus seis tostões em nikel; em seguida meteu tudo numa bolsa de chita e de mansinho foi bater á porta onde dormiam os pais.

Eles já estavam a pé e o padre Claro pigarreava alto, fumando o cigarro. O *Moiro* veio, percorreu a casa farejando, e assentando-se sobre o trazeiro bocejou e uivou. O pai perguntou-lhe em voz rude, fitando-o muito, o que nele era indicio de comoção :

— Entam, prompto?

— Prompto; é só aparelhar a egua.

— Bem, vai tirá-la cá para fóra. E quem vai contigo até a vila?

— O Tonsinho. Vou chama-lo e depois aparelha-se.

As vozes e os passos retiniram sob o toldo refrangente do céo gelado. Era no inverno e as aguas nos comoros choravam. O padre pôs-se a aparelhar a besta. Meio oculta na treva, a mãe estendia o braço com a luz, erguida ao alto. O padre Claro dispôs os alforges em aparatoso equilibrio, emquanto

o Tonsinho e Norberto tiritavam. Depois deitou a gualdrapa de pele de vitelo pór cima e afivelou a cilha.

A um aceno de Dorothea meteram para dentro de casa, a fim de que os rapazes engolissem uma bucha e um trago de aguardente. Havia na sala uma atmosfera consoladora de agasalho. E Norberto, afagado, começou a sua loquela de aldeão.

A mãe, entretanto, trouxéra o açafate e sobre a tampa voltada serviu pão, queijo e azeitonas e dois golos de aguardente no fundo verde duma garrafa. Os porcos, sentindo passos, começaram a grunhir e ela disse :

— Aquelas almas estam sempre promptinhas para comer.

Alumiando sempre e teimando com o Tonsinho para que se servisse fez as suas recomendações, d'olhos no filho :

« Tivesse muito juizo, nada de maluqueiras se queria chegar a ser um homem. Deixasse-se de camaradagens que sempre vinham a dar em droga e de fumar, que o fumo era bom para os peralvilhos. »

O padre tossia, sorvendo o cigarro a grandes goladas.

« Juisinho, que ninguem as deita em saco roto. E aos superiores, aos comandantes,

fôsse sempre obediente, não existisse um argueirinho por onde eles lhe pegassem. Todas as manhãs, não se esquecesse de se recomendar á S.ª do Livramento que o livrasse das más horas e dos maus repentes. Tres meses passavam depressa e 50:000 rs sempre se haviam de arranjar para resgata-lo. As matanças ainda estavam longe, mas a chouriça da carne lá lhe ia ter, se tivesse tento na bóla. »

As recomendações dela correram durante muito tempo. Norberto escutava-as, cabisbaixo, a vista cravada na toalha sobre duas moscas friorentas que voltejavam.

Logo que os rapazes acabaram de trincar a ultima dentada, o padre Claro foi á porta escrutar o horizonte. E volveu a dizer que eram horas, se queriam botar á vila antes do carro da carreira ter abalado.

D.ª Dorothea perguntou se não se esqueciam de nada. Norberto circunvagou o olhar numa operação remissiva de memoria, palpou a carteira de coiro, verificou que levava a navalha e o lenço d'assoar.

Faltava-lhe ir ao quarto do irmão dar-lhe um abraço. A mãe, por curiosidade, acompanhou-o. Mas o leito estava feito, sem sinal de se terem deitado nele. Norberto

comprehendeu e Dorothea desatou em exclamações :

— Aquela alma perdida não dormiu em casa. Já por lá anda metido de novo com a Amada. Olha que amor te tem, nem um abraço te veio dar, meu filhinho...

Norberto calou-se; de semblante dorido, a voz a tremer-lhe, o padre perguntou :

— Entam não dormiu em casa?

— Não, meu senhor. Já se meteu outra vez com a porca tinhosa.

— E' um desgraçado.

Dorothea inquiriu :

— Quando hontem andaste pelos serões, ele falou-lhe? Fala franco.

— Não, não vi?

— E tu Tonsinho?

— Tambem não vi, sr.ª D.ª Dorothea.

— Pois onde havia de dormir, senão em casa dela! Foi garrafada que lhe déram a beber.

— Trata de te aviar — disse o padre em voz cada vez mais tremula e sentida — que o carro não espéra.

E, chamando-o de parte, deu-lhe dinheiro :

— Aqui tem para o caminho. Não tenho mais, mas todos os meses lhe mandarei. Vá com N.ª S.ª

Norberto meteu a chorar os 3:000 rs no bolso. De voz artificiosamente desenganada proferiu :

— Tres meses passam depressa.

Fóra, a neblina esfarelava-se em gôtas brandas e finas. O nascente acalentava uma vaga promessa de luz. Via-se já luzir a espinha dos telhados. O Tonsinho saltou para cima da égua, em seguida Norberto. Tocaram; o pai gritou-lhe :

— Não pedes a benção a tua mãe, malcreado?

Não estava habituado a despedidas e ficou confuso. Mas engatilhou as mãos para a mãe que estava sobre a calçada, ao lado dele. Coberta de lagrimas, ela abençoou-o e metendo-lhe a mão no colete, acrescentou num sópro :

— Péga, é pró vinho. Olha que fui vender os ovos da pedrez para te dar.

A égua abalou e os dois velhos fôram até atraz das casas vê-los partir. Ela chorava e o pai dizia :

— E' para o que a gente os cria ! E'para o que a gente os cria !

* * *

Nessa tarde Isaque Claro sentia toda a voluptuosidade de viver. A primavera, o amor e a força andavam em volta dele como tres creadas de servir. As seáras estavam altas como bengalas e era o tempo das romarias e dos arraiaes. Decima das cerejeiras as raparigas debicavam as cerejas, de pernas a escorrer por entre os ramos, e por sobre as paredes das hortas os mostajeiros estendiam sua baga oriental.

Isaque, como todos os ociosos deste mundo, tinha o faro apurado para as estações, e nada o encantava mais que os dias de sol em que a figura dos homens nos caminhos se nimba de tons velasquenhos e a melancolia é varrida da fisionomia das coisas. Andava satisfeito, além disso, no amor proprio: o rapaz que lhe cortejava a amante atirára-o pela porta fora aos pontapés; a Maria Amada, volvidos dois meses de ruptura, voltára a ser a amante apaixonada calida, e rendida agora á força do macho. Mas acima de tudo saboreava a revolução muda que involuntariamente provocára no animo de Adelina. A

mulher acordára nela perante a mal disfarçada voluptuosidade que se vivia ao pé e as multiplas manifestações de seu ardor d'homem. A inveja e o ciume estremeciam a cada palavra na bôca da rapariguita; se ele aparecia coráva e ficava a tremer como um vime todas as vezes que com Maria se encerrava na Casa de Cima. Uma vez fôra surprehende-la a chorar e sob seus afagos acabára a rir num riso nervoso, seco, de histerica. Entendedor da psicologia feminina-Isaque palpitava de todos os palpites daquele sangue revolto. E a imaginação enliçava-se-lhe no gôso sonhado duma preversão; e pensava, fazia uma destas reflexões superficiaes que acodem automaticamente, que nem sequér sam importunas e se esvahem como os sons no ar: duas irmãs, é o diabo, como me aguentarei entre ambas?

Interpretava assim, limpando a caçadeira, quando a Maria Carradas apareceu a passos de féra:

— Muito boa tarde; venho buscar o dinheiro que ainda me deve.

Isaque ergueu-se para a puxar para um canto donde os pais não ouvissem. Em voz desabrida ela retorquiu:

— Se me tira de parte para se desculpar

perde o tempo. Quero cá o meu dinheiro, o mais é nisga.

— Quem lh'o nega, mulher!

— Quem m'o nega e vai em quatro meses para me dar uma bisborria. Homens, até parece proposito.

— Socegue, vai-se-lhe pagar. Quanto devo?

— Nem você sabe quanto me deve? Vá, pergunte á sua amiga quanto me deu...

— Deu-lhe 7:000 rs, não é verdade? Restam 14:000 rs, amanhã ou depois lhe serão entregues.

— Quero-os aqui já, cantigas não enchem barriga. Que séca! Raíos partam o cordão e a hora em que tive a ideia de lh'o vender. Olhe sr. Isaque, quem não tem bôda não roga gaiteiros. Muito tôla fui eu em me fiar em si e mais na sua favelca.

— Cale-se, mulher. Já lhe disse que o mais tardar depois d'amanhã recebe o dinheiro. Os negocios nem sempre correm...

— Não me importa, quero para cá o dinheiro.

— Não o tenho aqui como lh'o hei de dar?

— Ai sim! vou-me queixar ao sr. Padre Claro...

A Maria Carradas deu uns passos resolutos

para a escaleira; Isaque num repelão sacou-a para traz. Intimidada, tornou:

— Pois olhe, torne-me o cordão, porque me não torna o cordão?

— Agora é impossivel. Eu pago-lhe, já lhe disse. Era feio tira-lo á rapariga; que não diriam para ahi?

— Mais feio é roubar e não pagar a quem se deve!

Isaque rangeu os dentes, de coléra, do sentimento de sua fraqueza, vendo-se espremido nas mãos grosseiras daquela mulher:

— Juro-lho pela minha boa sorte...

— De juras estou eu farta.

— Juro-lh'o pela vida de meus pais; quér mais?

— Mas oh! senhor, porque me não ha de tornar o cordão, se eu restituo-lhe os 7:000 réis que cá tenho? Onde não ha el-rei o perde!

— Que havia de pensar a rapariga?

— Que havia de pensar? Mande-ma para o inferno. Se ela lhe quér bem será a primeira a desatar o cordão do pescoço.

— Nem todos sam como vocemecé, senhora Maria Carradas.

— Não sam, não, se fossem não vinha tanto mal ao mundo.

Houve uma pausa e Isaque comprehendeu

que a mulher abrandava. Calculadamente instou :

— Tenha paciencia, amanhã ou depois lá lhe levo o dinheiro. Verá como é desta.

— Quantas vezes m'o repetiu.

— Agora é de vez.

Outro silencio ; a mulher olhava o chão, reflectindo :

— Mas porque não larga essa mulher? Largue-a. Ora eu a prender-me com tretas. Não, não quero cá saber... Vou ter com o sr. padre...

Isaque voltára a limpar a caçadeira e não pôde impedir que a correr ela subisse a escada. Lá em cima á porta verde, entre-aberta, gritou :

— Sr. reitor, sr. reitor !...

Dentro de casa soáram passos, e a S.ra D.a Dorothea respondeu :

— Quem chama? Ah ! é a S.ra Maria Carradas. O Sr. reitor não está, foi dar um anjinho á terra. Se é recado que eu lhe possa dar...

A Maria Carradas parou indecisa, depois encarando Isaque interdito ao fundo do pateo, proferiu :

— Entam eu volto quando ele estiver.

Em baixo, a sós com Isaque, disse :

— Espero até depois d'amanhã pela manhã-

sinha; dentro deste praso ou me dá o dinheiro, ou entro em posse do cordão, ou faço grande escandalo. Depois não se queixe. Lá espero até manhãsinha!

Anuveou-se o espirito de Isaque e num rapido exame de consciencia reconheceu quanto era nojenta a sua situação; dos dois destinos, ele representava na familia o destino dos inuteis e dos maus; Norberto o dos oprimidos, de Caim. Mas a sua preversão era muita, e pouco solido o seu remorso para voltar para traz. Nessa noite, na friorenta e voluptuosa Casa de Cima Isaque dormiu todavia mal. Manhã cedo, ainda o campanario não tinha tangido, saltou da cama:

— Onde vais tam cedo? — perguntou Amada de goela pastosa.

— Vou a casa, porque o filho do capitão ha de lá aparecer para irmos caçar. Ao meio dia estou de volta.

Lavou-se numa almofia que estava por terra e, como não visse toalha, perguntou:

— Maria, onde me limpo?

— Limpa-te á fralda que vesti hontem.

Enxugou-se a regougar, mal humorado, e foi beija-la em despedida:

— Adeus.

A Amada passou-lhe os braços em volta

do pescoço e curvando e tirando as pernas dos lençoes cinchou-o :

— Não; deixa-me!

— Quem te péga??

Isaque arremessou-a, num gesto de saciedade, contra a parede e abalou.

Rompia a madrugada e na paz morta dos seres e das coisas os campanarios de seis aldeias falavam uma linguagem alta e religiosa. Nos estabulos um ou outro chocalho chocalhava. Detraz da esquina da casa esperou que os pais saissem para a missa; primeiro apareceu o padre, tropego, dobrado, de batina, o calice debaixo do braço numa bolsa suja de chita; depois veio a mãe, embrulhada no chaile preto de todos os dias, a tamancar.

Assim que desapareceram no cotovelo da rua, entrou no quintal e dahi, escalando a janela, penetrou em casa. Depois, rapidamente, com o podão com que o pai aparava as videiras, fez saltar toda a parte superior da mesa em que costumavam arrecadar o dinheiro. Ficavam-lhe assim escancaradas as tres gavetas. Procurando entre os papeis encontrou a caixinha vermelha onde o padre metia as notas e as moedas de prata; a caixa porém estava vazia. Revolveu os

papeis, mas inutilmente. Nas outras gavetas havia malgas de marmelada, mécha para petiscos e toda uma correspondencia de anos. Um a um examinou os envelopes não escondessem alguma nota, tambem debalde. Entre os papeis encontrou cartas suas, dos directores dos colegios por onde passara, um retrato seu. E começou a ler as que lhe pareceram desconhecidas. Uma delas era de Norberto datada do regimento e rezava assim :

« Meus queridos pais, lanço agora a mão á pena para lhes contar a minha triste vida. Saberão que tive oito dias de calabouço por ter rejeitado o rancho em que encontrára bichos. Só me déram pão e agua e todo o tempo levei a chorar, não tanto pelo mal que me faziam que pelas saudades que entam me viéram da nossa casa. Meus queridos pais, vejam se me arrancam a este degredo senão mato-me. Os sargentos sam verdadeiros cães e os soldados estam sempre á troça comigo, porque sou marranica e não sou fôrma do pé deles. Um dia destes, emquanto fazia guarda ás cavalariças, arrombaram-me o bahú e urinaram-me dentro. Tinha lá o resto dos dez tostões que me mandáram e mesmo esse me levaram. Fui-me queixar ao tenente, mas ele pôs-se a rir e a mangar

commigo, e mandou-me embora. Eu não os posso aturar ainda que me desfaça todo para os ver contentes. Sei bem o exercicio e na carreira sou dos que melhor acertam no alvo. Mas isto pouco vale, porque não sou bem falante, nem faço vulto ao pé dos alfacinhas. Estou a escrever com os olhos rasos d'agua emquanto não chega o meu quarto. Mandaram-me dizer que *o Moiro* estava surdo; coitadinho, não o mandem matar que tam fiél éra e tam amigo da égua. Eu teria muita pena se fizessem mal ao pobre animal ainda que não ouça, nem seja lampeiro como nos bons tempos. Saibam que aqui encontrei um condiscipulo de Isaque; contou-me muitos anedoctas dele e que era muito espérto, mas ás vezes com pouco miôlo. Sempre lhe arranjaram emprego? Se ele ainda anda metido com a Amada deixam-no lá que o dia de relego ha de chegar. Dêem-me novidades da terra e façam muitas visitas a quem por mim perguntar. Mandem-me dizer se o Javardo já casou com a Antonia Borralha. Deitem a benção a este seu filho Noberto Claro.»

Isaque dobrou a carta, repôs os papeis no seu logar e disfarçou com arte o arrombamento da escrevaninha. Duas augustias lhe cerravam a garganta: a frustração de seus

esforços para encontrar dinheiro e a hediondez de seus actos perante a dor simples de Norberto junta á tristeza que cobria aquela casa como uma mortalha de defuntos. Mas de que modo quebrar o destino? Como todos os seres rebeldes á lei das coisas tinha a curiosidade de viver. Mais que o gosto de viver tinha a curiosidade de viver. Viver para ver os homens, as loucuras, as republicas, as estações, para se sentir nas infinitas modalidades da terra. Este instincto, ajudado do pessimismo sorridente que considera o tudo como pó, o tudo como o musgo do nada, passageiras a virtude, o vicio, as emoções, sustinha-o á beira das resoluções vigorosas. O pensamento nele era profundo mas rapido. Levantava a poeira violenta dum tropel de cavalos numa estrada de verão e desaparecia. A propria dita de se sentir sentindo lhe fazia volver o rumo das ideias.

Num minuto revolveu até as fézes a porcaria de sua condição. Viu-se o parasita do pobre velho, o ladrão de Noberto, a lagarta doirada daquela pobre casa. Um minuto para voltar a si, ao seu pessimismo confortavel, preocupado apenas com a perspectiva dum escandalo e a exauctoração publica em que fatalmente perderia a Amada.

Nesse dia, tendo percorrido a escala dos expedientes, gisou um plano arriscado e dificil. Se o pai não tinha o dinheiro na gaveta é porque o trazia com ele.

Como chegar-lhe, se não largava a carteira e dormia com ela debaixo da almofada, escarmentado das gatunices?

Antes que os pais déssem graças a Deus depois de cear, esgueirou-se da cosinha e, cautelosamente, foi meter-se debaixo da cama do pai. Ahi esperou uma boa meia hora, estendido sobre o sobrado, acalentando a esperança de resolver o grave problema. O pai veio por fim, resmungando, praguejando contra a egua que não comia o feno e estava fidalga, e contra a mariolagem de Isaque, e começou a despir-se. Apenas lhe via as pernas mirradas e secas como cabos de faca. Ao cabo dum quarto d'hora o padre Claro estava na cama, fumando. A mãe veio dar-lhe as boas noites e perguntar :

— Tem roupa bastante ?

— Está bem.

Uma longa hora havia decorrido e só se ouvia a egua mascando na loja. A respiração do velho sibilava. Isaque arrastou-se, entam, como um lagarto debaixo do leito, reprimindo o folego ao mais leve estalido das velhas ta-

boas do sobrado. E ajoelhado, subtil, insinuou a mão sob o travesseiro. Sua mão fina e preguiçosa, destas mãos afiusadas de parteira, sondou, passeou, divagou, emquanto o coração lhe batia um galope louco de cavalo. A carteira foi harpoada. Folheou-lhe as bolsas, enxergando como se tivesse olhos de nictalope. A velha carteira guardava quatro notas de mil reis, não mais. Descoroçoado, assaltado novamente duma onda confusa de sentimentos quedou-se indeciso; resoluto, em fim, tirou as quatro notas e meteu-as no bolso. Docemente, com mais decisão mas não com menos prudencia, colocou a carteira estripada no seu logar. O pai pigarreou e a alta e antiga cama de cerejeira rangeu dolorosamente. Ele suspendeu-se um instante, e de rastos, como um ladrão consumado atravessou o aposento escuro, a sala, o seu quarto, abriu a janella e saltou.

* * *

Isaque correu a fechar a boca da Carradas com os 4:000 reis; ela, como era uma boa alma e sentia a consumição do moço, concedeu mais um praso de 24 horas. Estava um dia reman-

çoso, sem vento, e como não haveria perigo de incendio, a Sr.ª D.ª Dorothea lembrou-se de fazer a barrela, que estava a roupa a encardir nos cestos ha muitas semanas. Para isso chamou uma afilhada que morava a dois passos, e a fogueira foi acesa no alpendre onde havia mais espaço que na cosinha e a lenha estava á mão de semear. A's dez horas o fogo chispava e nuvens densas de fumo esfarelavam-se atravez da telha vã. Já fervia a dupla fila de potes e panelões quando D.ª Dorothea chamou para a mesa. O almoço foi silencioso breve e Isaque não provou garfada.

Ao levantar, Isaque perguntou ao pai se podia ir a Forles a cavalo. Como ele não tornasse resposta, cavalgou e desapareceu na estrada romana entre os pinhaes immoveis. Os manos Isidros receberam-no afectuosamente, déram-lhe muitos conselhos mas não dinheiro. Cheio de desespero, entrou em casa quando o pai lavrava o obito do anjinho, dado á terra na vespera. Como era muito edoso, a mão tremia-lhe em sacolões nervosos e cada palavra levava-lhe tempo immenso a escrever. Além disso a letra era miuda e humilde como anotações de monges nas margens dum relicario

— Quér que lhe lavre o assento? — perguntou Isaque, comovido.

— Não, senhor.

Isaque foi sentar-se meditabundo na saleta de jantar. A mãe, mal o viu, teve dó dele que não almoçara, e apressou-se a servir o jantar. Quando o padre entrou, os vapores da sôpa evolavam-se voluptuosamente das malgas de rustica faiança. Não obstante o bom caldo de feijão branco e o farto salpicão de lombo, Isaque absteve-se como pela manhã de tocar nos pratos. O padre, á sobremesa, perguntou :

— Entam não come?

Sem levantar o olhar semi-morto da toalha, respondeu :

— Não, não tenho apetite.

A mãe questionou a seu turno :

— Quer que lhe faça alguma coisa? Que tem, senhor?

Isaque despediu um mau sorriso, por entre dentes.

— Lá se arranje — tornou ela — já não está em idade de se lhe fazer a papa.

O padre continuava o registo quando Isaque se acercou resolutamente :

— Tenho uma coisa grave a communicar-lhe.

O velho nem pestanejou.

— Muito grave...

Ele continuava a sua caligrafia dificil e laboriosa.

Isaque rangeu os dentes :

— Escuta-me, ou não me escuta?

A pena tremula cantava : *enterrado no cemiterio desta freguesia...*

Isaque deu um salto sobre ele e paralisando-lhe a mão disse tôrvamente :

— Ha de me ouvir!...

O velho olhou-o de face e, com a voz a estalar de colera, lançou-lhe :

— Oh! malvado, já nem o pão me queres deixar ganhar?

Isaque largou-o de arremesso e saindo á sala escreveu :

« Sou um desgraçado mas a minha desgraça vai ter fim. Devorei-lhe quatro contos de reis e hoje vou matar-me por causa de 10:000 reis. Sim, vou matar-me; hoje á noite, se não tiver restituido 10:000 reis que me emprestaram, dou um tiro na cabeça. E' quasi comico que uma vida dependa duma tam fraca contingencia. Meu pai, meu pai, salve-me, arranje-me este dinheiro; eu queria ainda viver, ser bom, ser util. Meu pai, lave-me da vergonha e serei outro. »

Escripto o bilhete, foi com uma certa fatuidade romantica pô-lo deante dos olhos do pai e saiu a ver a lixivia para dar tempo a que uma resposta raciocinada lhe fosse dada. A agua fervia em cachões nos potes bojudos de dois almudes. Nas panelas esgrouviadas o vapor cantava. O brazeiro aquecia o alpendre todo.

Narcisa ia e vinha, suando agua, rubicunda e alegre.

O velho, feito o assento, desceu as escaleiras, e de sacho na mão foi-se a mondar os batataes onde ferretes de esmeralda despontavam. Isaque correu ao escriptorio e por baixo de sua suplica encontrou a maxima jocosa: « *Qui lavat asinum perdit aquam et saponem.* »

Perdidamente começou a soluçar sobre a sua desdita. Caia a noite, uma noite suave e negra. Lá fóra a fogueira chamejava, alimentada de novo para a segunda agua.

O padre entrou, fazendo chocolhar os tamancos; Isaque correu-lhe ao encontro. Em voz submissa interrogou:

— Que resposta me dá?

O pai abanou a cabeça, franziu os labios num esgar mirrado:

— Ainda tem a desfaçatez de me pedir dinheiro?

— Escuso pois de contar...

— Dinheiro que eu tivesse que não era você que m'o larpava. Antes gasta-lo em rosalgar...

— E' a ultima vez que lh'o peço.

— Já disse, não o tenho, mesmo tendo-o não lh'o dava.

— E' possivel que o não tenha, mas autorise-me a ir pedi-lo a alguem?

— Pedi-lo, peça-o a quem lhe apetecer. Que tenho eu com isso?

— Mas em seu nome; bem sabe que a mim não m'o emprestam...

— Pois arranje-se — proferiu, dando uns passos para a janella. — Não está farto de me roubar? de me tirar as sarápas ?

— Bem, tenho entam de acabar com a vida?

— Acabar com a vida, ah! ah! ah! um homem que nunca teve dignidade! Acordou-lhe tarde a honra.

— Não me insulte; ninguem tem nada que me jogar á face...

— E os latrocinios continuos que tem cometido neste casa? e as offensas a sua mãe, e as pancadas que lhe tem dado? E a exploração sordida de seu mano? Não lhe podem jogar isso á face?

— Podem, embora metade do que diz não seja verdade. Mas na sociedade, no publico, ninguem me poderá imputar a mais leve mácula.

— Vadio; melhor fôra tê-lo estorcegado ao nascer. Mariola!

— Meu pai, dê-me os 10:000 rs. Para que ha de deixar dar cabo de mim por uma bagatela...

— Excusa de teimar; não tenho dinheiro, mas tendo-o não lho dava.

— Pela alma de seu pai, não me abandone...

— Mas que rála. Não o tenho...

— Deixe-me ir pedi-lo emprestado...

— Quem lhe péga...

Isaque reconheceu a decisão inabalavel do pai. Ele, tam fraco e tam bom, não se rendia á evidencia da sua angustia.

Lentamente a coléra subia-lhe no peito, fazia-lhe trepidar as arterias como o motor duma maquina afadigada. A' ideia de que se via em embaraços por uma coisa, infima como uma agulha e insuperavel como um infinito, o desespero sufoccava-o.

— O sr. não é pai nem é nada; o sr. é um monstro de crueldade

— Isso, isso, sou um monstro...

— E' um monstro, é. Vê-me aqui a seus

pés como um farrapo e não tem comiseração.

— Já-lhe disse que não tenho dinheiro...

— Mande pedi-lo... — gritou Isaque num arranco.

Humildemente, dir-se-hia que tomado de medo, o padre retorquiu :

— Pedi-lo... se você me arranjasse 50:000 rs. para remir Norberto?...

— Roube-o no cofre das almas... Não é certamente a primeira vez

— Malvado, Deus te dê mais que o que eu furto ás almas. Não comias um almoço

— Ata ou desata — tornou o filho exasperadamente.

— Já lhe disse, não tenho dinheiro, ha muito que não tenho dinheiro...

— Quér entam o meu suicidio?

— Nem quero nem deixo de querer. O sr. já tem idade para ter juizo

— E não ha de ter pena? — interrogou ele numa voz escarninha. — Não ?

— Não venha ele outro mal a minha casa.

A mesma voz chocarreira, alucinada, tornou :

— Entam ha muito que não vê dinheiro?

— Assim a benção de Deus me cubra.

— Ah! ah! ainda por cima é perjuro... Isto é que é um sacerdote exemplar!

— ?

— Entam esses 4:000 rs que traz na algibeira?

O velho levou a mão ao bolso e arrancando a carteira, num abrir e fechar d'olhos, reconheceu o roubo. Dum salto e com garra formidavel atirou-se ao pescoço do filho :

— Ah ! ladrão ! ladrão !

Isaque não pôde furtar-se e roláram no chão abraçados. A luta foi cega, feroz e rapida. Quando Isaque se safou debaixo do velho ele caíu para o lado, inerte.

Os olhos saíam-lhe das orbitas, um fio de espuma pendia da lingua pendente. Os dentes negros arruaçavam

O moço lançou em tôrno um olhar desvairado, sacudiu o velho freneticamente :

— Pai ! pai !

E numa carreira louca atravessou o aposento, desceu a escada. Uma abobada de breu cingia a terra. O alpendre irradiava como um inferno. Dum pulo projetou-se na fogueira entre os carvões incandescentes; os potes de dois almudes caíram de bôrco, as panelas quebraram em mil astilhas. Com a carne assada, os cabelos e o fato a arder como um archote, correu na noite, uivando um uivo que atemorisou cinco aldeias.

A REVOLUÇÃO

A REVOLUÇÃO

A familia Contim e a familia Zorn moravam face a face no mesmo eido. Os Contins eram morenos e de estatura delicada, e neles latejava todo o ardor e espirito imaginativo do sangue hispano-arabe; os Zorn eram membrudos e loiros, e possuiam toda a resistencia e genio emprehendedor das raças germanicas. Havendo entrelaçado os filhos, era uma geração saudavel e esbelta que floria.

Os Contins eram lavradores e os Zorn tecelões. Uma vida intensa animava o eido; entre o mascar das charruas na terra e o riçar roufenho dos pentes, o enxame dos filhos chilreava. Eles eram as borboletas, voejando descuidosas á beira da grande dôr.

As duas familias viviam fartas e mimosas. Cincoenta anos haviam decorrido sobre o cataclismo que esboroára o velho continente e o instincto da acção revivificara-os. Já não eram as sombras alucinadas, cuspidas ao cimo dum monte pelo mar; o cimo do monte,

afeiçoado á vida, era agora a ilha verde que os navios e os avejões procuravam em suas rondas; e eles haviam sacudido o esmorecimento e a nausea de sua condição humana, tam fragil e tam mesquinha.

Já voltavam a correr, sem terror, o oceano que engolira mil cidades orgulhosas e cujas ondas apareciam ainda enrolando-se em despojos ilustres, mantos de rainhas e bandeiras de nações.

Da terra europea emergiam apenas os cumes das montanhas e os altos planaltos. Mas em cada um a vida, crispando-se encarniçada e misteriosa, se desenvolvera como uma herpes feroz. E eram á superficie das aguas canteiros opulentos da vontade humana.

O capitulo sem fim da vida continuava, recobrado do desalento. Eles e os outros povos haviam reatado relações por cima de milhares de leguas de distancias. E o planeta e as raças continuávam a rolar monotonamente.

Se o cataclismo, porem, deixára os homens na posse de todo o patrimonio da humanidade, as consciencias haviam sido abaladas até os fundamentos. Insensivelmente tinham renunciado a manter de pé o edificio social dos tempos. A fatalidade universal fizéra-lhes sentir sua garra impiedosa; e a noção dela e

a do transitorio gravaram-se-lhes profundamente na alma. E, despidas em suas formas vadias de abstractas, passáram a conduzi-los e a ensina-los.

Ensináram-lhes que eram bem mais iguacs do que não pareciam; que as diferenças entre eles eram uma poeira ociosa em face do grande enigma do principio e do fim; e que era uma ilusão cruel fundar a lei do progresso na estrema d'homens entre homens. A força misteriosa da vida determinava, ela só, a luta, a constancia e a aspiração sempre perseguida e sempre renovada.

A dôr nivelara-os; varridos para as cristas dos rochedos haviam jogado com faculdades diversas, e talhando e aperfeiçoando uma existencia, repartiram-na igualmente entre eles. Distribuida doutra forma, para nenhum seria mais ampla, nem mais afortunada. Porque reconheceram que o excesso não é a fartura nem o mal duns a felicidade doutros. Dentro do existente não ficava campo aberto ao desejo nem lacunas á necessidade. Se é voluptuosa a riqueza que se sente, não é riqueza o superfluo que se enthesoira.

Irmanados, todavia, na condição, eles corriam atraz «do melhor» como os magos atraz da estrela; e a experiencia mostrou-lhes que

o progresso é menos uma força da vontade que uma força do instincto, e que suas tendencias decorriam não do ser « desigual » mas do ser « racional », da forma superior, mesmo, da vida.

Uma renovação moral resultára da catastrofe, como outróra das guerras saía por vezes o rejuvenescimento dum povo. Era um outro ciclo e um outro credo. Em todos os pontos não engolidos pelo mar a mesma simplificação se operára. E nos continentes, atravez das nações, a ideia arrasava tronos e republicas.

* * *

As duas familias trabalhavam incansavelmente sem sentir cansaço e sem, policia nem Anjo da Guarda, a serenidade andava com eles. Zorn, que era um velho sabio, havia aludido á redacção dum codigo para governo das gerações. Mas os anos tinham rolado sobre os dias e ele sem pôr a primeira pedra daquele projetado edificio de sapiencia. E, quando seu espirito a ele volvia, pensava : a melhor lei é a lei da vida; nossa consciencia elevou-se já muito para necessitar de pressão; o homem é senhor de si.

E, crente na integração harmoniosa das duas forças, acção e consciencia, deixava expandir a vida, latejar a paixão livremente. E seus filhos não eram degenerados, nem gatunos, nem tinham a aversão do esforço. Expontaneamente, quando os musculos lhes começavam a ser rijos, buscavam o trabalho, curiosos, ardentes, conduzidos pelo instincto da beleza, da saude, do encanto, que havia nas faculdades humanas em fogo. E faziam-no tam voluntariamente como os andorinhos catam os insectos na primeira revoada pelos ares.

Zorn, satisfeito, via corroborar-se que a luta é uma das condições intrinsecas do ser e que a perfectibilidade é um atributo necessario da razão. E que estas forças, independentes de toda a circunstancial, envolvem o problema inteiro do progresso.

Os filhos educavam-se, instruiam-se, repartiam-se em carreiras varias, não prejudicando ao pé de egualdade em que assentava o eido. E sem jurisprudencias, os irmãos eram fraternaes e os homens já não eram cães uns para os outros. Haviam-se lavado na grande noite e no grande mar que subvertera o continente; e seus corpos eram tam puros como suas almas.

Ora aconteceu que num daqueles dias, a velha mãe Contim encontrou Rosa, a neta, enlaçada num abraço creador com José, o filho mais novo de Zorn. Pé ante pé afastou-se para não perturbar suas felicidades, e foi dali contar que Rosa era mulher porque amára. À noite, o pai interrogou-a, e sem rebuço ela contou como se passára a grande iniciação á vida. E mostrava-se ufana, exuberante em pormenores de dôr e de voluptuosidade, daquele passo que tanto ouvira celebrar ás outras mulheres.

Contim convocou a familia Zorn e, reunidos todos, beberam á puberdade que acabava de declarar-se em seus dois filhos. Rosa e José beijavam-se festejados da cordial republica. E antes de se separarem, Zorn, sabio e doce, falou ao terno rebanho. Silencio; apenas de tempos a tempos, quando a voz dele tocava na cegueira dos homens ou numa ternura calcada, um beijo tilintava entre os amorosos, de horror pelo passado, confirmando o presente.

*
* *

« Meus filhos : Em tempos que não vam longe o mundo não era positivamente uma

coisa deleitavel. Sem duvida, havia lá horas boas, os beijos, triunfos, revelações de beleza, mas estavam tam cercadas de precipicios e de angustias que o espirito para atingi-las expendia um esforço ao lado do qual elas se apresentavam futeis e mesquinhas. Dahi o chamarem-nas ilusões e volver-se em desdem o ardor havido em conquista-las. O lado mau da vida era o mais amplo, aquele em que se tropeçava se o olho não estava alérta. Passar na vida requeria tanto tacto como atravessar um bosquedo onde os leões dormem. Um descuido, una imprudencia, as palpebras duma féra que se abrem mau grado nosso, e é-se immolado.

A ordem social era este bosquedo que os homens atravessavam. Passar entre as féras sem ser arranhado era a grande sabedoria.

Se os homens antes de vir á luz tivessem o sentimento de seus destinos e a faculdade de ser ou não ser, a Terra seria um logar vazio e inerte. Mas, achando-se na vida, uma serie de circunstancias levava-os a tomar posição nos dois campos : os que mandavam e os que eram mandados. Todas as ancias giravam em torno desta dualidade. As revoltas faliram; o egotismo era mais forte que o sentimento e que a razão. Apenas ficava de livre e de neu-

tral o riso. O riso, sim, dava uma sombra de felicidade na terra. Rir de seus semelhantes era saudavel e num mundo de intolerancias quasi tolerado.

Simplesmente corria-se o risco de estoirar ás gargalhadas. Vê-los por fóra, embainhados em seus vestuarios macabros, como punhaes, era o grotesco; surprehende-los na teia complexa do pensamento, como aranhas, era de lhes escarrar em cima.

Rir era pois a unica função apreciavel de todos os espiritos de eleição; mandar o estado recomendavel a todos os cerebros intiligentes. Meu pai era um audaz industrial que explorava uma fabrica de canhões em Essen e grandes teares no Brandeburgo. Eramos dez irmãos e graças á previdencia paterna, destinados a mandar. A nossa signa foi diferente aqui da do nosso Contim — accrescentou Zorn, sorrindo.

Contim, abanando a cabeça, confirmou aquelas palavras :

— E' verdade; meu pai era feitor dum mylord que comprára meia provincia em Portugal. Eramos seis rapazes e duas raparigas e desde meninos regamos a terra dum suór ingrato.

— Pois nós mandavamos, inundando a

terra de nossos metaes e de nossos tecidos. Tinhamos a soldo um exercito d'homens, ou melhor tinhamos em nossas mãos um feixe de destinos. Conhecemos o poder do oiro; sentimos a alegria barbara de dominar e de esmagar; a furia das gréves alvoroçou-nos o somno com o incendio de nossos palacios; por nosso turno, para manter a alta, rumas da superproducção flamejáram, d'acordo com os *trusts*, na explanada de nossas fabricas. Havia rotos no mundo, sim, mas que importava se nós estavamos na brécha, ao assalto do oiro, do dominio? As gréves, que aterrorisavam o espirito inquieto de meu pai, eram sempre inconsequentes. A terra, devido á fartura até o arroto duns, pululava de esfomeados que só pediam que os escravizassem. Os revoltosos eram, assim, dizimados como as espigas mais altas que as aves não deixam aloirar.

Dizer-vos o que era o mundo? Misturai num almofariz a inveja, o odio, a fome, o amor, a força, o oiro, a mentira, o sangue, a voluptuosidade. Agitai, triturai, confundi atomo a atomo. Olhai o todo : eis o mundo; retirai uma areia eis uma alma. Era o cahos e fragmentos deste cahos tinham a mentirosa aparencia de harmonias. A politica era a sereia

que embalava as revoltas; as religiões o narcotico que adormecia as castas.

A consciencia não enxergava dois palmos adeante; a cada lance, era uma teia inextrincavel onde se perdia o entendimento e sossobrava o raciocinio. Leváram milhares d'anos, os homens, a condensar a atmosféra em que se moviam; era tam subtil que não lhe notavam a urdidura e tam surda que lhe não sentiam as farpas que os dilaceravam. Era perfeita; o juizo humano tomára aquela direcção e marchava, marchava nela, cada vez mais cego e convicto. Quem desiludiria os homens?

Havia coisas boas na terra, havia, o sol que nasce, o amor que desabrocha numa alma, um beijo que canta em duas bocas. Mas que sombras, que traições em redor? Uma de minhas irmãs amava, amava d'amor puro um moço forte e sadio como ela. Ele era pobre, não soubéra tomar logar entre os que mandam e a razão de familia desviou-a de seu risonho querer. Casou com um armador que tinha cem leviathans no mar e a velhice no sangue. Eu via-a no seu palacio como uma flôr resequida, cortada da roseira. O amor era isto, uma coisa quebradiça, insignificante no concurso dos interesses. A paixão era um

artigo de comercio como as chouriças de Francfort.

Os dois mundos, senhores e servos, mantinham-se em filas cerradas. Mas a cohesão neles não era maior que a dos areaes. Ser transido que os cortasse, eles rangiam, afastavam-se como a areia sob os passos. O mundo dos senhores com suas convenções era mais tôlo e picaresco, e o mundo dos servos com a sua bestialidade mais comico e lastimavel. A vaidade nuns e a ignorancia noutros levava-os a cambalhotas e a fluxos e refluxos que fariam a piedade dos deuses, se os deuses se preocupassem dos homens. Os patriarcas, esses terricolas pacificos e sabios das primeiras edades, te-los-hiam metido em jaulas como féras ou como energumenos. Ah! o genero humano valia, se tanto, uma boa gargalhada! E os homens celebravam a ordem, decantavam-na, decompunham-na em formulas como os seus problemas de sciencia. Não obstante a guerra, a fome, a violencia, a mentira, a contorsão do instincto e dos sentimentos, invocavam a harmonia preestablecida e rendiam graças ás divindades pela dadiva de tam bela desordem! A verdade — esta verdade comesinha que é o segredo da nossa serenidade e não o problema que se

pousa á nossa melancolia — não fazia caminho. Tinha-se perdido do mundo no dia em que o primeiro homem deu duas arrochadas em seu irmão. Os homens procuravam-na no complexo, quando ela estava na simplicidade; pretendiam caça-la a oculo e bastaria busca-la com as meninas dos olhos. A sciencia crescia, alargava os horizontes; o progresso era o progresso. No dominio moral andava-se ás recuas, cada vez para mais longe, cada vez para mais trevas.

Os homens eram assim entre eles, sem possibilidade de se comprehenderem e de se congraçarem. A ordem vivia desta repulsão profunda entre os dois campos como o ciume do amor. Nem revoltas, nem a sciencia, nem os filosofos encontráram o remedio para a crise das desinteligencias. O mal era invulneravel como a vontade de Deus.

A filantropia, a assistencia publica, e as instituições do *bem* eram a panacea com que os seres piedosos e opulentos procuravam debelar as mazelas sociaes tal como outróra os curandeiros as mazelas fisicas. O traço d'união estava no resultado, porque « a coisa em si », se para estes era um mistér sincero, para aqueles era sobretudo um sport deleitavel. Onde não houvesse a especulação topar-

se-hia a utopia e sempre o dolo da sociedade.

E subitamente foi revolvida a face da terra e das almas; o mar subverteu a parte mais soberba do planeta; a angustia chamou o orgulho *ás suas tamancas;* ao homem apresentou-se uma preocupação mais alta e mais constante que guerrear o homem : furtar-se á inevitavel efemeride da materia. Pela primeira vez o genero humano apercebeu a sua sombra; ela não competia com o reflexo dum reflexo.

A dôr irmanou-nos; a impotencia abateu a vaidade do *eu* autonomo; lavrados pela angustia e pelo sentimento das fragilidades, talvez que no fundo de nossa duvida dormite a esperança do milagre, o milagre do espirito, o superhomem. »

E com estas palavras a grande colmeia debandou, indo José e Rosa deitar-se no leito que as doces mães lhes prepararam.

* * *

Manhã cedo, uns semearam-se pelos campos e os locomoveis e as charruas rodáram léstamente no eido; outros fôram acordar os teares; e outros ainda montáram os doceis hidroaero-

planos, acenderam as caldeiras dos velozes *steamers*, e abaláram mar fóra a continuar nos abismos as pesquizas, que dia a dia lhes restituiam o glorioso patrimonio das civilisações.

Pacientemente haviam esvasiado alguns palacios de seus preciosos tesouros. Uma catedral inteira tinha sido arrancada das aguas, pedra a pedra, gorgona a gorgona; e erguia-se agora excelsa sobre os montes, cantando aos espaços, não já o terror, mas a audacia dos homens. Bibliothecas, laboratorios completos fôram salvos, maquinismos obedientes e intrincados como coração de mulher. Marmores divinos, bronzes anonimos, delicados lavores da paciencia e do gosto reviviam levantados do tumulo gigante. A Beleza ressuscitava, vencendo a conjura dos elementos.

Naquele dia a esquadrilha aerea e a esquadrilha naval iam procurar as ruinas duma das mais opulentas cidades de todos os tempos. O mar ahi continuava a vomitar destroços, zimborios de palacios, cofres antigos, vagões luxuosos onde os ossos chocalhavam como tentos de quino. Os homens exploravam a grande metropole submersa ha muitos anos, porfiadamente rehavendo seus tesouros d'arte e de sciencia. E era todo um exercito que a

ia acordar, entorpecida no fundo do oceano.

Os hidroaeroplanos voejáram, tornejáram, d'olhos folheando as profundas. E, logo que fixáram o velho palacio encantado á beira de caes reluzentes, suspenderam o vôo sobre as ondas. Os barcos acudiram e uma turma d'homens equipou-se para descer aos abismos. Calçaram chinelas de chumbo, envergáram capacetes monstruosos e desapareceram na agua. Maquinas possantes e dextras rufláram, enviando-lhes ar; olhos anciosos liam o mostrador electrico que repetia os passos os transes, as linhas, os haustos dos escafandristas.

Durante um quarto d'hora a marcha foi resoluta e segura. Depois o ponteiro sensivel começou a marcar curvas, paragens, sobresaltos, indecisões de vontade, calafrios nervosos. A pupila dos maquinistas ardia como velas. Penosamente os mergulhadores continuáram a avançar, tropeçando, rastejando. Meia hora, e subitamente o alarme soou, um alarme frenetico que clamava todas as pulsações da angustia.

Içaram-se os mergulhadores; apenas dois despontáram á flôr das ondas. E, de queixaes a bater como matracas, contáram que o velho palacio dos reis e da civilisações era a toca

duma fauna monstruosa que ceifára dum só golpe o companheiros.

Entretanto uma frota de aviões voou para eles paralisados de dôr e de assombro. E segundo piquete se organisou, mais forte, armado de carabinas e de alfanges e com lampadas de grande raio, para descer ao mar, disputar aos monstros as migalhas de beleza, escápas das mãos dos homens. José, aprestando-se, por sua amada jurou não voltar sem o pedaço mais divino do soberbo palacio.

Apeáram no jardim faustoso em que as estatuas derrubadas e partidas historiavam a derrota das vaidades humanas. Os satiros, as ninfas e os gladiadores, toda a patulea dulcissima dos poetas, haviam sido cuspidos para os limos e na sua frialdade alva eram ironias aceradas contra a creação.

Alguns craneos roláram aos pés dos homens; junto a dois estava uma espada e um par de *sabots* do Auvergne. Qual deles seria o do brilhante oficial e qual o do humilde *auvergnat?*

O Arco do Triunfo do Carrousel estirava-se sobre o flanco, arrombado como uma fragil caixa de papelão. Os soldados imperiaes e a arrogante quadriga de bronze faziam por terra, mutilados, esfacelados, parecendo que

mil corvos se houvessem cevado neles num fim de batalha. E em volta das roseas columnas corintias moluscos nojentos enroscavam-se.

A turma dos escafandristas passou ávante, ladeando um alto plintho, monumental, donde os simbolos haviam voado como folhas d'arvore. E em face, na penumbra, avultaram os dois braços em tenaz do palacio, soltando o clamor aflito dum belo e grande animal moribundo.

Sobre as lages estendia-se toda a soturna poeira da morte; tibias, caveiras d'homens e de cavalos, farrapos desfigurados de estatuas, boucelos de cornijas. Num square os troncos d'arvore erguiam-se ainda, lividos e immoveis como espectros de zinco. E sobre as pernadas as medusas entorpeciam-se e as aranhas do mar descreviam requebros ligeiros. Um enorme autobus estava ali ao pé, quasi intacto, misterioso, e ao volante viam-se ainda umas falanges descarnadas que se crispavam.

O pavilhão Denon estava a meio derruido. Uma barricada de destroços tolhia o acesso do vestibulo, e sobre o gume das paredes desmanteladas peixes de mil fantasias rodopiavam, descarregando na penumbra seus fogos electricos num arraial de feeria.

No pavilhão Daru, a Sala dos Prisioneiros Barbaros e o Pateo da Esfinge não eram mais que um montão de escombros, onde campos de coral floresciam. Apenas a cabeça de Minerva emergia como uma aparição apaziguadôra.

Os escafandros trepáram aquela colina inspirada, deixando nos coraes o rasto profundo de passos sobre a neve. E á entrada do Corredor de Pan divisáram uma bateria inteira d'olhos vidrados e chatos, como almofias mourescas, assestáda contra eles. Era ali que haviam caído os companheiros sob a chicotada tremenda dos tentaculos dos cefalopodes. Os monstros lá estavam em seu covil augusto, depois do banquete na carne dos homens.

Frios, calando o sentimento, os homens recuáram e de novo desceram ao atrio, procurando escalada mais propicia. Outra vez calcáram as cinzas esparsas dos estilos reaes. Os amplos *guichets* estavam obstruidos de vasa e de troncos podridos d'arvores; a asa direita do palacio mostrava uma ferida sangrenta e, nos frisos, estatuas d'homens ilustres mantinham-se num equilibrio caprichoso, num desafio á vertigem.

Vendo novamente cortado o passo, num conciliabulo mudo, decidiram tentar a entrada

pelo vestibulo Denon. De gatinhas, marinhando pelos hombros uns dos outros, treparam a rampa alta de doze covados, entre cardumes de peixes que voavam. Escorpiões viéram para eles, fairando; afugentáram-nos á machadada, tingindo de sangue as aguas.

Desceram o declive, um declive brusco de cisterna e poséram pé no vestiario. O solo estava calçado d'ossos humanos. O panico arrebanhára para ali os homens em enxurrada e seus esqueletos descreviam na desordem e no monturo o paroxismo da fuga. Joias e oiro faiscavam sobre o ossario. Caveiras beijavam-se e caveiras mordiam-se. Tibias estavam cravadas contra thorax como lanças. Um capacete de couraceiro entalava ainda os quatro ossos dum craneo. A morte arreganhava os seus infinitos rictus hediondos.

Meteram resolutamente para a galeria. Nem um fremito, nem sombra de vida. A tumultuaria vida do mar suspendia-se nos humbraes daquela nave, onde os homens haviam reconstituido todo o sol do paganismo. Era o templo do silencio, defezo, interdicto por quem? As abobadas conservam-se firmes, apenas os peitoris das frestas haviam saltado. Os heroes e os seres divinos da antiguidade persistiam erectos nos pedestaes. Mas

não guardavam aquele rigor de fileira, no meio das quaes os seculos passavam contemplando. Estavam misturados, dir-se-hia em assembleia, Venus, Tritões e Martes. A Venus de Cnide conservava toda a voluptuosidade de sua linha reginal de seductora. A Venus de Medicis parecia apontar, ao alto, a escadaria de marmore.

Os escafandristas arrastáram as estatuas por sobre o ossario que rangeu e se esfarinhou como grãos de trigo sob a mó. E, feito o signal ás esquadrilhas, voltáram dentro á colheita inspirada. E subitamente enxergáram no tope da escada que a mão de Apolo lhes indicava, a Victoria de Samothracia, alando-se na angusta triréme. E todos, á uma, se precipitaram para aquele simbolo que reimplataria o prestigio dos homens.

Dos lados, porêm, dois horrendos monstros marinhos surgiram, espadanando a agua e vomitando uma baba de fogo. Tinham cabeça e crinas de cavalo e barbatanas largas como asas de aeroplano. E, desenrolando-se em aneis duma grossura de robles, os homens não lhes viam a cauda que espadanava entre os marmores.

Eles descarregáram as espingardas, e abrigados por traz d'Antinoüs e os frisos de

Delphos despediram-lhes golpes furiosos de alfange e de machado. A agua coloriu-se e a cauda vascolejante das serpentes, feridas, derribava arcadas e pulverisava marmores.

Morreram homens, mas os homens venceram. E a ilha verde dos Contins e dos Zorn possuiu a Victoria Alada, a Victoria que cantára o triunfo do genio heleno, e cantaria agora a continuidade gloriosa do esforço humano.

A meiga Rosa que perdera José, as mulheres que perderam os amantes, choravam. Os outros erguiam um hossana ás alturas. Zorn, misterioso, murmurou : é a vida ! é a vida !

Paris 1910-1912.

INDICE

TYP. AILLAUD, ALVES & C.ª



